

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE DESPORTOS – CDS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A DISCIPLINA LAZER E RECREAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDO SOBRE ALGUNS TRATOS CURRICULARES EM
UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO PARANÁ**

LIAMARA SCHWARZ

**FLORIANÓPOLIS
2007**

LIAMARA SCHWARZ

**A DISCIPLINA LAZER E RECREAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDO SOBRE ALGUNS TRATOS CURRICULARES EM
UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao programa de mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre em Educação Física. **Área de concentração:** Teoria e prática pedagógica.

Orientador: Profº Dr. Maurício Roberto da Silva.

**FLORIANÓPOLIS
2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

A dissertação: A DISCIPLINA LAZER E RECREAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDO SOBRE ALGUNS TRATOS CURRICULARES EM UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO PARANÁ

Elaborada por: **Liamara Schwarz**

Orientador: Dr Maurício Roberto da Silva

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo curso de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Área de Concentração: Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento

Coordenador do Mestrado em Educação Física

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama

Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires

Prof. Dr. José Luiz Cirqueira Falcão

Aos meus pais, Arnaldo e Ingrid Schwarz, pelo apoio imprescindível na minha formação profissional e de cidadã. A minha irmã Leonice Schwarz de Oliveira, companheira de todas as horas e nas correções desta dissertação. E a todos que sempre acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste estudo contei com inúmeras pessoas, embora muitas delas jamais venham a saber disso. E como não seria possível agradecer a todas elas, desejo aqui expressar meu carinho e gratidão àquelas que mais diretamente contribuíram para a realização deste trabalho de pesquisa.

Cursar o mestrado em Educação Física da UFSC, foi um período muito especial de minha vida, pois me proporcionou a concretização de um sonho e um ideal há muito almejado. Agradeço a todos os que me orientaram, colaboraram e tornaram possível esta realização:

Um sonho desejado e alcançado, mesmo sendo tão distante do mundo vivido, pela autora, encontrando pessoas boas e más, com encontros e desencontros, mas com muita aprendizagem e humildade.

Ao meu orientador que se dizia desorientador Dr. Maurício Roberto da Silva, uma grande pessoa, de coração e amizade, de um profissionalismo, conhecimento incomparável, um poeta, um artista, fica aqui minha gratidão e grande admiração. Sei que, por onde eu passar, levo um pouco dele junto comigo, suas idéias, lutas e brigas por uma sociedade mais livre e justa, sempre lutando em causa dos outros.

Aos amigos da turma, e com quem mais tive contato: Jéssica, o Miguel, Márcia, Mariana, Eliane e Mauro Betti, Yara e a grande amiga Clarete, uma pessoa maravilhosa, a mais companheira de todas nas horas difíceis e boas, de uma bondade e fragilidade inigualável. A maior amiga que alguém pode conhecer. E a Carol que suportou as minhas rabugices morando juntas.

A todos os jovens da MUNIL, participantes da comunidade da Igreja Evangélica Luterana no Brasil em Florianópolis, ao pastor Ruy, sempre com aquele sorriso de amigo nas horas mais difíceis do mestrado. Tenho que agradecer por estar mais perto de Deus, acreditar naquilo que faço e nos meus atos.

À UFSC e, principalmente, ao Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina e ao curso de mestrado em Educação Física, pela oportunidade de vivenciar esta experiência;

À UNIGUAÇU/FAESI – Em especial os Diretores Franco Sereni, Moacir Leme (in memoriam) Andrea e Ernani (in memoriam) que investiram e acreditaram no meu processo de formação, possibilitando o transpor de mais um passo rumo à qualificação docente.

A banca examinadora, pelas contribuições relacionadas à investigação Hélder Isayama, Falcão e especialmente ao grande amigo Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires que contribuiu e contribui na minha formação acadêmica e como ser humano, uma pessoa meiga e sempre pronta a ajudar a quem precisa, ao ombro amigo que eu tinha quando precisava.

Aos participantes da investigação, Rogério Massarotto de Oliveira, uma pessoa que só conhecendo para saber quem ele é, uma sintonia muito grande, muitas risadas e de grande conhecimento e muita admiração, Ilse uma amigona e Denise.

Aos professores que atuaram como mestres nas disciplinas do curso de mestrado, e contribuíram, cada um da sua forma, para minhas escolhas epistemológicas e meu amadurecimento científico e social,

Aos meus pais, Arnoldo e Ingrid Schwarz, pelo apoio imprescindível na minha formação profissional e de cidadão.

A minha irmã Leonice companheira de todas as horas, nas correções desta dissertação. Ao meu cunhado José e o pequeno Gabriel. Ao meu irmão Liomar, a minha cunhada Maria e minhas três sobrinhas Andressa, Larissa e Alessandra Schwarz, o meu carinho a todos.

A duas pessoas muito especiais, se não fosse por elas eu não estaria nesta área, Maria Zuleika Koritiak e Yara Kuster, pessoas maravilhosas que sempre me ajudaram e por quem tenho grande admiração como pessoa e profissionalmente. A todos os participantes da Confraria do Lazer do Paraná, que só me fazem crescer profissionalmente, dentre eles o Marcos Ruiz.

Ao meus amigos de morada, Marlene e Osni Zanoni, pessoas justas, honestas, de bom coração e uma alegria contagiante, sempre prontos a tudo. Aos amigos de trabalho Rejane, Manoel (Neco), Luís Cezar (Cobra), Inelves, Vera, Julia Maria, José Carlos (Spok) Carlos (Cafu).

As pessoas que conviveram comigo durante e antes desses anos dividindo alegria e angústias, os sofrimentos e as conquistas dos difíceis tempos em que vivemos. Aos meus alunos que me fazem viver o dia a dia de uma educadora sempre em busca da formação profissional e humana, mostrando uma sociedade injusta e desigual a todos, fazendo com que nós somos o diferencial da nossa profissão tratando todos com igualdade.

*Arranca o couro cabeludo
 Arranca caspa, arranca tudo
 Deixa entrar sol nesse porão
 Em qualquer dia por acaso
 Desfaz-se o nó, rompe-se o vaso
 E surge a luz da inspiração
 (...)*

*Pega a palavra, pega e come
 Não interessa se algum nome
 Possa te dar indigestão
 (...)*

*A porta se abre e de repente
 Como se no ermo do presente
 Se ouvisse a voz da multidão
 E o que tem força, o que acontece
 É como um dia que estivesse
 Sem calendário ou previsão
 Fica de espera, de tocaia
 Talvez um dia a casa caia
 E fique tudo rés-no-chão”¹*

*“Quando o sol bater na janela do teu quarto,
 lembra e vê que o caminho é um só.”
 (Renato Russo)*

*Nossa missão na vida não consiste em
 Superamos a “nós” mesmos!
 (Thomas Monsn)*

¹ . Letra de “Inspiração”, de Gilberto Mendonça Teles e Pedro Luís, gravada no CD “Vagabundo”, de Ney Matogrosso e Pedro Luís e a Parede (2004).

A DISCIPLINA LAZER E RECREAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDO SOBRE ALGUNS TRATOS CURRICULARES EM UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO PARANÁ

Autora:Liamara Schwarz

Orientador: Maurício Roberto da Silva

RESUMO

O interesse despertado para estudar o tema “Lazer e Recreação nos Cursos de Educação Física” se verifica devido ao fato de trabalhar como docente na disciplina citada, numa instituição de Ensino Superior no Paraná. Justificativa e delimitando o problema é importante destacar que grande parte dos currículos em Educação Física no Brasil trazem em seus pressupostos o conceito funcionalista e utilitarista do lazer e da idéia da prática pedagógica recreativa. Nesta linha de raciocínio, urge portanto destacar que, em termos da relevância acadêmica e social do conhecimento produzido na perspectiva dos “Estudos do Lazer” em especial para o Estado do Paraná, esta pesquisa pretende cobrir uma lacuna existente na produção do conhecimento que leve em conta as demandas das universidades locais. Assim sendo, penso ser de suma importância realizar esta pesquisa, considerando que há poucos estudos desenvolvidos no Paraná, na área de Recreação e Lazer. A pesquisa é empírica com coleta de dados através de documentos e técnicas como entrevistas. A dimensão bibliográfica do estudo atende ao pressuposto de construção teórica do objeto de estudo. O lócus do estudo foi delimitado para os cursos de Licenciatura das Universidades Estaduais do Paraná. Isto posto, o objetivo central desta pesquisa é *analisar os pressupostos teórico-metodológicos subjacentes às práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina Recreação e Lazer, no âmbito do currículo da Licenciatura em Educação Física em Universidades Estaduais do Paraná*. A pesquisa foi delimitada, enquanto lócus da prática investigativa, nas três universidades Estaduais seguintes: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade estadual de Ponta Grossa (UEPG). Neste sentido, convém justificar as três instituições por estarem distribuídas em diferentes regiões dentro do estado do Paraná. Concluí-se que a disciplina pesquisada não deve furtar-se de abordar conteúdos clássicos dos estudos do lazer e da recreação, mas fazer críticas ao modelo de disciplina, que se resume ao oferecimento de jogos e brincadeiras. Não significa eliminar a “parte prática”, mas sim reconceituá-la e implementá-la de forma articulada com a compreensão teórica. Através dos estudos nos programas, foi possível diferenciar através das ementas, objetivos, conteúdos e bibliografias, a competência de cada docente, percebendo que dois são da área e possuem mestrado na área, mostrando a diferença nas universidades pesquisadas. Percebi que, no Paraná, o diferencial das concepções de Lazer e Recreação está na ação/reflexão/ação das disciplinas trabalhadas pelos profissionais, contrapondo com os demais trabalhos lidos, onde prevalecem à prática.

Palavras-chave: lazer, recreação, currículo, formação profissional e humano.

**THE MEANING OF SUBJECT “LEISURE AND RECREATION” IN THE
CONTEXT OF CURRICULUM OF LICENCIATURE IN PHYSICAL EDUCATION
AT PARANA STATES UNIVERSCITIES.**

Author: Liamara Schwarz

Advisor: Dr. Maurício Roerto da Silva

ABSTRACT

The interest in studying the theme “Leisure and recreation in the Physical education subject” is due to the fact the work with teacher as subject mentioned, in a superior teaching institution at Parana state. Justifying and limiting the problem is important highlight that great part of physical education curriculums in Brazil have in their previous concepts the working and utility ones in the idea of recreational pedagogic practice. Following this though it is essential to highlight that in relevant academic and social points of knowledge originated in perspective of “Recreation studies” in special to Parana state, this research intends to cover the lack existent in knowledge production which get the necessity of local universities. Then being, it has a great importance to do this research considering the few studies developed at Parana state in the area of Leisure and Recreation. The methodology approach used is being checked through qualitative character investigation beside that the empiric research which involves the matching of documental research (curriculum analysis), the interviews with teachers and the bibliographical research. The main point of study was delimited to the courses of Graduation at Parana States Universities as well the earlier points methodology and theoretical developed at pedagogic practices developed in the leisure and recreation subject. The research was limited in the target of investigative practice at three (03) universities as follow: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade estadual de Ponta Grossa (UEPG). It is very important to detach the three (03) institutions be distributed in different regions into Parana state. It is concluded that in the subject studied it is necessary to deal with classical points of studies in the leisure and recreation but to be very critical at the discipline model which is summarize by offering games and jokes, not meaning that eliminate the practice side but renamed and implant it in the articulated form with the theoretical comprehension. It was possible as well to differ through the study, goals, contents and bibliographies the competence of each teacher realizing that two (02) are from area and got the master degree in that, showing the difference at universities which was done the research. It was concluded that at Parana state the good difference in leisure and Recreation concepts is at action/reflection/action of worked subjects by professionals against the idea of other works where the main point is the practice.

Key-Word: leisure, recreation, curriculum, human and Professional formation.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 –OBJEITVOS.....	20
QUADRO 2 – EMENTAS.....	21
QUADRO 3 – CONTEÚDOS.....	21
QUADRO 4 – BIBLIOGRAFIAS.....	22
QUADRO 5 - ROTEIRO PARA ANÁLISE DOS DOCUMENTOS, CURRÍCULOS, PROGRAMAS E PLANOS DE ENSINO.....	28
QUADRO 6 - PALAVRAS–CHAVE EMERGIDAS DAS ENTREVISTAS.....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: justificativa e pertinência do estudo.....	11
2 ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	17
2.1 O lócus da pesquisa e recorte em termos de tempo/espço: apresentando as Universidades investigadas.....	17
2.2 A disciplina Recreação e Lazer no contexto do currículo das diversas universidades do Paraná: UEM, UNIOESTE E UEPG.....	20
2.3.Caminhos teórico-metodológicos.....	22
2.4 As abordagens metodológicas da pesquisa	24
3 REFLEXÕES SOBRE CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	29
3.1 Concepções de currículo	29
3.2. Formação de professores/educadores: alguns apontamentos	35
3.3. Formação de professores em Educação Física.....	42
4 OS TRATOS PARA COM A DISCIPLINA RECREAÇÃO E LAZER EM ALGUMAS INSTITUIÇÕES ESTADUAIS DE ENSINO SUPERIOR DO ESTADO DO PARANÁ.....	49
4.1 Palavras-chave emergidas do campo exploratório.....	49
4.2 As relações e significados entre lazer e recreação no Brasil: em busca de algumas pistas historiográficas	51
4.3 Reflexões sobre trabalho, lazer e tempo livre	63
4.4 A disciplina recreação e lazer investigadas em algumas instituições de ensino superior do Paraná: em busca da superação do senso-comum	75
4.5 Para que serve a recreação e o lazer nas aulas de Educação Física?.....	86
5 QUASE FINALIZANDO.....	86
REFERÊNCIAS	97
Bibliografia consultada.....	103
 ANEXOS	
Carta aos coordenadores.....	105
Termo de consentimento Livre esclarecido.....	106
Programa da disciplina universidade 1.....	108
Programa da disciplina universidade 2.....	111
Programa da disciplina universidade 3.....	113
Entrevistas.....	117

1. INTRODUÇÃO: JUSTIFICATIVA E PERTINÊNCIA DO ESTUDO

O meu interesse despertado para estudar o tema “Lazer e Recreação nos Cursos de Educação Física” verifica-se devido ao fato de trabalhar como docente nesta disciplina, numa instituição de Ensino Superior no Paraná.

Durante toda a minha trajetória como professora desta disciplina, percebi alguns limites, equívocos e problemas no trato com este conhecimento, fato este que, pelas minhas observações empíricas e intercâmbios com colegas de outras instituições do Estado do Paraná, pareciam comuns a todas essas universidades que desenvolvem o curso de Educação Física.

No âmbito da justificativa e delimitação do problema é importante destacar que alguns dos currículos em Educação Física no Brasil trazem em seus pressupostos o conceito funcionalista e utilitarista do lazer, assim como a idéia da prática pedagógica recreativa apenas como mera “consumo” e repasse de “joguinhos” e brincadeiras, visando, primordialmente, a aprendizagem de atividades para ocupar os alunos em dias de chuva na escola ou ainda para proporcionar-lhes, sem problematização e crítica, alegria, prazer e, até mesmo um controle social², normalmente, verificado nas práticas ditas “lúdicas” realizadas nas aulas de educação física e até nos recreios. Nesta questão, percebi também que há ainda nas disciplinas Recreação e Lazer dos cursos de Educação Física uma visão do senso-comum que considera a recreação como “*coisa de criança*”, atividades para amenizar os problemas da vida cotidiana, pão e circo, *animação* e uma redução dos conteúdos culturais do lazer, limitando-os, apenas, como jogos *esportivos* e *recreativos*. Esses conteúdos culturais, expressão maior das práticas recreativas na área de Educação Física, são denominados por Dumazedier de *interesses físicos do lazer* (jogos pré-desportivos, pequenos e grandes jogos, esportes em geral, ginástica, enfim, práticas corporais recreativas).

A esse respeito, percebo, a partir da minha experiência como professora, que há uma tendência em tratar qualquer tipo de atividade, independentemente dos valores éticos, estéticos e político-pedagógicos como “atividades/práticas recreativas”, como atividades supostamente “lúdicas”, não importando, assim, o conteúdo político-pedagógico, ético e moral presentes nas entrelinhas dos discursos e das práticas recreativas. Refiro-me às práticas dotadas de valores como a violência, como por exemplo, aquilo que Eric Fromm chamou de

² Segundo Marcassa (2002) disciplinar o corpo e controle dos tempos, espaços e práticas realizadas na escola ou nos momentos vagos entre as atividades obrigatórias.

violência recreativa (rachas de galeras “filhinhos de papai”, brigas de galo) enfim atividades que Dumazedier chamou de *anti-lazer*.

Acredito que durante muito tempo, os cursos de Educação Física, fizeram “vistas grossas” a essas questões, cuja natureza educativa e política podem comprometer e interferir na “aprendizagem social” dos tempos escolares.

Além dessas questões suscitadas, há ainda em alguns cursos de Educação Física um certo “fetiche” dos receituários e *manuals* de jogos e brincadeiras, os quais parecem ter o papel de conteúdos norteadores da disciplina recreação e lazer, através das chamadas *aulas de recreação* tanto na esfera escolar, quanto não-escolar. Além disso, percebo que há, também, tanto no âmbito dos estudantes, quanto dos professores, um reducionismo do conceito de recreação e lazer, fato este, que tem levado grande parte da comunidade acadêmica da Educação Física a confundir os conceitos de recreação e lazer, tidos como sinônimos, além de utilizar sem nenhum questionamento crítico os conceitos de lúdico, diversão/divertimento, entretenimento, prazer, alegria, animação e outros.

Todos esses argumentos e reflexões, trago da livre observação empírica; tais argumentos apresentam-se, neste processo de construção da pesquisa, também como uma autocrítica da minha própria prática pedagógica, cujo processo esteve sempre imbuído de reflexões filosóficas e teórico-metodológicas, ainda que permeado de equívocos, dúvidas e senso-comum acerca dessas problemáticas.

Considerando todo esse arrazoado de questões, esta pesquisa se justifica também pelo fato de que vejo como anacrônico e inadequado o que veiculam alguns cursos de Educação Física, em termos de práticas e atividades recreativas pedagógicas que tratam sobre Recreação e Lazer, apesar das férteis críticas, da produção do conhecimento e posições epistemológicas veiculadas nos anos 1990 e de 2000 a 2006, acerca do debate em torno da Sociologia do Trabalho e do Lazer³.

Também penso que a disciplina em estudo precisa se apropriar com mais vigor e crítica sobre as relações imbricadas entre trabalho e lazer, assim como as reflexões sobre a possibilidade do usufruto do “tempo livre” no capitalismo, questão esta, aliás, levantada por Padilha (2000, p.50) no sentido de que “se é possível ter tempo livre no capitalismo”, uma vez que para a autora “tempo livre e capitalismo são um par imperfeito”.

Nesta linha de raciocínio, necessário se faz, portanto, destacar que, em termos da relevância acadêmica e social do conhecimento produzido na perspectiva dos “Estudos do

³ Refiro-me aos Anais do Congresso Mundial de Lazer/São Paulo, 2000 e as pesquisas dos autores como: ANTUNES, Ricardo; KURZ, Robert; SADER, Emir; PADILHA, Valquíria).

Lazer”, em especial para o Estado do Paraná, esta pesquisa pretende cobrir possíveis lacunas existentes na produção do conhecimento acerca das questões político-pedagógicas em relação ao fenômeno imbricado da Recreação//lazer/formação profissional.

Desta forma, penso ser de suma importância realizar este estudo, considerando que há poucos estudos desenvolvidos no Paraná, na área de Recreação e Lazer e, que, além disso, há uma rica tradição de natureza “prática da recreação” (atividades e parques, acampamentos etc.) em nosso Estado, que precisa de uma análise crítica no sentido de redimensionar as experiências do passado e atualizá-las à luz das novas reflexões teóricas acerca da Sociologia do Lazer, articulada à sociologia do Trabalho.

Com este procedimento, penso, minimamente, estar contribuindo para com o processo de mudanças, ainda que lento, mas que já está em curso, nas diversas experiências desenvolvidas por algumas universidades no “campo de jogo” das disciplinas sobre Recreação e Lazer⁴.

O problema de pesquisa em questão, instiga-me a fazer novas pesquisas no Estado do Paraná, tendo como referência os estudos realizados por Valente (1997), a partir da idéia de investigar “O Lazer e a Recreação no Currículo dos Cursos de Educação Física do Nordeste” e também da pesquisa intitulada “Recreação e Lazer como integrantes dos currículos dos cursos de Graduação em Educação Física”, de a autoria de Isayama (2002). A primeira pesquisa tratou da análise do conhecimento produzido e sua inserção nos cursos de Educação Física. A tarefa foi evidenciar matriz conceitual (teorias básicas que fundamentam os trabalhos) e princípios metodológicos (da pesquisa e do ensino) de Recreação e Lazer, mostrando como estas categorias se manifestam no contexto curricular, nas Universidades do Nordeste. A segunda investigação, realizada por ISAYAMA (2002) teve como objetivo diagnosticar e analisar o conteúdo que vem sendo desenvolvido sobre a recreação e o lazer no interior dos currículos dos cursos de formação profissional de Educação Física nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas do País, cujos resultados serão apresentados mais adiante, neste trabalho.

Em linhas gerais, o problema de pesquisa pode ser traduzido a partir da seguinte “pergunta de partida”: *Quais os tratos teórico-metodológicos, dedicados à disciplina Recreação e Lazer no contexto do currículo de formação de professores em Educação Física, em algumas Instituições Estaduais do Ensino Superior do Paraná?*

⁴ Refiro-me ao trabalho de Elza Peixoto, Eurídia R.Barletta. Notas sobre a recreação e Lazer no âmbito dos cursos de graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina. In: Encontro nacional de Recreação e Lazer, 12, 2000, Balneário Camboriú. Coletânea/universidade do Vale do Itajaí, 2000, p. 113-127. É o único trabalho desde 2.000 até agora sobre esse tema no estado do Paraná.

A partir da pergunta principal ou pergunta-hipóteses norteadoras, emergiram algumas “*questões de pesquisa* (hipóteses paralelas ou específicas)” que se aliaram as outras que surgiram durante o processo de construção desta investigação, a saber:

- *Quais as concepções de lazer e recreação presentes nos programas e planos de ensino das disciplinas das universidades estaduais?*
- *Quais os entendimentos e os tratos pedagógicos sustentados nos programas e planos de ensino relativos às “atividades/práticas recreativas”?*
- *Que tipo de conteúdo(s) a(s) disciplina(s) da área de recreação e lazer estão disseminando na formação de professores da Educação Física?*
- *Quais as concepções sustentadas pelos professores da disciplina lazer e recreação das instituições investigadas, acerca dos conceitos lazer, recreação, tempo livre e trabalho?*
- *Quais os entendimentos sobre “atividades/práticas recreativas” presente nos depoimentos (entrevistas) dos professores/professoras da disciplina lazer e recreação das universidades estaduais do Paraná?*

Isto posto, o *objetivo central* desta pesquisa é *analisar os pressupostos teórico-metodológicos e político-pedagógica subjacentes às ações desenvolvidas na disciplina Recreação e Lazer no âmbito do currículo da Licenciatura em Educação Física em Universidades Estaduais do Paraná.*

Na busca de coerência entre a formulação do problema (pergunta de partida) e o objetivo central supramencionado, surgem os objetivos específicos desta investigação, os quais estão implícitos nas questões de pesquisa/hipóteses.

Esta pesquisa está delimitada, como tempo-espço e lócus da prática investigativa, nas três universidades estaduais seguintes: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Quanto a isto, convém justificar em virtude destas três instituições eleitas estarem distribuídas em diferentes regiões dentro do estado do Paraná, optando, portanto, por um recorte que leva em consideração as problemáticas significativas de cada.

Quando está em jogo um debate crítico acerca do significado da disciplina Recreação ou Recreação e Lazer e a relevância deste estudo, necessário se faz reforçar o papel acrítico que esta, em algumas instituições, vem cumprindo no processo de formação humana, ao

desconsiderar questões históricas, conceituais, político-ideológicas acerca das categorias, lazer e recreação.

Colocado o problema de pesquisa nestes termos, pensamos ser de grande relevância social e teórica um estudo desta natureza, uma vez que, ao centrar os conteúdos da disciplina Recreação e Lazer nas perspectivas *românticas, utilitaristas, funcionalistas e compensatórias* (Marcellino, 1987), fato este bastante usual, esta disciplina termina por inculcar uma formação calcada na manutenção do “status-quo” e no conformismo, ao desconsiderar as relações imbricadas entre o mundo do trabalho e do lazer/tempo livre/recreação e, por fim, ao fazer vistas grossas às inter-relações entre lazer e cultura, lazer e política, enfim, entre lazer e sociedade.

Pode-se dizer que a função da recreação ainda é fortemente compreendida nas instâncias de formação acadêmica, a partir da concepção reducionista de recuperação da força humana de trabalho, fato que, aliás, resulta em benefícios para a acumulação de capital dos empresários. Assim, para Marcassa (2002) o operário descansado, restaurado, saudável, contente e alegre sentir-se-á feliz e assim, produzirá muito mais e, certamente, mais barato. A recreação, que responde a interesses político-ideológicos, e a diversão são entendidas como a compensação do mundo do trabalho. Ocupação adequada ao controle do *tempo livre* (dentro e fora do trabalho), sob a forma de recreação organizada, cujo objetivo era, o de desempenhar um papel moralizador e cívico. Esta, ainda hoje, é concebida como uma válvula de escape das tensões do trabalho e da escola, capaz de propiciar hábitos de higiene, bom comportamento, controle de si mesmo e, finalmente, *desviar* crianças e jovens do mundo das drogas e da marginalidade social. O sentido que recai sobre a recreação vem ao encontro da sociedade do capital, ou seja, o controle absoluto de todas as dimensões da vida humana, dentro e fora do trabalho, visando à perpetuação do modo de produção capitalista.

Colocados os argumentos supracitados acerca da relevância do problema de investigação em questão, urge que um estudo desta natureza *busca analisar criticamente o que está implícito e explícito nos discursos e práticas curriculares acerca do mundo do lazer e, conseqüentemente, do mundo do trabalho*, e se justifica em razão de estarmos vivendo um momento histórico, que é regido, de forma destrutiva, pelo modo de produção capitalista. Na lógica deste sistema, há uma enorme destruição das forças produtivas, um aumento gradativo do desemprego e subemprego, a degradação do meio ambiente, a morte do tempo livre, o agravamento das desigualdades sociais, da pobreza e da miséria, e, por fim, a destruição do direito ao trabalho e ao lazer, cujas mazelas são oriundas das políticas econômicas neoliberais vigentes. No entanto, isto não significa negar o papel da universidade no sentido de

problematizar e refletir criticamente sobre *questões de relevância pública* (Recreação e Lazer), como afirma Wright Mills (1982) em seu livro *A imaginação Sociológica*.

Em suma, destaco que, apesar das disciplinas sobre Recreação e Lazer suscitar grandes debates sobre o seu papel e bases epistemológicas, considerando livros, teses, dissertações de mestrado, anais de congresso etc., penso que esta pesquisa pode ajudar a preencher uma lacuna a mais na produção científica da área, sobretudo, quando está em jogo um estudo que envolve as Universidades Estaduais do Paraná. Desta forma, os conhecimentos sobre Recreação e Lazer são compreendidos como saberes socialmente produzidos e diretamente ligados aos chamados *Estudos do Lazer*, os quais têm sido histórica e academicamente produzidos por professores (mediadores do conhecimento), no contexto do currículo, da formação humana de professores em Educação Física de todo Brasil e, em especial, nas Instituições do Ensino Superior do Paraná.

Este estudo está apresentado da seguinte forma: Introdução, justificativa e pertinência do problema, no qual procuro justificar com alguns argumentos a relevância do estudo para as universidades do Paraná. No *capítulo 1*, trago os “Elementos e Caminhos Teórico-Metodológicos da Pesquisa”, enfatizando as relações entre abordagens metodológicas e teóricas, assim como, algumas *categorias teóricas* e as *categorias “empíricas”* emergidas do campo, as quais têm como objetivo tensionar o diálogo entre elas, visando construir a estrutura da dissertação em termos da estrutura dos capítulos. No *Capítulo 2*, priorizo reflexões sobre currículo e formação de professores em Educação Física, concepções de currículo, formação humana, formação de professores/educadores; No *Capítulo 3*, enfatizo o problema de pesquisa, ao analisar os tratos para com a disciplina recreação e lazer em algumas instituições estaduais de ensino superior do estado do Paraná, as relações e significados entre lazer e recreação no Brasil, algumas pistas historiográficas, reflexões sobre trabalho, lazer e tempo livre e como a disciplina recreação e lazer vêm sendo concebida e desenvolvida em algumas instituições de ensino superior do Paraná, em busca da superação do senso-comum. Por fim, nas considerações finais provisórias, busco responder a pergunta de partida e as questões de pesquisa/hipóteses.

2. ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo estão em jogo os elementos teórico-metodológicos da investigação. Nele procuro não desvincular a relação método-teoria, buscando com isso uma outra visão de “metodologia da pesquisa”, que possa abarcar as questões de natureza epistemológica, técnica (procedimentos) e teórica, além do lócus da pesquisa. Mostra, enfim, os arranjos que, como pesquisadora e professora da disciplina Recreação e Lazer, busquei, tomando como inspiração alguns pressupostos da pesquisa qualitativa. Nestes termos, este capítulo pretende subsidiar, na perspectiva da relação teoria e método, a partir da criatividade científica e da *imaginação Sociológica* (MILLS, 1992).

2.1 O lócus da pesquisa em termos de tempo/espço: apresentando as Universidades investigadas

Primeiramente será apresentado um histórico do curso da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG. A criação e autorização de funcionamento do curso de Licenciatura em Educação Física, pelos Conselhos de Ensino Pesquisa e Extensão e Universitário da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG realizou-se no ano de 1973. As justificativas utilizadas foram as seguintes: necessidade de atender à demanda existente; preencher um campo que era carente, à medida que existia uma falta de profissionais habilitados para ministrarem aulas nos colégios de Ponta Grossa e região; e, por fim, formar profissionais habilitados para dirigirem as equipes esportivas da cidade e da região, visto que a participação de Ponta Grossa no cenário esportivo Estadual e Nacional era significativa.

Após a tramitação junto aos Conselhos Superiores da Universidade, a proposta de criação do Curso recebeu aprovação por unanimidade, cabendo então ao Reitor, Professor Álvaro Augusto da Cunha Rocha, determinar o funcionamento do Curso de Licenciatura em Educação Física Masculino e o Curso de Licenciatura em Educação Física Feminino, a partir do ano de 1974.

O reconhecimento dos cursos aconteceu com o Decreto n. 82.413 de 16 de outubro de 1978, publicado no Diário Oficial da União, n. 16.716 de 17 de outubro do mesmo ano. Inicialmente os cursos foram instalados junto ao Departamento de Biologia do Setor de Ciências Biológicas e da Saúde para posteriormente, em função de uma reestruturação departamental ser transferidos para o Departamento de Educação do Setor de Letras e

Ciências Humanas, juntamente com os Cursos de Pedagogia e Serviço Social. Entretanto, com a criação do Departamento de Educação Física em 1987, o Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão entendeu por bem retorná-lo para o Setor de Ciências Biológicas e da Saúde, por considerá-lo um curso com características afetas a esse setor.

Todavia, a Universidade não possuía instalações próprias e nem apropriadas para atender ao seu funcionamento. As dependências inicialmente foram alugadas ou cedidas por clubes, quartéis, estabelecimentos de ensino ou por particulares, o que, às vezes, não se atendiam para o apropriado desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas.

Atualmente, após as dificuldades iniciais, o quadro é bastante distinto. As instalações físicas localizadas no Campus de Uvaranas - tais como piscina, pista de atletismo, ginásio de esportes, pavilhão didático, campo de futebol, biblioteca, salas de aula e laboratórios devidamente aparelhados - podem ser consideradas como uma das melhores do Estado do Paraná.

A disciplina de Recreação é obrigatória e tem a carga horária de 68 horas anuais. A disciplina de Lazer aparece como optativa por isso não foi analisada aqui nesse estudo.

Da mesma forma, o Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá foi criado no ano de 1972 por meio da Resolução nº 006/72 do Conselho Universitário da Universidade Estadual de Maringá. Esta resolução, além de aprovar e criar o curso de Educação Física e Técnica em Desporto na Instituição com respectivo currículo e corpo docente estabeleceram o limite inicial de 80 vagas. Em 16/09/76, através do Decreto Federal nº 78.430 foi reconhecido o Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

Em 15/05/79 o Conselho de Ensino e Pesquisa emite a Resolução nº 058/79 aprovando o novo currículo do Curso de Educação Física a ser oferecido aos ingressantes a partir do segundo período letivo de 1979.

Com o passar dos anos, o currículo do curso passou por várias modificações através das Resoluções do CEP nº 058/79, 064/81, 084/81, 114/82 e 079/84. Estas alterações dizem respeito somente à carga horária, mudança para regime seriado, periodização, criação e eliminação de disciplinas, todavia, não foram suficientes para provocar uma mudança estrutural no curso.

No início do ano de 1984 o currículo foi submetido a análises e avaliações coordenadas por diferentes comissões constituídas pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Ao longo desses anos estas comissões procuraram

também conhecer os interesses e necessidades do mercado de trabalho na área e dos profissionais que nele atuavam.

Durante o período de 1984 a 1986, teve prosseguimento a análise crítica dos pontos fundamentais da Proposta de Estruturação do Currículo Mínimo do Curso de Educação Física da UEM.

Em 13/06/90 a Resolução nº 070/90 do Conselho de Ensino e Pesquisa (CEP) da UEM aprova o novo currículo do Curso de Educação Física, em regime seriado anual.

Esta Resolução foi alterada pela Comissão de Currículo nomeada pela Portaria nº 050/88 do Departamento de Educação Física e aprovado pela Resolução nº 168/91-CEP. Esta última, em 14/12/94 foi modificada pela Resolução nº 134/94-CEP, cujo projeto pedagógico do Curso de Educação Física, regime seriado anual.

A resolução nº 7/2004, estabelece as diferenças entre Graduação e Licenciatura em Educação Física.

A disciplina de lazer e recreação é obrigatória e tem carga horária semanal de 3 horas aulas, num total de 102 aulas anuais.

Já o Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, no Campus de Marechal Cândido Rondon, foi implantado no ano de 1983. A modalidade de Bacharelado funciona no período noturno, ofertando 25 vagas anuais. O tempo mínimo para integralização do curso é de 5 anos e o máximo de 8 anos. Na estrutura curricular atual o curso tem uma carga horária total de 3.500 horas-aula, das quais 168 horas são de atividades acadêmicas complementares.

A modalidade de Licenciatura funciona no período Integral, ofertando 25 vagas anuais. O tempo mínimo para integralização é de 4 anos e máximo de 7 anos. Nesta estrutura o curso tem uma carga horária total de 3.498 horas-aula, das quais 200 horas são de atividades acadêmicas complementares.

O grau obtido no curso de Educação Física é de Bacharel ou de Licenciado em Educação Física, dependendo da modalidade que o aluno escolher no ato da inscrição do vestibular.

O profissional da área de Educação Física, tanto o Bacharel como o Licenciado, terá uma formação que envolve os conhecimentos relativos ao corpo humano e sua motricidade, o processo de crescimento e desenvolvimento e suas adaptações à atividade física, como também, o saber referente aos processos de ensino e aprendizagem e aos muitos elementos de nossa cultura corporal: jogo, esportes, ginástica, dança e lutas.

Trato aqui da disciplina Lazer e Recreação no curso de licenciatura, que se realiza no 4º ano, com 90 horas aulas anuais, com estudos referentes à disciplina, a partir de abordagens filosóficas e sociológicas, privilegiando os conteúdos culturais, físico-esportivos, buscando um entendimento interdisciplinar, na construção de propostas lúdicas na Educação Física formal e não-formal junto à comunidade escolar.

2.2 A disciplina Recreação e Lazer no contexto do currículo das universidades do Paraná: UEM, UNIOESTE E UEPG.

Visão panorâmica dos objetivos, ementas, conteúdos e bibliografias, para um melhor entendimento do estudo.

QUADRO 1 – OBJETIVO

Conhecimento teórico/prático dos aspectos pedagógico;

- vivenciar a recreação;
- desempenhar a função de recreador;
- relação interdisciplinar entre a educação física e outras áreas;
- execução das atividades que envolvam a ginástica, dança e jogos.
- estimular as análises entre lazer, trabalho e educação, diferenciação entre os significados do lazer na sociedade capitalista;
- análise e articulação do lazer com classes, gênero e geração, relacionando: lúdico, tempo livre, comunidade, políticas públicas e natureza;
- promover estudos debates, encontros e estágios, crescimento intelectual e profissional do acadêmico. UEM
- contribuir entendimento lúdico, recreação e lazer no âmbito da escola e suas implicações com o processo educativo de ser humano;
- atuação profissional, na construção de propostas lúdico-recreativas em instituições educacionais públicas e privada.
- proporcionar experiências no planejamento, organização, execução e avaliação de atividade e projetos na comunidade escolar.

QUADRO 2 – EMENTAS

- evolução histórica da recreação;
- recreacionista;
- atividades rítmicas;
- recreação supervisionada;
- atividades culturais;
- jogos;
- atividades de massa;

- lazer;
- atendimento a comunidade;
- origem do lazer e do tempo livre, sua situação na atualidade e suas relações com as necessidades dos indivíduos, verificando a aplicabilidade no campo educacional e comunitário.
- significado do lazer, tempo livre, trabalho, entendimento do lazer na sociedade capitalista e na cultura contemporânea.

Estudos referentes ao lazer e a recreação a partir de abordagens filosóficas e sociológicas, privilegiando os conteúdos culturais físico-esportivos, buscando um entendimento interdisciplinar, na construção de propostas lúdicas na Educação Física formais e não formal junto à comunidade escolar.

QUADRO 3 – CONTEÚDOS

- histórico de recreação;
- conceitos, recreação de acordo com as faixas etárias.
- jogos: conceito, valor educativo, classificação, diferença entre jogos e brincadeiras.
- ritmo: histórico, conceitos, música, brinquedo cantado.
- atividades culturais: histórico, conceito, teatro, fantoches.
- Recreação livre, orientada, dirigida, supervisionada.
- atividades de massa: lazer, histórico, situação no Brasil, macro e micro ginástica.
- aplicação prática em todos os conteúdos.
- história do lazer;
- história do tempo livre;
- teorias do lazer;
- lazer na cultura contemporânea;
- lazer e natureza;
- formação profissional
- aplicabilidade dos estudos em lazer ao cotidiano acadêmico/profissional;
- análise de situação e resolução de problemas pela pesquisa/intervenção;
- espaços e equipamentos;
- estágios curriculares na área de lazer e da recreação (grifos meus)
- conceituação lúdica, recreação, tempo livre e lazer;
- fundamentos pedagogia do lazer;
- conteúdos culturais;
- atuação do professor de educação física;
- etapas que compõe planejamento na recreação e lazer.
- atuação pedagógica, programas e projetos de lazer;
- duplo aspecto educativo do lazer;
- administração e gerenciamento do lazer.

QUADRO 4 – BIBLIOGRAFIAS

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. *Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*. São Paulo, Loyola, 1987.
- AMARAL, Cleusa do nascimento. *Subsídios para educação física de 1 a 4 séries do 1 grau*. Petrópolis: vozes, 1988.
- CAMARGO, Luiz O. de Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, Nazaré C. Lúdico: sujeito proibido de entrar na escola. In: Revista Motrivivência – O Jogo e o Brinquedo na Educação Física. Santa Catarina; UFSC, Ano VIII, nº. 09, Dez. 1996.
- CAVALCANTI, Kátia Brandão. *Esporte para todos*. São Paulo: Ibrasa, 1984.

- CAVALLARI, Vinicius Ricardo. *Trabalhando com a recreação*. São Paulo, 1994.
- COSTA, Lamartine Pereira. *Teoria e prática do esporte comunitário e da massa*. Rio de Janeiro: palestra, 1981.
- CRUTERA, Juan Carlos. *Técnica de recreación*, Buenos Aires: Stadium, 1983.
- DIEM, Liselott. *Os primeiros anos são decisivos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980.
- FERREIRA, Vera L. C. *Prática da educação física no 1º grau*. São Paulo: ibrasa, 1989.
- GUERRA, Marlene. *Recreação e lazer*, Porto Alegre: Sagra, 1982.
- KRAMES, Sonia. *Infância e Educação Infantil*. Campinas/SP: Papirus, 1999.
- MAC GREGOR, Cyntia. *150 jogos não – competitivos para crianças/*Todo mundo gauba. São Paulo.
- MACHADO, Marina M. *O Brinquedo-sucata e a Criança: a importância do brincar, atividades e materiais*. São Paulo, Loyola, 1994.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da animação*. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- _____. *Lazer e Educação*. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- _____. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas – SP: (Coleção Educação Física e Esportes), Autores Associados, 1996.
- _____. (org.). *Lúdico, Educação e Educação Física*. Ijuí –RS, Unijuí, 1999.
- _____. (org.). *Repertório de Atividades de Recreação e Lazer*. São Paulo: Papirus, 2002.
- MARINHO, Inezil Penna. *Educação Física recreativa e jogos*. São Paulo: Cia Brasil, 1971.
- MEC. *Caderno Pedagógico de Recreação*. Paraná, 1987.
- MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil*. Belo Horizonte, 1979.
- MIRANDA, Nicanor. *Organização das atividades da recreação*. Belo Horizonte, 1984.
- PADILHA, Valquíria (2003) Se o trabalho é doença, o lazer é remédio? In Muller, Ademir e DACOSTA, Lamartine Pereira (Org.) *Lazer e Trabalho – Um único ou múltiplos olhares?* Santa Cruz do Sul/RS: Edunisc, 2003. p. 243-266.
- PARANÁ. Fundação de Esporte e Turismo. Diretoria de Esporte. Gerência de Esporte Participação. *Esporte Popular: Proposta de Programa para Órgãos Estaduais e Municipais*. Curitiba, PR: Imprensa Oficial, 1990.
- PIMENTEL, Giuliano G. de O Lazer: *Fundamentos, Estratégias e Atuação Profissional*. Maringá: Bertoni, 2002.
- SILVA, Maurício Roberto da. (2003) *Trama Doce-Amarga (exploração do Trabalho infantil e cultura lúdica)*. Ijuí: ED. Unijuí. São Paulo: Hucitec.
- SCHWARTZ, Gisele M. (org). *Dinâmica Lúdica: Novos Olhares*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- SCHWARTZ, Gisele M. (org). *Educação Física no Ensino Superior: Atividades Recreativas*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2004.
- WAICHAN, Pablo. (1997) *Tempo Livre e Recreação: Um desafio pedagógico*. Campinas: Papirus.
- WERNECK, Christianne. (2000) *Lazer, Trabalho e Educação: Relações Históricas, Questões Contemporâneas*. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG; CELAR-DEF/UFMG.
- WERNECK, Christiane e ISAYAMA, Hélder F (orgs). *Lazer, Recreação e Educação Física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

2.3. Caminhos teórico-metodológicos

Ao adentrarmos no estudo das concepções de lazer e recreação e práticas recreativas dos currículos dos Cursos de Educação Física, nos deparamos com as reflexões de Arroyo (1999) que nos lembra de que devemos discutir as concepções de inovação educativa predominante nas políticas educacionais e no pensamento crítico. Contrapomos essas concepções às experiências que acompanhamos nas universidades e indagamos como professores envolvidos concebem as transformações de caráter filosófico, didático e político-pedagógicas.

Como se pode perceber no cotidiano das instituições educacionais, há várias concepções nos processos educacionais. Há visões diferenciadas sobre a universidade, os professores e o currículo. Há concepções epistemológicas e sociológicas diversas sobre a prática educativa, os procedimentos de socialização e formação, sobre a dinâmica da cultura, da construção de saberes e identidades.

Ao estarmos situados no espaço político-pedagógico e de conhecimento da universidade, pensamos no seu cotidiano e nos sujeitos da prática educativa – os que pensam e fazem à educação. Vemos os processos onde eles acontecem e na visão daqueles que os praticam. Devemos encontrar diversas formas de pensar um currículo interdisciplinar para dar cabo à formação de professores de Educação Física. Sugerimos um diálogo entre os professores, uma troca de experiências, pois são os principais sujeitos de inovação, que passam a discutir os problemas, levantar soluções e apontar pontos positivos, diante da riqueza que há nas universidades e da sensibilidade para as dimensões básicas de formação humana dos acadêmicos. Assim, o lazer está como uma possibilidade a mais de aprofundamento nos currículos de muitos cursos de Educação Física.

Nesta perspectiva, para VALENTE (1997) o conhecimento é produzido culturalmente e modelado por específicas e circunstanciadas formas de conhecer. E conhecer significa desvelar e interpretar as determinações não manifestas do conhecimento.

Trazendo essa problemática ainda hoje nas Universidades na formação de professores nos cursos de Educação Física, esperamos que as idéias aqui presentes sirvam de reflexões e auxiliem profissionais da área no momento da elaboração de seus programas, planos de ensino e nas práticas pedagógicas durante a formação acadêmica.

Segundo Isayama (2005)⁵, o lazer é um campo multidisciplinar e, por isso, vários tipos de profissionais trabalham nessa área e nas diferentes possibilidades; sendo importante para essa formação, pensar enquanto valor, a relação professor-aluno. Primeiramente, eram formados técnicos que deveriam ter o domínio dos conceitos e da prática. A prática torna-se o eixo da formação. Todos querem receitas prontas. É importante o que a teoria vai ampliar. A relação teoria com a prática vem, em segundo plano, conhecer a cultura, a compreensão do papel social e, devem promover atividades lúdicas e criativas, competência técnica, científica, filosófica e romper com a tecnicista. É necessário repensar saber e conhecimento.

Isayama (2002) cita pontos fundamentais para se trabalhar na área do Lazer:

⁵ Palavras proferidas no XVII Encontro Nacional de Recreação e Lazer – ENAREL, na mesa redonda 02: Ética e Lazer: e a formação profissional pelo prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama. Em 10/11/05 Campo Grande.

- Relacionar teoria e prática, mas repensando a idéia Lazer como teoria e a Recreação como a prática;
- O profissional precisa ter característica multidisciplinar na formação (diferentes áreas) ampliando o conhecimento;
- Ter uma sólida formação conceitual e prática, a sua participação em diferentes culturas e áreas, possibilitando a experiência para além da sala de aula;
- Estar sempre em formação continuada no campo do Lazer (espaço de intervenção). Além da escola, intervenção em vários locais na comunidade, tanto público como privado.

Acredita-se que, além de ser um bom professor, é necessário estar sempre atualizando, repensando como está trabalhando a prática relacionada à teoria, tendo uma multidisciplinidade dentro do local de trabalho, participando das atividades culturais, esportivas, manuais, intelectuais, artísticas e turísticas.

2.4. As abordagens metodológicas da pesquisa

A pesquisa é empírica, com coleta de dados através de documentos e técnicas como entrevistas (BOGDAN e BIKLEN, 1994). A dimensão bibliográfica do estudo atende ao pressuposto de construção teórica do objeto de estudo. O lócus do estudo está delimitado para os cursos de Licenciatura em Universidades Estaduais do Paraná.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com a realidade que não pode ser quantificada e corresponde a um espaço mais profundo das relações, trabalhando com os significados. “Na pesquisa qualitativa, o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”. (MINAYO, 1994, p.51).

Segundo BOGDAN e BIKLEN (1994) a investigação qualitativa possui cinco características:

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal: os materiais registrados mecanicamente são revistos na sua totalidade pelo investigador, sendo o entendimento que este tem deles o instrumento chave de análise. O estudo tem de ser entendido no contexto da história das instituições a que pertencem.

2. A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, registros oficiais. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos.
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.

Essa forma de investigação, segundo Minayo (1994), além de ser indispensável para a pesquisa básica, nos permite articular conceito e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento, visando criar novas questões num processo de incorporação e superação daquilo que já se encontra produzido.

A pesquisa bibliográfica é constituída de categorias teóricas (a priori) sobre os seguintes conceitos: *Lazer, Trabalho, Recreação, Tempo Livre, Formação de professores e Currículo*, coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse; discutindo as idéias e fazendo um levantamento das bibliotecas, centros especializados e arquivos “desenvolvido a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 1996, p.48). Sendo de grande importância, pois não se pode entrar em campo e estabelecer relações, sem antes ter o conhecimento sobre o assunto em análise.

Conforme Severino (2002), a documentação bibliográfica deve ser realizada conforme o contato com os livros. As informações transcritas na ficha de documentação bibliográfica devem ser cada vez mais aprofundadas. O fichário de documentação bibliográfica constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos, dentro da área.

Em seguida fala-se na análise documental, em que estamos seguindo as trilhas de BOGDAN e BIKLEN (1994, p.176) “que indica a possibilidade de analisar dado a partir de *documentos oficiais*”. Esses documentos podem se constituir de memorandos, boletins informativos, documentos sobre políticas, propostas, códigos de ética, minutas de encontros, dossiês etc., e nesse estudo foi analisado os programas e planos de ensino, das Universidades pesquisadas.

São considerados documentos “quaisquer materiais que possam ser usados como fonte de informação, estes incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres [...]” (LUDKE e

ANDRÉ, 1986, p.38). Buscando identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse.

Ainda BOGDAN e BIKLEN (1994) ressaltam os documentos oficiais (programas e planos de ensino) sendo de grande importância para os investigadores e estes podem ter acesso à perspectiva oficial que está facilmente disponível, embora alguns sejam protegidos por serem privados ou secretos. Documentos internos que circulam dentro de uma organização como as Universidades, tendem a seguir um curso hierárquico, circulando desde a repartição central até os professores.

Selecionados os documentos, o pesquisador faz a análise propriamente dos dados, analisando os currículos e os programas e planos de ensino, considerando-os como fonte de dados mais relevantes para este estudo, os quais são “documentos oficiais”⁶, que regulamentam o conteúdo da disciplina dando a estas um caráter teórico-prático e teórico-metodológico do currículo e, para isso, recorre à metodologia de análise de conteúdo como sendo uma técnica de pesquisa para fazer inferências válidas dos dados para o seu contexto. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.41). Afirmando “que a análise de conteúdo pode caracterizar-se como um método de investigação do conteúdo simbólico das mensagens”.

Passamos a entender os dados com a análise de conteúdo que trabalha a palavra, quer dizer a prática da língua realizada, tomando em consideração as significações. Procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A análise de conteúdo define-se conforme Bardin (s/d. p. 45) “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado anterior, a sua consulta e referência”. Ou ainda, podendo ser definido como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin⁷, s/d, p.42)

Neste sentido, a análise de conteúdo é realizada a partir das categorias emergidas da análise dos documentos, os quais passarão por um processo de problematização com base nos procedimentos da hermenêutica-dialética⁸.

⁶ Cf. Bogdan e Biklen, 1994.

⁷ O livro original, em Francês, data de 1977, entretanto, a versão traduzida para a língua portuguesa, utilizada nesta minha pesquisa, não indica o ano de publicação.

⁸ De acordo com Minayo (2004) a hermenêutica-dialética se apresenta como um “caminho do pensamento”, como uma via de encontro entre as ciências sociais e a filosofia. Uma reflexão fundamental que ao mesmo tempo não se separa da práxis, deve preceder e iluminar qualquer trabalho científico de compreensão da comunicação.

A análise de conteúdo será utilizada nos documentos curriculares, e nas análises das entrevistas realizadas com os docentes da disciplina Lazer e Recreação de cada instituição, por estarem envolvidos na prática pedagógica dos currículos, uma vez que são os formadores de educadores que atuam na Educação Física e, que direta ou indiretamente, contribuem para as reflexões teórico-práticas no campo dos estudos do lazer. Para tanto, foram feitas entrevistas semi-estruturadas gravadas, pois segundo TRIVIÑOS (1987, p.146), “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. Isto significa dizer que há uma imbricada relação sujeito-objeto no processo do conhecimento, sobretudo, pela natureza da problemática do lazer, que possui uma presença determinante na vida cotidiana dos sujeitos.

Como “modo de abordar a realidade”, a entrevista, para além de uma simples “técnica” é utilizada para recolher dados descritivos da linguagem do próprio sujeito, e desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam os aspectos do mundo. MINAYO (2004) confirma que a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo, ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de dados. É evidente que o entrevistador deva ter uma estratégia para que a entrevista saia de boa qualidade. Esse material é extremamente rico para análise posterior.

Segundo Lüdke e André (1986) o entrevistador precisa ter o cuidado para que o roteiro não seja rígido; há uma comunicação não verbal muito importante para a compreensão e a validação do que foi dito. “É preciso analisar e interpretar esse discurso à luz de toda linguagem mais geral e depois confrontá-lo com outras informações da pesquisa e dados sobre o informante”. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 36).

“A entrevista, como técnica de coleta de informações, é ampla e contempla uma série de questões que vão desde fidedignidade do informante ao lugar social do pesquisador”. (MINAYO, 2004, p.109).

Após esse levantamento das bibliografias, artigos, os conceitos sobre o tema estudado, a coleta dos programas de ensino da disciplina Recreação e Lazer nas três universidades, foi elaborado o roteiro das entrevistas semi-estruturadas para os professores das respectivas disciplinas e um roteiro baseado em questões a serem seguidas.

QUADRO 5 - Roteiro para análise dos documentos, currículos, programas e planos de ensino:

Conceitos conteúdos culturais;	Jogos e brincadeiras;
Conceitos de recreação;	Animação;
Conceitos de trabalho;	Criança/infância;
Conceitos de lazer;	Jogos pré-desportivos
Conceitos de lúdico;	Manuais de jogos e brincadeiras
Conceitos atividades recreativas	Criatividades;
Formação de professores	Diversão/entretenimento
Tempo livre	Alegria;
Relação teórica e prática	

Para as entrevistas foram elaboradas as seguintes questões semi-abertas com base no roteiro acima descrito.

- *O que é lazer?*
- *O que é trabalho?*
- *O que é tempo livre?*
- *O que é recreação?*
- *Qual a importância da disciplina recreação e lazer no âmbito do currículo e da formação humana em relação às outras disciplinas?*
- *O que se entende por “atividade/prática recreativa” e quais os objetivos destas para o processo de formação humana dos estudantes?*
- *O papel da Universidade em relação aos conceitos de lazer, tempo, livre, trabalho e recreação, seria na perspectiva da reprodução ou desconstrução do senso-comum?*

3. REFLEXÕES SOBRE CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Depois de estabelecidas às bases e os caminhos teórico-metodológicas da investigação, apresento neste capítulo algumas reflexões sobre o currículo e suas relações com a formação de professores em Educação Física, visando, problematizar o processo de formação humana, articulado com o papel do professor frente aos fatos para com o conhecimento Recreação e Lazer nas disciplinas das universidades estaduais do Paraná.

3.1 Concepções de currículo

Quando se trata de uma investigação que busca analisar o significado e contribuições da disciplina recreação e lazer para a formação de professores, urge destacar que se torna imprescindível valorizar o currículo, tanto manifesta quanto oculto, no sentido de estar, permanentemente, colocando em xeque os conceitos, as práticas e as representações que estão subjacentes aos discursos dos estudantes e professores, assim como nos documentos institucionais representados pelo currículo. Deste modo, ao realizar análises documentais do currículo de uma determinada disciplina acadêmica, os pesquisadores estão dando uma enorme contribuição para redimensionar e problematizar, epistemologicamente as práticas político-pedagógicas no âmbito da formação humana e suas repercussões para as práticas sociais escolares e não-escolares.

No âmbito de discussão da “Sociologia e Teoria Crítica do Currículo”, existe a reflexão sobre o papel que o currículo exerce na produção e reprodução de formas de dominação de classe. Este possui diversos significados de acordo com a teoria que o embasa, porém um aspecto comum é a preocupação sobre qual conhecimento deve ser ensinado, visando à formação das pessoas e da sociedade. Nesta perspectiva tentam-se responder quais saberes, valores e atitudes são adequados para obter os tipos de sujeito. Quais conhecimentos vão influenciar no comportamento das pessoas e na formação humana? Como o currículo tem influência na universidade?

Para Apple (1982) é importante examinar os pressupostos ideológicos e epistemológicos das disciplinas que compõe o currículo oficial. Na fase histórica atual,

marcada pela internacionalização da vida social, os currículos nacionais são configurados mais pelos processos mundiais que pelos nacionais, sendo que a política do conhecimento oficial resulta na consideração das idéias de um grupo em detrimento de outro. A escola é a instituição social onde se efetiva a educação formal. A questão central está nos saberes que ela vincula em seu currículo que interfere na construção da identidade dos alunos e da sociedade.

Neste cenário de lutas dos trabalhadores, questionam-se valores e saberes, provocando, assim, reflexões epistemológicas acerca dos conhecimentos, conceitos e teorias produzidas no âmbito da teoria e prática do currículo. Neste sentido, concordamos com Apple (1982) para quem o currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos, ele sempre é parte de uma seletiva, resultado da seleção de alguém. É o produto de que organiza ou desorganiza um povo. Nesta linha de raciocínio, partimos do pressuposto de que o saber sistematizado, elaborado, e produzido socialmente é apreendido por disciplinas, nos currículos, transformando-se em saberes reproduzido depois pelos acadêmicos na comunidade científica.

O currículo se constitui hoje num alvo privilegiado da atenção de autoridades, políticos, professores e especialistas. Sua centralidade no panorama educacional brasileiro contemporâneo pode ser atestada pelas constantes reformulações dos currículos dos diversos graus de ensino, bem como pelo incremento da produção teórica do campo. O currículo constitui significativo instrumento utilizado por diferentes sociedades, tanto para desenvolver os processos de conservação e renovação dos conhecimentos historicamente acumulados, como para socializar os indivíduos segundo valores tidos como desejáveis.

A despeito dessa crescente valorização, não há consenso em relação ao que se deve entender pela palavra *currículo*. As divergências refletem problemas complexos, fundamentalmente por se tratar de um conceito que: a) é uma construção cultural, histórica e socialmente determinada; e b) se refere sempre a uma “prática” condicionada do mesmo e de sua teorização (Matos Vilar, 1994). A consequência da profusão de definições é que a produção associada ao campo acaba por referir-se a um variado e extenso leque de temas e questões (MOREIRA, 1997, p.12).

Passa a ser compreendido o conjunto de diferentes vivências que são organizadas, no sentido de contribuir com uma sólida formação profissional. Aproveitamento de créditos, variadas experiências, participação em projetos, congressos dentre outros. O currículo deve estar centrado na idéia de “política cultural”, significando assim, um repensar em torno de seus programas e suas práticas cotidianas como um todo.

As condições de desenvolvimento e realidade curricular não podem ser entendidas senão em conjunto. O currículo não é um conceito, mas uma construção cultural. Isto é, não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de existência fora e previamente à experiência humana. É, antes, um modo de organizar uma série de práticas educativas.

Não podemos esquecer de que o currículo supõe a concretização dos fins sociais e culturais, de socialização, que se atribui à educação escolarizada, ou de ajuda ao desenvolvimento, de estímulo e cenário do mesmo, o reflexo de um modelo educativo determinado, pelo que necessariamente tem de ser um tema controvertido e ideológico, de difícil concretização num modelo ou proposição simples.

O currículo relaciona-se com a instrumentalização concreta que faz da escola um determinado sistema social, pois é através dele que lhe dota de conteúdo, missão que se expressa por meio de usos quase universais em todos os sistemas educativos, embora por condicionamentos históricos e pela peculiaridade de cada contexto [...] (Ibidem, 1997, p.15).

O currículo do ensino obrigatório não tem a mesma função que o de uma especialidade universitária, ou de uma modalidade de ensino profissional, e isso se traduzem em conteúdos, formas e esquemas de racionalização interna diferentes, porque é diferente a função social de cada nível e peculiar a realidade social e pedagógica.

O currículo é uma práxis antes que um objeto estático, uma maneira de pensar a educação ou as aprendizagens necessárias dos alunos, que tampouco se esgota no projeto de socialização cultural nas universidades. Segundo Moreira (1995, p.10): “O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação”.

Por isso, analisar currículos, como é o caso deste estudo torna-se importante. De acordo com Sacristán (1998, p.17) “Os currículos, de fato, desempenham distintas missões em diferentes níveis educativos, de acordo com as características destes, à medida que refletem diversas finalidades desses níveis”.

Os currículos são as expressões do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto que através deles se realizam os fins da educação no ensino escolarização. [...] O currículo, em seu conteúdo e nas formas através das quais se nos apresenta e se apresenta aos professores e aos alunos, é uma opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar (SACRISTÁN, 1998, p.17).

O sistema educativo serve a certos interesses concretos e eles se refletem no currículo. Esses sistemas compõem de níveis com finalidades diversas e isso se modela em seus currículos diferenciados. A educação acolhe diferentes tipos de alunos com diferentes origens e fim social e isso refletem nos conteúdos a serem estudados. A formação profissional, além de outros objetivos, segrega a coletividade de alunos de diferentes capacidades e procedência social e também com diferente destino social.

Moreira (1997, p.11) ressalta dois sentidos mais usuais da palavra currículo. “No primeiro *conhecimento escolar*, o currículo é visto como o conhecimento tratado pedagógica e didaticamente pela escola e que deve ser aprendido e aplicado pelo aluno”. Questões importantes levantadas. O que deve conter um currículo? Como organizar esses conteúdos? “No segundo sentido *conhecimento do indivíduo*, dá-se ênfase às diferenças individuais e as preocupações com a atividade do aluno levam a valorização da forma em detrimento do conteúdo”. Constituem perguntas como: Como selecionar as experiências de aprendizagem a serem oferecidas? Como organizá-las relacionando aos interesses e ao desenvolvimento da formação?

A preocupação com a experiência do aluno persiste e amplia-se em definições que chegam a conceber o currículo como a totalidade das experiências por ele vivenciadas, como o próprio ambiente em ação. Os que defendem essa perspectiva buscam conhecer e compreender tais experiências, a fim de considerá-las e aproveitá-las em atividades pedagógicas que promovem crescimento individual e social. (Ibidem, 1997, p.12).

Todas as finalidades que se atribuem e são destinadas explicitamente ou implícito (currículo oculto) à instituição, de socialização, de formação, segregação ou de integração social, acabam tendo um reflexo nos objetivos que orientam todo o currículo, na seleção dos componentes.

Entender o currículo num sistema educativo requer prestar atenção às práticas políticas e administrativas que se expressam em seu desenvolvimento, às condições estruturais, organizativas, materiais, dotação de professorado, à bagagem de idéias e significado que lhe dão forma e que o modelam em sucessivos passos de transformação, isto é, a produção do conhecimento.

Planejar a prática é algo mais amplo que atender aos objetivos e conteúdos do currículo, porque supõe preparar as condições de seu desenvolvimento. É concretizar as condições nas quais se realizará o currículo, e isso supõe estabelecer uma ponte para moldar as idéias na realidade, um elo que liga as intenções e a ação.

Então, o que deve conter um plano curricular? Como formulá-lo? Como se verifica na definição de Johnson (MOREIRA, 1997, p.13), “o currículo é uma série estruturada de resultados pretendidos de aprendizagem. O currículo prescreve (ou pelo menos antecipa) os resultados do ensino”.

Não teríamos de ficar satisfeitos com as teorias cumprindo sua função de questionar as práticas e destruí-las, e sim a tarefa de inovar essa prática é bem mais difícil do que apenas criticar o sistema escolar, seus currículos, bem como o senso comum e as ações dos professores.

Não é suficiente criticar o envolvimento cultural, a seleção cultural dos conteúdos. É urgente entender teoricamente os complexos processos de construção da cultura, dos valores, dos mundos mentais da sociedade e dos próprios mestres, famílias e alunos. É urgente deixar de lado a ingênua visão de que, criticando o envolvimento da escola e dos currículos com o poder, com a ideologia e a cultura da sociedade, estaremos mudando parâmetros, práticas, valores, procedimento, rituais sociais e escolares. (ARROYO, apud MOREIRA, 1999, p.150).

Devemos ter respeito a esse universo cultural do professor e suas práticas. Não estamos sugerindo que não seja necessário continuar construindo teorias de qualidade sobre o currículo, contudo, de repensar sobre a disciplina lazer e recreação, nas diversas formas de serem trabalhadas nas instituições. Sugerimos um diálogo interdisciplinar entre os profissionais, uma troca de experiências, pois são os principais sujeitos de inovação, que passem a discutir problemas, levantar soluções, e apontar pontos positivos, visto a riqueza que há nas universidades, diante da sensibilidade para as dimensões básicas de formação, do desenvolvimento dos acadêmicos.

Segundo Silva (1993, p.9) “os projetos de pesquisa de natureza exploratória apresentam-se como importantes contribuições, possibilitando um projeto, onde o currículo é compreendido no seu sentido ampliado e dinâmico, tentando romper com o discurso do chamado tripé, ensino, pesquisa e extensão [...]”.

Por isso, no exercício da disciplina Recreação Lazer, durante cinco anos como professora, percebi o papel da disciplina perante a sociedade e dar-lhe um sentido, não sendo apenas como jogos ou brincadeiras, animadores de festas e sim, na formação de professores de Educação Física. Isto se afirma na expressão da fala do professor que trabalha no ensino superior.

Eu acho que ela tem uma importância muito grande embora ela ainda resista há vários preconceitos como se fosse improdutivo, como se fosse algo sem

importância. Eu penso assim: se nós trabalharmos com seriedade essa disciplina com os alunos, eles vão sair mais capacitados para entender o lazer e a recreação, como coisas importantes, para o desenvolvimento integral do cidadão e não apenas como diversão e também no sentido deles terem mais subsídios para planejar ou administrar atividades de programas de lazer. (professor da universidade 3)

Através deste estudo venho compartilhar essas angústias e sofrimento, com os demais profissionais da área, não como utopia e sim como realidade no desejo de mudança e poder obter um crescimento profissional de todos os envolvidos.

Discussões sobre currículo só ganham o centro das atenções quando surge alguma proposta de introdução de uma nova disciplina ou a volta de uma antiga e abandonada. Assim, o currículo é tomado como algo imposto e indiscutível, raramente sendo alvo de problematização. Um dos professores de uma universidade cita um dos seus principais problemas, na série em que a disciplina Lazer e recreação estão na grade curricular.

A minha maior problemática é a disciplina na grade curricular da forma como ela está colocada, porque é um momento que eles estão preocupados com a monografia e estágio e já deveriam ter esse conhecimento básico da recreação. Ta previsto projeto de extensão na escola e no bacharelado. Eles não têm entendimento nenhum do que são lazer e o que é recreação; muito menos quais são os elementos técnicos fundamentais para você planejar um programa, tanto na escola quanto com idosos e especiais. (professor da universidade 3)

A tendência ideológica hegemônica na reestruturação da universidade e de currículo vão em direção de reforçar os valores, os conteúdos e as formas de produção e reprodução de identidades sociais que reafirmam as características mais regressivas da ordem social.

A atividade de planejar o currículo refere-se ao processo de dar-lhe forma e de adequá-lo às peculiaridades dos níveis universitários. Desde as explicações de finalidades até a prática é preciso planejar as atribuições e as atividades com certa ordem, para que haja continuidade entre intenções e ações. Planejar implica previsão da ação antes de realizá-la, concordo com Sacristán (1998). Pois nem sempre conseguimos fazer o planejado, a mudança, a quebra dos paradigmas nem sempre é aceita pelos acadêmicos. Mas devemos ter um plano a ser seguido, um esboço ou esquema que representa uma idéia daquilo que queremos passar aos alunos, uma aspiração ou projeto que serve como guia para ordenar os conteúdos.

Um dos papéis da universidade no domínio da formação de professores se tem deparado com várias resistências, nomeadamente: de setores conservadores que continuam a desconfiar da formação de professores a constituição de um corpo profissional prestigiado e

autônomo; e de setores intelectuais que sempre desvalorizaram a dimensão pedagógica da formação de professores e a componente profissional da ação universitária.

A consolidação destas redes de formação contribuiu para o desenvolvimento de uma comunidade científica na área das Ciências da Educação, que se tem imposto como um novo ator social no campo educativo, com importantes conseqüências para a configuração da profissão docente.

3.2. Formação de professores/educadores: alguns apontamentos

“As escolas não foram necessariamente construídas para aumentar ou preservar o capital cultural de classes ou comunidades, mas sim dos segmentos mais poderosos da população. É bastante claro neste desenvolvimento o papel hegemônico do intelectual, do educador profissional” (APPLE, 1982, p.95).

Poder e cultura, então, precisam ser vistos não como entidades estáticas sem conexão entre si, mas como atributos das relações econômicas existentes numa sociedade. Estão dialeticamente entrelaçados, de modo que poder e controle econômico estão interligados com poder e controle cultural.

As escolas existem através de suas relações com outras instituições mais poderosas, instituições que estão unidas de um modo tal que produzem desigualdades estruturais de poder e acesso a recursos. E essas desigualdades são reforçadas e reproduzidas pela escola (embora não apenas por ela).

“Através de suas atividades curriculares, pedagógicas e de avaliação, na vida cotidiana nas salas de aula. Junto com outros mecanismos de preservação e distribuição cultural, as escolas contribuem para o que se chamou de reprodução cultural das relações de classe em sociedades industriais avançadas” (APPLE, 1982, p.99).

A educação era a forma pela qual se deveria proteger a vida, os valores as normas comunitárias os privilégios econômicos dos poderosos. As escolas poderiam ser os grandes instrumentos de uma cruzada moral para tornar todos iguais. Essa missão moral da escola exerceu efeito importante nos tipos de seleção curricular e na política escolar. A visão da escolarização como uma instituição de aculturação lentamente se uniu à visão da

escolarização para a adaptação ao sistema econômico na mente do público, um modelo curricular econômico e culturalmente conservador, que ainda domina a área.

Para Apple (1982), o traço central da visão da estruturação do currículo que dominou o pensamento desses primeiros educadores, e que de fato ainda domina o pensamento dos teóricos do currículo, precisava ser diferenciado para preparar indivíduos com inteligência e capacidade diferentes para uma multiplicidade de funções na vida.

Se estivermos, de fato, seriamente empenhados em tornar nossas instituições sensíveis à comunidade, de formas diferentes das atuais, o primeiro passo está em reconhecer as conexões históricas entre grupos que detiveram o poder e a cultura que são preservados e distribuídos por nossas escolas. Para NÓVOA (1992, p.16) “uma concepção dos professores sobre escola é centrada na difusão e na transmissão de conhecimentos, mas é também um lugar de reflexão sobre as práticas, o que permite vislumbrar uma perspectiva dos professores como profissionais produtores de saber e de saber-fazer”. Esses apontamentos históricos sobre a escola são apenas para repensar papel da escola e formação dos nossos educadores.

A maioria dos problemas da formação profissional, vividos pela licenciatura, remonta às suas origens e persistem ainda sem resolução. Analisando um pensar sobre as licenciaturas, permite encontrar questionamentos, desafios, experiências e propostas que contribuem na tentativa de superar a crise em que se encontram.

Aponta-se uma série de questões desafiadoras que vem dificultando o caminho de novas propostas para a formação de educadores, ainda que a formação destes, dentro do modelo que inspira a universidade brasileira, ocupa uma posição secundária. “A formação de educadores é percebida como uma atividade exercida contra as forças dominantes da instituição. Não é uma atividade valorizada, não recebe incentivo, nem estímulos à pesquisa”. PEREIRA (2001, p.2). O propósito é discutir as preocupações quanto ao desenvolvimento de uma nova conceitualização de educação que permita o surgimento de uma abordagem mais crítica em relação à educação do professor.

Quando se fala em educação em seu sentido mais amplo e crítico e quando está em jogo o processo de formação humana, quando se pretende desconstruir o senso-comum da disciplina acadêmica recreação e lazer nas universidades, comumente, tratada, confundindo-a como “atividades” de caráter funcionalista, portanto, compensatório, utilitarista, romântico e moralista – necessário se faz rever o conceito de Educação, sobretudo no que se refere à relação dialética entre Educação-Trabalho-Lazer.

O debate acerca do conceito de educação do ponto de vista da formação humana para além da formação “meramente profissional”, posição muito comum no âmbito dos

professores de Recreação e Lazer das universidades, salvo algumas exceções, poderia levar em consideração a *Educação para além do capital*, que implica na idéia de que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim, conscientização e testemunho de vida. É construir, libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades. Sendo assim, educar para além do capital implica pensar numa sociedade para além do capital. (Mézáros, 1981). Neste sentido, educar para o lazer na perspectiva dos cursos de Educação Física, implica romper com o senso-comum conservador, buscando elementos de caráter crítico em relação aos conceitos de lazer, trabalho, lúdico e, sobretudo, de *animador recreativo*. E por que isto? Porque a idéia de formação humana de educadores deve trazer implícita outra idéia de “animação”, não apenas no seu sentido sócio-cultural, mas político, pedagógico, artístico, estético e ético. Então, pensando deste modo, a formação humana de educadores para a recreação e o lazer, enfim, das práticas corporais, deve alcançar a dimensão da animação, enquanto fundamento crítico e revolucionário na perspectiva da “formação de militantes culturais”, educando para o lazer.

Quando se fala em formação humana de educadores no sentido de animação sócio-cultural, pedagógica, ética, política e estética, estou me referindo à necessidade de nós professores (as) da disciplina Recreação e Lazer, buscar novos elementos e alternativas teórico-metodológicas, visando uma formação, digo, educação para além do jogo do mercado, das simulações de divertimento da mídia e da indústria do entretenimento. E isto é possível chamar de “Educação para além do capital”.

Uma das críticas mais contundentes de Moreira (1999) refere-se ao fato de que, quando aparecem propostas relacionadas à formação de educadores, em geral, não passam de celebrações de método de investigação e de instrução mais refinados e reflexivos, ou então, não conseguem libertar-se da prisão crítica. “Esse dilema permite constatar que as formas discursivas, tanto liberais quanto radicais, têm sido igualmente incapazes de criar uma teoria e um espaço social novos para a redefinição da natureza do trabalho do professor e da função social do ensino” (ibidem, 1999, p.131).

Neste sentido, os educadores mais progressistas vêm invocando a linguagem da crítica, da auto-reflexão e da articulação da teoria com a prática. Mas esse tipo de esforço não consegue conceituar a educação do professor como parte de um projeto político mais amplo ou da luta em geral. Assim, o interesse em abordar o desenvolvimento de uma consciência crítica do sujeito em processo de formação também está evidente nos trabalhos de Paulo Freire (1996) sobre a educação libertadora e conscientizadora das camadas populares, referindo-se à necessidade de uma educação crítica, a partir da constatação de uma trama das

relações pedagógicas entre opressor e oprimido, que tem ocasionado um aluno passivo frente ao objeto de conhecimento, acrítico frente aos valores propagados em sua formação e alienados frente à conjuntura e aos problemas de ordem política e social.

O educador deve ser um mediador entre o aluno e o conteúdo, o que o torna responsável por proporcionar uma formação que ultrapasse o estágio do simples conhecer, para o ato de praticar, pensar e agir criticamente. A consciência humana apresenta-se como forma superior do pensamento que envolve não apenas conhecimento em si, mas requer o estabelecimento de ligações sistematizadas em meio às emoções, sentimentos e vontades imediatistas, pela práxis que desenvolve. Por isso possui a propriedade de refletir criticamente a realidade.

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexivo, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade. “A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de refletividade crítica sobre as práticas de reconstrução permanente de uma identidade pessoal” (NÓVOA, 1992, p. 25) O professor da Universidade pode fazer com que os alunos reflitam em cima de situações problemas, como na fala abaixo:

*Por exemplo, eu trabalhei um texto sobre brinquedo tradicional, aí eu fiz algumas questões desse texto, mas antes perguntei da vida deles: Quantos brinquedos já construíram? O que é **brinquedo? Jogo? Esporte?(grifos meus)** Para ver, eles estão no 4ºano. Por isso, com base no texto um em questão, meu viés era o **brinquedo tradicional (grifo meu)**. Quantos brinquedos eles construíram? Como construíram? Onde eles brincavam? Eles leram o texto, depois pontuei no quadro os principais problemas, os fatores que influenciam esses problemas e as soluções possíveis em relação aos dois. E aí cada grupo discutiu e depois expôs o resultado das questões. Foi uma dinâmica bem legal. Eles conseguem trazer o conhecimento deles para sala de aula. Juntou a parte pedagógica. Eles conseguiram juntar a **teoria à vida cotidiana (grifo meu)** deles nessa temática. Só que tem conteúdo que é mais complexo para trabalhar, outro é menos complexo. O objetivo é fazer com que eles pensem. (professor da universidade 3)*

A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E, por uma reflexão crítica sobre a sua utilização, a formação passa por processos de investigação diretamente articulados com as práticas educativas. A necessidade de pensar nos problemas é importante para que os brinquedos não venham a ajudar a reduzir as possibilidades de fluência da imaginação infantil (OLIVEIRA, 1996), pois o brinquedo

sempre se prestou a favorecer relações amistosas entre as crianças, enquanto que os brinquedos eletrônicos inibem a criatividade da criança. Ainda para Oliveira (1996) a noção de jogos competitivos não necessariamente comporta a destruição do outro, ao contrário, serve para por em prática minha habilidade e meu preparo para superar o outro. Já para Brougère (2002) o jogo é antes de tudo o lugar de construção de uma cultura lúdica. O jogo produz a cultura que ele próprio requer para existir, sendo uma cultura rica, complexa e diversificada. O jogo, ao ocorrer em situações sem pressão, em atmosfera de familiaridade, segurança emocional e ausência de tensão ou perigo, proporciona condições para aprendizagem das normas sociais (KISHIMOTO, 2002).

Não se pode dissociar a formação da produção do saber, também não se pode alienar de intervenção no terreno profissional. As escolas não podem mudar sem o empenho dos professores, e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham. O desenvolvimento profissional dos professores tem de estar articulado com as escolas e os seus projetos.

Conforme França (2001) este caminhar que não resiste às inovações, pelo contrário, espera-se deste profissional que esteja mobilizado e aberto aos desafios da busca de conhecimentos que o capacite a compreender a realidade político-social e nela exercer influências, capacite a compreender a realidade e, se necessário, desenvolver a capacidade de investigador e avaliador crítico de sua própria atividade profissional e a partir desta, elaborar, produzir, e transformar os saberes em fazeres de sua práxis social.

Estas atitudes constituem objetivos a alcançar pelos programas de formação de professores, mediante estratégias e atividades que possibilitem a aquisição de um pensamento e de uma prática reflexiva. O que significa, então, tentar formar um professor para que ele se torne mais capaz de refletir *na* e *sobre* a sua prática?

*Geralmente é nesse viés **ação, reflexão, ação (grifo meu)**, ou no contrário, que abordo as teorias em cima de situações problemas. Isso eu levei tempo. É tão mais fácil dar as **aulas diretivas (grifo meu)**, é tão mais cômodo a gente montar aulas objetivas. A construção do conhecimento é bem mais complexa. Você tem que utilizar estratégias diferenciadas, **estratégias (grifo meu)** que façam os alunos pensarem, mas é possível, porque concordo ou não concordo. Você estimula mais a participação do grupo, traz para a universidade coisas do dia a dia que são importantes, de sua vivência. Eles têm uma caminhada nessa área, mas espera da gente tudo pronto. É o **assistencialismo (grifo meu)**. A questão da **receita (grifo meu)**. Quando você tenta **desconstruir (grifo meu)** isso, partindo deles, das vivências deles, pede que tragam as coisas de fora para dentro, e é aí que se relaciona a teoria difundida pelos livros, mas é mais complexo. (professor universidade3)*

Vamos fazer uma análise da relação entre a teoria e a prática a fim de mostrar a possibilidade e a necessidade de sua articulação e integração. Para tanto, a discussão das relações entre a prática e a teoria tem sido uma preocupação entre muitos pesquisadores. A reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação pode ser considerada como a análise que o indivíduo realiza a posteriori sobre as características e processos da sua própria ação. Realmente isto é de grande importância e acontece nas universidades, dentro de algumas disciplinas. Kunz (1995) procura mostrar que a prática é uma necessidade da teoria e que a teoria é uma necessidade da prática. E também faz críticas no sentido do predomínio teórico, ou só da prática e as suas conseqüências. Por isso a importância do professor propor situações problemas, faz com que o mundo acadêmico reflita o que está acontecendo na sociedade, trazendo os problemas da sociedade para dentro da universidade. Cardoso (2003) diz ainda que se a tarefa da universidade é ajudar e apoiar a comunidade na solução dos problemas, ela deve se aproximar da realidade, conhecer a vida dessas comunidades e seus problemas. Por isso, a aula aberta utilizadas pelo professor, faz com que os alunos participem de forma diferenciada trazendo coisas do dia a dia, para dentro das aulas. Conforme CARDOSO (2003, p.123) “A concepção de aulas abertas considera a possibilidade de co-decisão nos níveis de planejamento, objetivos, conteúdos e formas de transmissão e comunicação no ensino”. Os alunos participam e dão idéias do que está sendo estudado.

O professor deveria ser um profissional reflexivo e construtivo. Por um lado, constrói de uma forma progressiva o conhecimento no decurso da sua ação profissional. Por outro lado, é um ser profissional reflexivo através de um processo de observação, compreensão, análise, interpretação e tomada de decisões, mas isso nem sempre acontece.

A temática formação de professores instiga, nos dias de hoje, inúmeras pesquisas no esforço de instigar os cursos de formação docente a repensar políticas de reestruturação do ensino nas sociedades. Assim, surgem grandes desafios para as universidades, na efetiva reestruturação de seus cursos de licenciatura.

Os desafios de toda e qualquer instituição universitária vêm ao encontro da necessária refundamentação e reestruturação dos saberes técnico-científicos, profissionais e sócio-culturais que constituem as sociedades. Sendo de fundamental importância repensar os cursos de formação de professores, além de criar uma nova cultura do saber universitário fundado na pesquisa interdisciplinar e na ressignificação da ciência à luz dos problemas concretos enfrentados pela sociedade atual. [...] *vemos instituições voltadas para estar formando o que se fala em formar o homem, mas esse homem voltado ao mercado de trabalho, ou então vai*

para uma universidade, para o ensino superior com o objetivo de capacitar tecnicamente para atuar num mercado profissional. (professor da universidade 2)

Para Zitkoski e Mello (2002) a constituição da profissão está relacionada com a idéia de educação, tanto na sua trajetória individual como no coletivo. Integrar-se num grupo, assumir sua cultura. À luz do contexto histórico em que se encontram situados os cursos de formação de professores, fazem-se necessário analisar os limites e possibilidades frente ao desafio de propor alternativas aos cursos de licenciatura, para uma formação mais humana dos indivíduos. *Exemplos de atividades para a formação humana são aqueles que fazem entender esse processo de ruptura (professor da universidade 2)*. Pois esta possuiu uma delimitação na estrutura curricular que privilegia o modelo positivista de ciências. Ou seja, as atividades pedagógicas de produção do conhecimento priorizam o trabalho individual de disciplinas isoladas. O resultado desse tipo de ensino é a formação meramente técnica/ profissionalizante reprodutora de uma visão de mundo passiva que se acomoda e/ou adapta aos sistemas vigentes. A consciência do educando, nesse contexto, somente reproduz a cultura hegemônica e não problematiza as realidades sociais que a cercam.

O ensino reproduz-se de forma abstrata e alienante frente às realidades concretas vivenciadas pela maioria dos educandos. São uns ensinamentos abstratos que não fazem a relação da prática com a teoria, reflexão e ação, as universidades com o cotidiano das escolas.

Essa formação profissional e de formação de professores reproduz a alienação do educando diante da realidade sócio-cultural em que o mesmo situa, distanciando o educando do seu próprio mundo vivido, nessa cultura pedagógica tecnicista.

Nos cursos universitários, principalmente nas licenciaturas, desencadeiam-se, por vários motivos, ricas discussões sobre o projeto político-pedagógico de cada curso, fazendo repensar o funcionamento do todo o currículo e as práticas de ensino e pesquisa. É a esperança de inovações pedagógicas às heranças de uma educação conservadora (bancária e tecnicista). Nesse sentido, podemos alcançar um novo paradigma educacional, uma integração de diferentes áreas, na busca de solução para problemas da realidade social. *Trabalhar a criatividade, o senso crítico (grifo meu), saber o porquê está fazendo aquilo. (professor da universidade 1)*

O que está faltando é aprofundar a discussão pedagógica capaz de fundamentar uma cultura educacional à luz de um projeto de educação coerente e articulado coletivamente. Sendo através da pesquisa que se torna possível dialogar com a realidade, avaliando as práticas pedagógicas que estão sendo efetivamente realizadas. E nessa articulação entre o ensino e pesquisa é que as universidades precisam pesquisar e a construir dialeticamente o

próprio conhecimento, pois ninguém orienta outrem para lugar algum se não souber o caminho a seguir Zitkoski e Mello (2002).

3.3. Formação de professores em Educação Física

[...] a formação humana é o homem sendo formado no decorrer da sua história, na evolução humana. Toda parte histórica é o ser humano. E eu vejo que a formação profissional nega um pouco os valores humanos nessa sociedade formada. Ela nega o homem e valoriza a coisa, então tudo o que se forma profissionalmente está sendo voltado na etapa trabalho, ou seja, o homem está sendo formado para tornar-se coisa. Então a formação profissional e a formação humana, nesse âmbito, se tornam opostas, antagônicas, elas vão para caminhos opostos. É impossível, em minha opinião, formar coisa ao mesmo tempo. Ou você forma um, ou você forma outro. (professor da universidade 2)

Em relação à formação profissional, a partir da crise estrutural, da globalização da economia, que além da dependência econômica gera uma dependência cultural, surgem propostas que tentam adaptar o futuro trabalhador num mundo competitivo, onde nova habilidade é necessária para agi-lo profissional. Buscam atender as necessidades do mundo do trabalho e, ao mesmo tempo, humanizá-lo. Neste sentido procuramos conhecer o tipo de formação exigido e as competências valorizadas neste contexto e aquelas que auxiliariam a transformar o mesmo.

Kunz (1994), apoiando-se em Mayer que se baseou em Habermas, apresenta as competências objetivas, sociais e comunicativas, orientadas aos interesses humanos como condutores do conhecimento, por acreditar que estas competências têm uma intenção mais clara de emancipação dos sujeitos.

Segundo Freire (1996) a educação é um ato político e na sua obra Pedagogia da Autonomia ele nos remete aos vários saberes necessários à prática educativa, à criticidade, à ética, à estética e ao respeito aos saberes e autonomia das educandos.

Conforme Baggio e Baecker (2001) a Educação Física já constava na grade curricular das escolas antes de um curso de ensino superior de Educação Física. Os profissionais que adotaram vinham das áreas médicas, militares e da própria pedagogia. Neste sentido, os cursos de formação em Educação Física possuem herança tecnicista que serviam para suprir a demanda e continuar uma visão de Educação Física comprometida principalmente com a conduta moral, social e higiênica dos alunos.

A preparação profissional em Educação Física passou por mudanças profundas. Hoje encontramos uma realidade um pouco modificada, em partes graças aos novos conhecimentos produzidos e discutidos, fruto das novas exigências do mercado.

Com a criação do bacharelado nas instituições, houve reformulação nos currículos dos cursos de preparação profissional em Educação Física, havendo uma diferenciação e a separação do licenciado (professor) do bacharel (profissional) visando atender, do ponto de vista profissional, as necessidades do mercado e da sociedade, ou seja, profissionais ligados a Educação Física no atendimento de diferentes necessidades da população.

A criação dos cursos de bacharelado veio atender a um novo perfil de profissional que não está ligado ao ensino regular, mas a uma nova e crescente fatia do mercado constituída por clubes, academias, empresas, condomínios, personal treiners, onde a atuação é direcionada não mais somente em executar habilidades, mas em saber como e por que executar.

Diante disso, é de fundamental importância repensar e reestruturar os currículos dos cursos de formação de professores em Educação Física, para que possam atender as necessidades da sociedade e, sobretudo, promover a valorização da área.

Os currículos dos cursos de formação profissional apontam que durante a formação inicial o conhecimento é transmitido numa visão descontextualizada, formando profissionais práticos e generalistas, acarretando uma futura atuação de forma parcial dentro da realidade.

Bracht (1993, p.116) nos diz que “há necessidade de voltar à produção do conhecimento [...] para as necessidades da prática pedagógica em Educação Física [...] superar a fragmentação a partir das necessidades da prática que são globais”.

Para abordarmos a questão da desvalorização da Educação Física, pois uma grande parcela da sociedade possui uma visão diferencial da mesma, o que a própria história da Educação Física mostra, retornaremos um pouco ao passado e as origens da Educação Física.

“Neste contexto que a Educação Física foi introduzida no processo educacional, carregando consigo um valor educativo que caracterizava como disciplina curricular e não como área de conhecimento” GHILARDI (1998, p. 2). Sua formação restringia-se a reprodução de informações, sem autonomia e de forma acrítica, fazendo parte do currículo.

Entendemos que o conhecimento precisa ser reconstruído a partir das experiências, da interação entre os graduandos e os professores, buscando, através da sua tematização, um significado que contribua para a compreensão da realidade. Para Freire (1996) o professor deve saber que ensinar não é transferir conhecimento e sim criar as condições para a sua própria construção.

É preciso integrar o conhecimento com tudo o que se refere à cultura corporal de movimento, subsidiando os futuros professores para tomarem decisões conscientes no seu agir profissional. O professor é chamado a trabalhar a reflexão, a relação dos fatos, onde o graduando deve saber discernir as conseqüências das ações individuais e coletivas no contexto histórico, articulando os aspectos técnicos com as dimensões sócio-antropológicas do conteúdo, sabendo que este pode ser um instrumento de emancipação.

Sendo um curso de Licenciatura, deveria haver uma maior preparação para a atuação nas escolas, um maior exercício da docência, uma formação humana mais crítica e responsável pelos seus atos, na facilidade de resolução de problemas.

Essa questão da formação acadêmica remonta a problemas sérios que exigem reflexão e pesquisa na medida em que a Educação Física precisa de diálogo amadurecido com outras disciplinas do universo acadêmico.

O conflito entre diferentes tendências defendidas pelos pensadores da nossa área, inicialmente, se estabeleceu de forma acirrada, promovendo um debate muito mais político que acadêmico, estabelecendo-se grupos opositores que defendiam estatutos epistemológicos diferentes que, considerando-se que só pode ser respeitado como científico aquilo que se mantiver discutível (DEMO apud MONTENEGRO e RESENDE, 2001).

Os cursos de formação profissional em Educação Física têm acompanhado todos esses debates, porém não conseguem incorporar essas idéias no seu cotidiano. E nesta esfera que se encontram inseridas as universidades, como centro que produzem idéias e tecnologias, porém distanciadas da realidade e nem sempre aceita pelos alunos, o papel da universidade, mas deve estar na consciência de professor que trabalha, quebrando valores trazidos pelos acadêmicos.

A linha da vida que eu pretendo fazer é quebrar, fazer a desconstrução total de valores e quebrar paradigmas. Se a universidade não tem esse papel ela cai num curso técnico e, às vezes, é preciso falar isso para os alunos. Eles vêm com a expectativa de manter a linha da vida e se esse momento não for quebrado no ensino superior, não vai mais ser quebrado em nenhuma outra, porque logo em seguida quando ele sai do ensino superior ele volta para o mercado de trabalho. (professor da universidade 2)

Assim também a formação em Educação Física tem esbarrado em problemas de ordem estrutural, econômica e epistemológica do saber que se deve ter para ensinar na universidade, o saber cotidiano e a vivência na construção do conhecimento do professor sobre o ensino. É uma preocupação dos educadores com o conhecimento produzido nas universidades e sua aplicação para a melhoria das condições de vida em nossa sociedade. As mudanças na prática

docente foram motivos de estudos quanto a preocupações nas instituições de ensino, só talvez não se dê realmente a devida importância. Fica mais fácil quando vários professores trabalham as disciplinas filosóficas, com que os alunos mudam os conceitos do senso-comum, trazidos consigo. *O aluno chega com paradigmas que foram ameaçados ou iniciados a serem quebrados anteriormente e daí fica muito mais fácil romper. (professor na universidade 2)*

Agora, pelas novas diretrizes, deseja-se habilitar um profissional que teria por titulação ser Graduado em Educação Física. Na nova estrutura curricular, as Instituições de Ensino Superior gozariam de autonomia para estabelecer o currículo pleno que desejassem determinar ante as características regionais e os interesses da profissão. Teriam liberdade para definir qual o marco conceitual, o perfil profissional, as ementas, nomes das matérias, os conteúdos e a forma de tratá-los durante as fases de formação básica, específica e de aprofundamento, quanto teriam margem de manobra considerável em relação à administração da duração do curso e da carga horária de cada matéria a fim de promover ensino, pesquisa e extensão para a formação dos graduandos em Educação Física.

A resolução nº 7/2004, que estabelece as diferenças entre Graduação e Licenciatura em Educação Física, bem como às exigências das Diretrizes curriculares nacionais para a Formação de professores da Educação Básica.

As diretrizes curriculares nacionais para a formação de graduados em Educação Física diferem os princípios, as condições e os procedimentos para a formação dos profissionais de Educação Física, estabelecidos pela câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, para aplicação em âmbito nacional na organização, no desenvolvimento e na avaliação do projeto pedagógico dos cursos de graduação em Educação Física das Instituições do Sistema de Ensino Superior.

“Tanto na Licenciatura como no Bacharelado, o conhecimento deve ter uma importância maior do que o desempenho físico. O produto que se busca é a formação de professores ou profissionais e não atletas e a atividade de ambos são intelectuais e não física”. (GHILARDI, 1998, p.4) Verificamos então que uma profissão só existe porque existe uma necessidade de se prestar um serviço específico à sociedade.

Pode-se argumentar que a idéia do profissional de Educação Física como educador é oriunda de uma formação generalista. O licenciado é um especialista em educação escolarizada (e o licenciado em Educação Física deve ser um profundo conhecedor da função da escola e do papel da Educação Física dentro dela).

Embora esteja de acordo com a premência da Educação Física em se constituir como área academicamente reconhecida, Betti (1996) não está convencido da possibilidade de se

caracterizar uma “ciências” ou “disciplina” nos moldes tradicionais, capaz de investigar o movimento humano.

Betti (1996), explorando a própria dinâmica da ciência, qual seja, faz questões da prática e sugere transformações para a prática e reavaliar suas próprias concepções científicas, advoga que qualquer estudioso pode investigar e se manifesta sobre algo relacionado à área sem, no entanto, estar preocupado ou instrumentalizado para melhorar qualitativamente a intervenção.

A temática formação profissional tem merecido, por parte de grupos de pesquisa, uma intensificação dos estudos no campo educacional, para a formação humana, ou seja, reivindicam múltiplo desenvolvimento das possibilidades humanas e a criação de uma forma de associação digna da condição humana. Se não a educação física passa a formar técnico.

[...] formando um técnico possa se beneficiar dessa formação profissional na vida, lá fora, ou seja, beneficiar-se é sobreviver onde ele vai encontrar o que ele gosta ou o que ele quer fazer para poder sobreviver, para ele poder trocar sua força de trabalho para os mecanismos de subsistência e sobrevivência, então a disciplina entra nessa concepção. (professor da universidade 2)

Conforme Silva (2002) as políticas públicas, atualmente de cunho neoliberal ancoradas pelo projeto histórico capitalista, estão se materializando no mercado de trabalho e tem influenciado a formação profissional de Educação Física, dentre os elementos que sinalizam nesse sentido pode-se enumerar:

1. A valorização das disciplinas que estão diretamente relacionadas ao setor produtivo, isto é, a produção de ciências e tecnologia, em detrimento daquelas consideradas desnecessárias a esse modelo;
2. A desqualificação do professor e a alteração do perfil da Educação Física escolar;
3. A mudança do currículo de formação de profissional da Educação Física via Resolução nº 03/87 levando à separação entre licenciado e bacharéis;
4. Crescimento do desporto competitivo via mídia.

São os elementos, as idéias e proclamações direcionadas a essas mudanças, que se pretende identificar e questionar. Para tanto, far-se-á o exame das reformas da Educação Física no Brasil, estabelecendo uma interface com outras reformas em outros países. Esta opção fundamenta-se no fato de que na literatura os exemplos apontados indicam haver semelhanças em alguns pontos das reformas educacionais de vários países. Essas transformações em duas áreas são: mudança do perfil da Educação Física escolar e mudança do perfil do profissional.

Taffarel alerta para as abordagens curriculares no processo de formação profissional em Educação Física, critica a forma autoritária como são conduzidas as reformulações dos currículos e a inexistência de uma reflexão filosófica que se colocaria “frente à realidade curricular que a ciência através de seus paradigmas, suas técnicas, procedimentos, métodos, metodologias, teorias, intenta responder” (Taffarel, apud Silva, 2002, p.50).

Uma pesquisa realizada por Darido (in: SILVA, 2002) em que esta tinha como propósito a análise das ações dos profissionais formados na perspectiva científica, o modelo curricular adotado principalmente nas universidades públicas e nos programas de mestrado das faculdades de Educação Física, confirma, por sua vez, que esses profissionais não modificaram o seu campo de trabalho, mas procuraram ajustar-se a ele.

[...] conformismo da vida para que haja manutenção do equilíbrio social atual, e daí ele não vai ter ruptura nenhuma, não vai ter nenhuma outra instância de desconstrução do ser social. É um único espaço para isso, e isso consiste em um novo entendimento e várias compreensões. Não adianta você criar um curso superior e dizer que ele tem novas compreensões de vida, sendo que ele forma para o mercado de trabalho. Isso para mim não é romper visão nenhuma na sociedade, pelo contrário é fortalecer. Então, em minha opinião, se você quer romper alguma coisa, você tem que ir contra essa sociedade que está aí. Daí é romper, caso contrário não vai romper nada, vai ser um enlaço quando avança e fica se divertindo, indo prum lado e para o outro, só que está sempre preso às regras sociais. Romper para mim diz respeito a ir contra ao que está atualmente. (professor da universidade 2)

Alguns “profissionais” procuram acomodar-se aos problemas e aceitar sem críticas o cotidiano de seu local de trabalho, enquanto que outros profissionais lutam pelo crescimento, não acomodando com a rotina e buscando resolver os problemas surgidos. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) aponta outros problemas que é o conhecimento limitado dos pesquisadores quanto aos incentivos de pesquisa, a ausência de tradição de pesquisas na área, grande pulverização de linhas de pesquisa, poucas publicações em periódicos, pouco rigor do corpo editorial etc. Isso é a fala do CNPq que nem sempre é a realidade enfrentada pelos pesquisadores, onde vale a quantidade de produção e não a qualidade, a falta de ética dos profissionais colocarem o nome junto em produção sem ter participado, só para alcançar produtividade exigida pelo CNPq, entre outras várias exigências não divulgando os incentivos ao pesquisador, não ter acesso às informações no tempo certo.

Ainda um outro exemplo é a queda da qualidade da formação de professores, ocasionada pelo aumento substancial e desordenado das escolas de Educação Física, esse aumento acelerado, exigiu certa improvisação de professores, aliado a este problema os autores citam também a deficiência na qualificação dos docentes, bibliotecas inadequadas

para o desenvolvimento da pesquisa e a carência de laboratórios, somam-se a estes a defasagem dos conteúdos programáticos.

Conforme Silva (2002) a expansão da pós-graduação também deu sua colaboração, à medida que a maior parte dos professores qualificados foi deslocada para estes cursos, deixando os professores menos qualificados, inexperientes e recém-formados encarregados da graduação. Além destes aspectos, foi recorrente nos textos analisados também a menção à falta de integração entre os cursos de formação e a realidade onde os formados irão atuar, bem como à falta de interdisciplinaridade.

Devemos lançar novos questionamentos e promover novas reflexões a respeito de como deve ser toda a formação do curso de Educação Física que proporcione uma melhor capacitação profissional.

Para finalizar este capítulo, gostaria de justificar e reiterar que, apesar de utilizar no texto a palavra “formação profissional”, estou me referindo à “formação humana”, cujo debate está diretamente ligado a um conceito de educação, que extrapola os limites da profissão em si, para além da formação “meramente profissional”. Esta posição ainda é muito comum no âmbito da formação de professores de Educação Física, em especial, dos professores de Recreação e Lazer das universidades, salvo algumas exceções. O processo de formação “meramente profissional” poderia levar em consideração a *Educação para além do capital*, implicando, assim, na idéia de que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim, conscientização e testemunho de vida. É construir, libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades.

4. OS TRATOS PARA COM A DISCIPLINA RECREAÇÃO E LAZER EM ALGUMAS INSTITUIÇÕES ESTADUAIS DE ENSINO SUPERIOR DO ESTADO DO PARANÁ

As reflexões e problematizações apresentadas neste capítulo, as palavras-chaves e conjuntos categorias emergidas do campo, não pretendem esgotar um conteúdo tão complexo, interdisciplinar e polissêmico em torno dos conceitos de recreação, lazer, tempo livre e trabalho. E para que serve a disciplina recreação e o lazer para as aulas de Educação Física. Na verdade, busquei tensionar as categorias teóricas e empíricas, no sentido de, nas considerações finais do trabalho, poder, de forma propositiva e provisória, apontarem possíveis sinais de superação dos equívocos e senso-comum, subjacentes aos planos de ensino e ementas das três universidades investigadas do estado do Paraná.

4.1 Palavras-chave e conjuntos categorias emergidas do campo exploratório.

Assim, partindo das questões e contando com a diversidade dos dados advindos das entrevistas, iniciarei a análise de conteúdo dos currículos, programas e planos de ensino das universidades, sem perder de vista a delimitação do problema (a pergunta de partida, as questões de pesquisa/hipóteses, objetivos). As finalidades da fase de análise, segundo Minay e Deslandes (1994), são as seguintes: estabelecer uma compreensão dos dados coletados; confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado.

QUADRO 6 - Palavras-chaves e conjuntos categorias emergidas das entrevistas.

Lazer	Trabalho	Tempo livre	recreação	Formação humana	Currículo
Manifestação histórica social	Produzir	Atividade espontânea	atividades	Atualizar	Ensino-aprendizagem
Ocupações	Questões históricas	Atualizar	descontrair	desenvolvimento	Instituição de ensino superior
Tempo livre	Transformação da natureza	Ler	alegrar	Integração	Formação humana
Criativa	Trabalho abstrato	Assistir um filme	subterfúgio	relacionamento	Formação profissional
Interesses políticos e econômicos	Trabalho concreto	caminhada	distração	Formar o homem	Teoria do lazer
Atividades	Obrigação	Ações	equilíbrio	Sobreviver	Cidadania
Tempo humano	Produção cultural profissional	Trabalho abstrato	coisas submissas	Acrítico	Interrelacionadas
Tempo de lazer	Vinculada a um contrato	Trabalho concreto	criativo	romper a linha da vida,	Improdutivo
Regras	Prazeroso	categoria	No tempo do trabalho	Valores	Forma curricular
Valores paradigmas	Lúdico Atitude	recuperação	Mecanismo	Regras	Grade curricular
Sociedade capitalista		Tempo de trabalho	Jogo	Assistir um filme culti	
Mercado de trabalho		Tempo de não trabalho	Brincadeira	Discutir	
Mercado produtivo sustentado pela atitude		Obrigações religiosas	Esporte	Sensibilidade	
		Obrigações educacionais	Recriar	Subjetivo	
Tempo Oprimido		Obrig. políticas	Reinventar	Mais humano	
		Obrig. sociais		Visão diferenciada	
Cultura		Recupera se compensa o esforço do trabalho			
Tempo disponível					
Vivência					
Prazer satisfação					
Fora do trabalho					
Funcionalista					

Práticas/pedagógicas	lúdica	Formação profissional	universidade	Atividades/Recreativas
Joguinhos/receitas	alegria	Ensino-aprendizagem	Desconstrução	a recreação ela forma a coisa
dicas técnicas	Jogos brincadeiras	Pensamento crítico divertimento	Quebrar paradigma	Formação profissional impossibilidade de transgressão
Sensação ilusória	técnicas	Senso-crítico	conformismo	Dinâmicas lúdicas
Conteúdos culturais	brinquedos	Mercado de	Processo ruptura	Cama elástica

		trabalho		
Nível da práxis	esporte	formador	novas compreensões	Mercado de trabalho
Ação/reflexão/ação	Brinquedo tradicional	criatividade	Contra essa sociedade	Estágio
Refletindo e avaliando		Educador físico	Carga horária	Compensar
Aulas diretivas		técnico	Disciplinas auxiliares	Jogo/lúdico
Estratégias		Trocar sua força de trabalho	Eixo norteador	Bets
Receitas		planejar	Não valorização	Pular corda
Situação problema		administrar	reprodução	Eventos na praça
assistencialismo			desconstrução	Eventos na escola
Teoria e vida cotidiana			Reflexão	Práticas pedagógicas
problemática			conhecimento	Experiência na comunidade
			Construção coletiva	Conteúdos culturais
			questionar	Nível da práxis

Assim, partindo dessas questões e contando com a diversidade dos dados advindos das entrevistas, iniciarei a análise de conteúdo dos currículos, programas e planos de ensino das universidades, sem perder de vista a delimitação do problema (a pergunta de partida, as questões de pesquisa/hipóteses, objetivos). As finalidades da fase de análise, segundo Minayo e Deslandes (1994), são as seguintes: estabelecer uma compreensão dos dados coletados; confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado.

O processo acima descrito através dos quadros, nos quais constam conjuntos, categoriais e palavras-chaves fundamentais para a construção do objeto, constitui-se na *definição das categorias analíticas*. Essas categorias visam o intercâmbio entre as categorias selecionadas no início da pesquisa (teóricas) e as categorias empíricas, emergidas no processo de campo, obedecendo, portanto, a um *modelo misto de definição de categorias analíticas* (LAVILLE e DIONE, 1999). Isto posto, segue-se daqui para a diante o desenho do recorte do objeto de estudo, no sentido de buscar, no âmbito da relação teoria-empíria os elementos constitutivos, através de análises e resultados, que possam responder em cada capítulo e nas considerações finais as perguntas e hipóteses levantadas na introdução deste trabalho.

4.2 As relações e significados entre lazer e recreação no âmbito da disciplina Recreação e Lazer nos cursos de Licenciatura em Educação Física: em busca de algumas pistas historiográficas

Docentes que ministram a disciplina Recreação e lazer, cotidianamente, com um senso-comum a esse respeito, que de um lado, deixa paralisada ao constatar uma visão utilitarista de joguinhos e brincadeiras para “animar” ou “motivar” as aulas de Educação Física. De outro lado, com base numa reflexão crítica permanente e fruto da nossa inquietação e insatisfação quanto ao papel desta disciplina nos currículos de Licenciatura em Educação Física, somos impelidos a realizar pesquisas, no sentido de questionar os tratos para com esse tipo de conhecimento num curso de formação de professores de Educação Física. Penso ser de grande relevância questionar o papel da disciplina recreação e Lazer, sobretudo, quando o enfoque diz respeito a uma “pedagogia da animação” nas escolas, essa relação do lazer, a escola e o processo educativo, sugere questões práticas e nos faz repensar o trabalho pedagógico desenvolvidos nas escolas. Creio que, mais do que propor alternativas práticas para superar as chamadas “abordagens funcionalistas do lazer”, tão usuais no âmbito formal (escola), quanto no não-formal (comunidades, movimentos sociais etc.); é a indagação filosófica, política e pedagógica acerca dos sentidos/significados dos usos dos tempos (de trabalho e de lazer) – concebendo-se como estratégia político-pedagógica de aprendizagem social para o chamado tempo de lazer ou “tempo livre”. Há, portanto, nesta investigação um caráter propositivo, no sentido de avançar nos estudos, nas políticas públicas e nas intervenções da universidade em escolas, movimentos sociais, sindicatos e instituições diversas.

Existem vários projetos/ações de lazer em nosso país e o lazer vem contribuindo na produção científica, pedagógica, cultural e social. Abordam questões relacionadas à recreação e lazer, no entanto sem pontuar esclarecimentos entre uma e outra. Considero fundamental conhecer os significados da recreação a partir das falas dos próprios estudiosos que contribuíram para a sua disseminação em nosso país. Em seguida compreender os vínculos históricos e culturalmente constituídos entre a recreação e o lazer em nosso contexto.

A associação entre os termos recreação e lazer é feita sem uma clareza de seus significados sócio-culturais e político-pedagógicos como se houvesse entre eles uma mesma construção histórico-social. Mas esse entendimento pode ser questionado a partir da análise do processo de constituição histórico-social e cultural de ambos no País, observando a origem etimológica dos termos, as trajetórias percorridas pela recreação e pelo lazer são distintas e nem sempre coincidem.

“[...] ao contrário do que se pensa recreação não significa uma atividade”, não é a mesma coisa que lazer, muito menos uma “função” deste WERNECK e ISAYAMA (2000, p.97). Recreação pode ser concebida como um movimento pedagógico-social com

possibilidades educativas, utilizada com proveito político e integrada, via escola, a um sistema de valores com os propósitos hegemônicos em cada contexto histórico.

Compreender o que é a recreação e o lazer na perspectiva de desenvolvimento humano não é uma tarefa fácil.

Para Bruhns (1997, p.123) [...] “considera-se a recreação um termo menos abrangente do que lazer. [...] a recreação pode ser considerada como produto, isto é, atividade/experiência, que ocorre dentro do lazer.”. Conforme Marcassa (2004) a recreação não é menos importante na história da educação infantil. É também uma atividade responsável pela formação moral e cívica de jovens e adultos. Discordo com o conceito de recreação de Bruhns, como se percebe, não pode tratar de lazer, sem antes ter o conhecimento de recreação. O que nos leva a concordar com Marcassa, a partir de possibilidades concretas de superação e aprendizagem social crítica para o tempo de lazer e de trabalho no capitalismo, levando-se em conta a mediação entre a educação e a “recreação”.

Concordo com Marcellino (1987) na transmissão dos conteúdos culturais do lazer e na classificação que inclui interesses físicos, práticos ou manuais, artísticos, intelectuais e sociais, atividades que buscam o atendimento das necessidades do corpo, as habilidades manuais, da mente, da sensibilidade e da sociabilidade. Considerando que cada atividade não cumpre apenas um desses interesses citados anteriormente, sendo impossível distinguir os critérios levados para a classificação, não tem como dividi-las até onde é um, ou é o outro. Os interesses compõem um todo interligado e não formado por partes estanques. Dumazedier (1979) cita os tipos de atividades de lazer: a) lazer físico; b) lazer artístico; c) lazer prático; d) lazer intelectual; e) lazer social, e classifica-os separadamente, dos quais Marcellino baseou-se.

Os conteúdos culturais de lazer não existem abstratamente, fora de uma realidade social. A realidade social e os seus conteúdos culturais são construções humanas e históricas, e assim são passíveis de mudanças: sociais, culturais e econômicas. Conforme Vago (1996) os conteúdos culturais pertencem à humanidade – são bens culturais produzidos pela humanidade, mas nem todos podem usufruir deles, a realidade econômica, relações de classe, princípios religiosos, questões étnicas e de gênero, impedem esse usufruto.

A recreação não trata de um direito ou de uma necessidade; tampouco pode ser vista como o sinônimo de jogos e de brincadeiras, trata-se de um movimento pedagógico-social

difundido, no Brasil, em função de interesses diversos, mas necessariamente voltados para a conformação, à reprodução e o ajustamento, (Werneck, 2000)⁹.

A ligação entre recreação e lazer é caracterizada pela ambigüidade e falta de clareza com relação aos conceitos. Segundo Werneck (2000) muitas vezes o discurso é encaminhado para uma perspectiva “crítica e criativa”, na realidade cotidiana, se aceita o emprego da recreação (enquanto uma atividade) para colocar propostas de lazer em ação.

A recreação, por sua vez, ao ser historicamente e culturalmente concebido como uma simples “prática”, não vem alcançando o mesmo status que o lazer. A recreação é assim, amplamente utilizada com um sentido pejorativo, ligado meramente ao desenvolvimento de determinadas atividades. Observe na seqüência *São as atividades (grifo meu) propriamente ditas que você realiza dentro do tempo de lazer. (professor da universidade 1)*

O termo latino *licere* que produziu a palavra lazer, tem o significado de lícito e recreação é proveniente do latim *recreation*, *recreationem*, que representa recreio (divertimento, entretenimento). Derivando do vocabulário *recreare*, com o sentido de reproduzir, restabelecer, recuperar. Mostrando assim a diferença dos significados de lazer e recreação.

As duas raízes das palavras estão relacionadas com o mundo do trabalho, o lazer como lícito, de um tempo livre reivindicado pelos trabalhadores e a recreação direciona-se para o prazer, o divertimento, ocupação saudável e útil desse tempo de ociosidade, tendo em vista a própria recuperação da força das massas produtivas.

Para Isayama (2002) impera hoje o significado de recreação como “reprodução de jogos e brincadeiras”. Continua sendo perpetuada a partir da ênfase em aspectos técnico-operacionais. As conseqüências dessa compreensão são visíveis em propostas de disciplinas ofertadas nos cursos de Educação Física, uma prática sem reflexão, apenas na reprodução. E algumas universidades privilegiam esse enfoque, que pode ser evidenciada no conteúdo desenvolvido, conforme exemplo a seguir *evolução histórica da recreação, recreacionista, atividades rítmicas, recreação supervisionada, atividades culturais, jogos, atividades de massa, lazer, atendimento a comunidade. (ementa da universidade 1)*, claro que depende como o professor irá trabalhar esses conteúdos, qual o direcionamento será dado, para ser apenas reprodução.

⁹ O Brasil assumiu o sentido de recreação norte-americano, que não se reduzia aos jogos e atividades prazerosas e organizadas para as crianças, mas foi, sobretudo, através das crianças que o seu significado foi sendo difundido no Brasil, apesar de ser vista (principalmente pelo Estado) como uma potente estratégia de controle e de manipulação social, sendo amplamente utilizada com o objetivo de organizar o “tempo de lazer” de pessoas de diferentes faixas etárias, sobretudo, das massas trabalhadoras, procurando minimizar os perigos causados pelo tempo ocioso (Werneck, 2000).

A recreação foi revestida de uma finalidade social, passou a ser vista como parte da religião, educação e do próprio trabalho. A disciplinarização das massas tornou-se a voz de comando, a palavra que pretendiam formar, uma personalidade fecunda e cooperante, utilizando como recursos os jogos, os esportes e certas formas de arte desenvolvidas, sobretudo nos parques de jogos.

Para Marcassa (2002), no Brasil, é possível dizer que a recreação está relacionada à história da educação, aparece como apenas um dos recursos da perspectiva médico-higienista. Surgiram idéias e programas a respeito da saúde, e aquisição de hábitos higiênicos. Essa ação educativo-corretiva invade o cotidiano doméstico, a escola, as relações sociais, familiares e culturais, reformulando a consciência e saberes sobre o corpo, de importância para a sociedade da época. Nessa formação aparece à recreação como importante instrumento pedagógico, cuja orientação era disciplinar o corpo no sentido de que o tempo livre, não se flexibilizasse com a preguiça, controle do tempo era de não deixar margem à ociosidade. Segundo Werneck (2000) a recreação constitui um tema sociológico, revestida de uma finalidade social, passou a ser vista como parte da religião, da educação e do próprio trabalho, não simplesmente como um conjunto de atividade, a disciplinarização das massas. Por essa razão, a recreação tornou-se voz de comando, para formar uma personalidade fecunda e cooperante, utilizando como recurso os jogos, os esportes nos parques de jogos. *Recreação na verdade são as atividades que regem um determinado **jogo** ou **brincadeira** ou **esporte (grifos meus)** que se caracteriza **criativo (grifo meu)** com novo vigor [...]. (professor da universidade 3)*

A recreação preocupava-se em proporcionar atividades alegres, espontâneas e prazerosas, desenvolvidas principalmente ao ar livre e organizadas por instrutores profissionais ou voluntários. Essa preocupação tinha como finalidade a manutenção da ordem, o controle moral, a disciplina e a manipulação social, valores vigentes na época.

Nesse sentido observei, em uma das universidades, no plano de ensino, que a recreação é amplamente difundida como receita de atividades e propostas, não superando a prática e com dificuldade da sistematização de conhecimentos teórico-práticos. *“Histórico de recreação, conceitos, recreação de acordo com as faixas etárias jogos: conceito, valor educativo, classificação, diferença entre jogos e brincadeiras, ritmo: histórico, conceitos, música, brinquedo cantado, atividades culturais: histórico, conceito, teatro, fantoches, Recreação livre, orientada, dirigida, supervisionada, atividades de massa: lazer, histórico, situação no Brasil, macro e micro ginástica”.* (conteúdo da universidade 1)

[...] muitos programas vinculam a recreação às atividades “práticas” desenvolvidas e atuam no intuito de que os alunos desses cursos sejam meros executores de atividades. [...] Tolerância, animação e prazer pelo trabalho são os pilares básicos para atuação dos recreadores. A formação profissional é fundada na cooperação e no amor ao trabalho assistencialista (ISAYAMA, 2002, p. 62).

A recreação pode ser observada nas origens das preocupações com o lazer no Brasil, em função do privilégio concedido às atividades físicas nos programas pioneiros, a formação de alguns dos primeiros profissionais ligados ao campo, e a influência norte-americana, essa proximidade com o sentido que as atividades recreativas e as atividades físicas ganharam no Brasil, compreendidas como forma de recuperar a força de trabalho do operário, manutenção da saúde, como fator de reorganização urbana, um dos problemas ocasionados pelo crescimento da estrutura industrial, que cada vez mais atraía a população para as áreas urbanas, retirando-as do contexto rural. Assim apontam o profissional de Educação Física como o de perfil mais adequado para atuar nos programas de lazer, “Centros de Recreio”, “Praças de Esportes”. Notadamente nas cidades de Porto Alegre e São Paulo havia um esforço para a busca da modernização do País, que passava pelo desenvolvimento de atividades higiênicas, ligadas a um projeto de controle corporal.

“No Brasil, vale destacar o valor social do empreendimento pioneiro de recreação para as massas, deflagrado em 1927 e oficializado em 1950, nascido por iniciativa de Frederico Gaelzer: o Serviço de Recreação Pública de Porto Alegre”, Werneck (2000, p.93). E assim se propagando por várias cidades do Rio Grande do Sul, “Os sentidos eram muito próximos aos que futuramente seriam desenvolvidos por Nicanor Miranda em São Paulo. [...] preocupado com as crianças envolvidas no rápido processo de industrialização nos Clubes de Menores operários, em 1973” (Melo, 2003, p. 61).

Para um dos professores entrevistados a recreação *entra como mais um subterfúgio da forma de distração (grifo meu) para a humanidade, visto aí há onipresente carga de assolamento humano que o trabalho oferece no dia-a-dia para as pessoas. (professor da universidade 2)*. Sendo vista como eficiente estratégia de controle e de manipulação social, a recreação foi utilizada com o objetivo de organizar o tempo de lazer, especialmente das massas trabalhadoras.

Nesse âmbito, o lazer era visto como algo vazio, tempo livre desocupado, que deveria ser preenchido com a proposta da recreação orientada. Assim, a partir da necessidade de conhecimento e controle social do tempo livre dos trabalhadores nos países industrializados, teve o início da sociologia do lazer, com a regulamentação e redução da jornada de trabalho.

Isso levou a necessidade da elaboração de modelos teóricos próprios para o lazer, empreendidos em diferentes áreas de conhecimento. Antes disso, o conceito predominante era o de recreação.

Como conteúdo do lazer, “a recreação tem sido vista quase que exclusiva como uma forma de instrumentalização, de aproveitamento e de utilidade do tempo livre”. (MARCASSA, 2002, p.192)

Entretanto, conforme observa Werneck (2003, p.25), por meio das atividades recreativas, “o controle é dissimulado em um suposto clima de espontaneidade e liberdade proporcionado pela vivência do jogo que, como uma receita, colabora com o processo de reprodução cultural”. Resumindo-se em jogos de regras e atividades corporais, que formavam sujeitos que adaptassem as situações geradas pela relação de trabalho, contribuindo para a consolidação do capitalismo.

Assim, vários estudiosos deixaram referências importantes sobre a recreação para a área da Educação Física, e introduzem aspectos psicológicos à vivência da recreação, caracteriza as atividades de recreação como atitude ou disposição mental do executante, marcada sempre pela livre escolha da pessoa. [...] *na Educação Física você utiliza das atividades recreativas, dentro da Educação Física, agora no lazer elas também são usadas só que elas têm o poder de optar e na aula de Educação física não, em princípio elas se caracterizam obrigatórias, elas fazem as pessoas **recriar, reinventar.** (grifo meu) (professor da universidade 3)* Ao contrário de apontar uma saída definitiva para a prática da recreação, o mais importante é problematizar e ampliar a nossa compreensão sobre ela.

Em nossa sociedade a recreação sempre foi vista como algo não sério, uma “brincadeira de criança”, mas com a proliferação do lazer percebe-se uma tentativa de rompimento com a recreação. Mesmo que a prática da recreação tenha experimentado significativos no curso de seu desenvolvimento, esse avanço não está presente na produção teórica sobre o tema. Quando isso acontece é associada à discussão do lazer. “Com isso, o sentido de recreação, arraigado culturalmente em nosso contexto, parece restringir-se aos famosos manuais, sendo relacionado à reprodução de simples jogos e brincadeiras, ministrados principalmente para as crianças.” (WERNECK, 2000, p. 115).

As escolas de formação profissional na Educação física brasileira se organizam no mesmo momento em que são estruturados os programas. Na década de 30 surgem há criação de cursos no Espírito Santo (1932), Escola de Educação Física do Exército (1933), em São Paulo (1934), a fundação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) na Universidade do Brasil (1939) e no Rio Grande do Sul (1940).

Desde o início houve a preocupação com a capacitação dos alunos para que pudessem atuar nos parques e centros de recreio e a necessidade de atuar com as crianças mais novas, em que se acreditava que a recreação seria mais adequada.

“Nos programas das disciplinas do Curso Normal de Educação Física fica claro a ênfase que era dada às discussões em torno da recreação, tanto nos aspectos práticos, como teóricos [...]” (MELO, 2003, p.63). Com tal aproximação alguns livros de Educação Física começaram a tratar sobre recreação, só que a maioria apenas repassa jogos e brincadeiras, há pouco espaço de teoria. Um autêntico “manual de recreação” pioneiro na produção brasileira apresenta toda a técnica à execução dos 200 jogos propostos (Nicanor Miranda). A elaboração desses manuais de recreação passa a idéia de que a recreação se limita à infância e essa idéia foi reforçada pelos fundamentos que conferiam o suporte teórico dessa prática: o movimento pedagógico conhecido como Escola Nova. No Brasil desde os anos 40, a recreação dirigida foi absorvida pela instituição escolar provenientes dos Estados Unidos. Sendo controlada e preestabelecida pelo professor, técnico ou instrutor.

Desde as suas origens, “a recreação estabeleceu um grande vínculo com a Educação Física, área que foi incumbida de desenvolvê-la, principalmente como uma interessante estratégia metodológica de organização de jogos e brincadeiras infantis”.¹⁰ (WERNECK, 2000, p.92,).

Por meio das atividades lúdicas, jogos e exercícios ginásticos, os limites entre trabalho e tempo livre, obrigação e diversão eram tecidos e revestidos pelas noções de utilidade e recompensa, que começam a ser forjadas pela prática da recreação e adicionadas já nas primeiras lições da educação infantil. (MARCASSA, 2002, p.140).

Os cursos de Educação Física sentiram a necessidade da inclusão de uma disciplina específica para o estudo da recreação, ou eram estimulados enfoques ligados à temática em disciplinas já existentes. E foram surgindo cursos específicos de Aperfeiçoamento de

¹⁰ O histórico da Educação Física com a Recreação é minuciosamente tratado nos estudos por PINTO et. al. Rec, lazer e ed. física/ciências do esporte: conhecimento e intervenção (1999). Oficialmente, a recreação integra, o circuito institucional da Educação Física com a criação, em 1993, da Superintendência de Educação Física, Recreação e jogo, no Distrito Federal. A idéia de recreação orientada, proposta pelo Método Nacional de Educação Física (1942) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961, fundamentou-se nas idéias de Ruy Barbosa sobre a Educação Física, renascida no Estado Novo. O serviço Recreação Operária foi instituído em 1943 e, no final dos anos 50, a Divisão de Educação Física e Secretarias Estaduais e Municipais de Esporte, proliferaram pelo país. Em 1962 que a proposta legal de currículo mínimo para a formação dos graduando em Educação Física contemplou como disciplina formal, no ano de 1971, por força do decreto n.69.450, a Educação Física “desportivo-recreativa” tornou-se obrigatória em todos os graus e níveis de ensino no Brasil.

Recreação e Jogos, como “em 1958 a realização do curso de Especialização em Recreação organizado por Inezil Penna Marinho”. (MELO, 2003, p.64)

No Brasil, ainda hoje diferentes cursos de graduação em Educação Física, vêm ofertando disciplinas voltadas para a tradicional prática da recreação, mas como a palavra lazer está em alta, é utilizada para denominar diferentes disciplinas direcionadas a recreação, ignorando o processo histórico de ambos, como se fossem a mesma coisa. Outro ponto destacado por Isayama (2002) relacionado à questão da nomenclatura das disciplinas; nas diferentes instituições de Ensino Superior, dentre elas: “Recreação e Lazer; Recreação; Recreação Musicada; Introdução à Recreação e aos Estudos do Lazer; Teoria e Prática da Recreação e do lazer; fundamentos do lazer”. No estudo atual, encontrei nomenclaturas diferentes nas instituições como: recreação, lazer e recreação, teorias do lazer. As palavras recreação e lazer são utilizados separados e juntos, por isso sendo necessária a compreensão dos seus significados.

Para Werneck (2000) associada e confundida com o lazer, a recreação continua sendo amplamente difundida em diferentes perspectivas (escolas, clubes, hospitais, hotéis etc.) não raras vezes conservando e reproduzindo os mesmos valores tradicionais de ajustamento e conformação social, para ela delineados desde o início do século XX¹¹.

Vemos a todo instante, a dicotomia teoria/prática que incide sobre essa problemática, presa ao chavão de que na prática, a teoria é outra. Dizer que o lazer e a recreação são a mesma coisa precisa ser revisto o fato de a essência lúdica ser compartilhada por ambos não é suficiente para diluir os contornos históricos.

“[...] romper com a recreação não significa romper com os jogos, brincadeiras e outras práticas culturais por ela utilizados [...] a recreação não representa essas “atividades” em si. Romper com a recreação significa, portanto, romper com a sistemática da reprodução cultural engendrada por esse movimento direcionado para **adestrar as massas** (grifos meus)” (WERNECK, 2000, p 122).

Esse rompimento que Werneck diz acima é romper com os interesses ideológicos que estão por trás da recreação, a reprodução e a manipulação da população através da recreação, ou seja, é a utilização do tempo livre de forma controlada.

¹¹ Em nosso contexto, verifica-se uma substituição por outros termos mais “inovadores” como “animação”. Ressalta-se que esses vocábulos são utilizados, muitas vezes, para denominar as mesmas práticas recreativas, muitas das quais continuaram conservando os mesmos princípios tradicionais. Se a essência do que é desenvolvido continua intocável, não adianta mudar a sua aparência por meio da utilização.

Essas vivências culturais lúdicas devem continuar integrando o lazer e a educação, desde que na perspectiva de construção e reconstrução de sentidos culturais diversificados e não como mera receita, como algo pronto e acabado, como oferece o mercado de turismo, as práticas alternativas a indústria do entretenimento, por ex: a diferença entre a Indústria do Turismo e uma viagem criativa, de aventura e não do pacote pronto – programas coletivos.

Ao realizar uma pesquisa desta natureza, é importante, fazer uma abordagem crítica do tema recreação e, conseqüentemente, do lazer. Marcellino (1987) nos aponta que o lazer teve sua origem na revolução industrial, resultado de reivindicações sociais oriundas da necessidade de um tempo legal de folga. Dentre outras coisas, os trabalhadores reivindicaram a redução da jornada de trabalho, com remuneração de fins de semana, férias e feriados. Entretanto, o lazer, no seu sentido mais amplo, é compreendido como a cultura vivenciada no tempo disponível das pessoas. Marcellino em seu livro: Estudos do Lazer enfatiza que o lazer está atrelado ao trabalho, que é utilizado no seu tempo disponível.

Ainda Marcellino (1990), sobre o conceito de lazer, diz que existem duas linhas: a que está ligada ao fator *atitude*, considerando o lazer como um estilo de vida, independente do tempo, e a outra linha que privilegia o aspecto *tempo*, liberado do trabalho e das outras obrigações: familiares, sociais, religiosas, etc. A maioria dos autores estudiosos do lazer defende a segunda linha. Assim, cabe nos questionar nessa sociedade capitalista: Onde está o nosso tempo livre? Estamos sempre correndo, pois tempo é dinheiro, e com isso aumentam as doenças, o estress e vivemos em função do trabalho. Concordo com Padilha (2000) na análise do conceito de lazer de Dumazedier que, na caracterização do lazer, o mesmo deixa claro que esta atividade deve ser “desinteressada”, ou seja, não pode ter fim lucrativo, utilitário ou ideológico, e assim não deve ser chamada de lazer e sim de “semi-lazer”, o qual pode ser definido como uma atividade de lazer que mescla com as finalidades de uma obrigação institucional. Nem sempre se consegue distinguir nessa sociedade capitalista, as atividades desvinculadas da obrigação.

*A sociedade capitalista entende como lazer o tempo após o trabalho; alguns autores utilizam como lazer um **tempo sustentado pela atitude** (grifo meu) (professor da universidade 2).*

Marcellino (1990) cita várias abordagens de lazer: *romântica*, marcada pelos valores da sociedade tradicional e pela nostalgia do passado e a família é vista como instituição normativa nesse terreno, sendo responsável pela educação para o bom uso do lazer. *Moralista*, motivada justamente pelo caráter de ambigüidade do lazer, ordem e a segurança social, controladora. *Compensatória*, o lazer compensaria a insatisfação e a alienação do trabalho.

Utilitarista, função de recuperação da força de trabalho, ou a utilização como instrumento de desenvolvimento, não questionando o caráter de utilidade. Todas essas abordagens têm uma função perante a sociedade, buscando a paz e a manutenção da ordem, mantendo todos ocupados e alienados no mundo do trabalho. Os valores funcionalistas do lazer estão na prática, no animador, no recreador do lazer que tem uma missão específica no tempo disponível das pessoas, procurando mascarar essa verdadeira intenção, falso humanismo, uma vez que funciona como diluidor das tensões, válvula de escape das tensões.

A recreação acaba sendo esse mecanismo (grifo meu) ideal, é como se fosse mais uma engrenagem perfeita para não se mexer na categoria abstrata, nem sequer questioná-lo ou mal sequer entender, porque é entendendo que eu posso questionar ou que eu posso mudar. Só posso superar alguma coisa a partir do que eu conheço. A recreação, ela acaba se formando nesse sentido de tornar as coisas submissas (grifo meu). (professor da universidade 2)

As reflexões proferidas acima proferidas pelo professor, em tom de desabafo, talvez seja uma das inquietações de parte da comunidade acadêmica (estudantes e professores). Conforme Marinho (2005) o conservadorismo está imbricada na Educação Física. E que após os anos 80, aponta uma geração que começa a denunciar o estabelecido, assumindo posições numa perspectiva de crítica social. “Essa postura conservadora, norteadas pela ideologia liberal, ou neoliberal, uma visão de mundo apoiada numa ótica de consenso, mascarando a luta de classes.” (MARINHO, 2005, p.31). As discussões remetem aos problemas do conflito em todos os campos de ação social. Sendo melhor entrar num consenso, a eterna alegria e a paz social, o conflito gera mudanças e isso incomoda as pessoas.

Enfim, estas são apenas algumas reflexões que permitem perceber como, na história, as relações entre a Educação Física, a recreação e o Lazer fartamente se estabeleceram no âmbito da formação profissional. Não sem problemas, alguns até hoje, ainda se apresentam em nosso cotidiano, que forjam algumas compreensões a serem questionadas a partir de uma ótica diferenciada, como o entendimento funcionalista das atividades de lazer, dedicada a corrigir os problemas da civilização.

Algum estudioso do lazer tem uma visão funcionalista do lazer, na verdade essa visão que é entendida pela maioria dos estudiosos, a de que no tempo livre se recupera se compensa o esforço do trabalho (grifos meus). (professor da universidade 3)

Segundo Padilha (2000), os autores enfatizam a importância do lazer como forma de oferecer às restrições e ao descontentamento do trabalho, considera o lazer como algo mágico capaz de solucionar ou acabar com as frustrações das desagradáveis condições de vida. Para a

grande maioria dos trabalhadores o lazer significa descanso, divertimento e recuperação das energias. “O problema dessas abordagens compensatórias que não incentivam nenhum tipo de questionamento a respeito, não existindo um espaço de tempo livre “crítico” do qual pode emergir questionamentos e mudanças na sociedade?” (PADILHA, 2000, p.60). Nessa mesma linha de pensamento BOSI, RIESMAN (apud SILVA, 2003, p.188) “chamam a atenção para o caráter da compensação no tempo liberado do trabalho alienado”.

Melo (2003) quando diz que a carência da compreensão teórica traz problemas na atuação do professor de Educação Física no campo do Lazer que se reflete em uma atuação limitada e pautada no senso-comum, que não esgota todas as possibilidades de contribuição para a sociedade. Não se podem reproduzir as mesmas compreensões e ter os mesmos objetivos que se têm na escola ou no esporte de competição. Muitas vezes, o profissional que está na frente na disciplina de Recreação e Lazer até tenta mudar essa visão, mas não é bem aceita pelos acadêmicos.

*[...] a minha proposta atualmente é tentar descobrir uma fórmula de diminuir o profissional e aumenta o humano, mas é impossível, pois os alunos cobram muito disso diariamente: para que eu quero ser, para que estão fazendo a disciplina? É a primeira pergunta, qual a expectativa de vocês? O que eles querem? Para que vão fazer o curso de educação física? Daí cai na disciplina: teorias do lazer ou de lazer e recreação. É aí que eles querem aprender **jogos, brincadeiras** (grifo meu). (professor da universidade 2)*

Conforme Marcassa (2004) cabe a nós algumas interrogações: Até que ponto é possível recuperar o sentido lúdico e criativo contido nas origens etimológicas do termo recreação? Em que medida é possível construir novas referências ou metodologias que levem em conta a experiência e a apropriação de práticas culturais de modo articulado aos saberes teórico-práticos que as fundamentam?

Se vamos conseguir mudar não sabemos, mas acredito ter um avanço no conceito de recreação, pois hoje já está sendo estudado e questionado a recreação e o lazer, e não apenas a recreação como uma função do lazer. Os docentes repassavam os conteúdos e os alunos aceitavam como verdade absoluta, passando do mundo do senso-comum para o meio científico.

4.3 Reflexões sobre trabalho, lazer e tempo livre.

O objetivo dessa parte da investigação vai além das reflexões sobre a categoria de recreação, buscando alguns fundamentos a luz da sociologia do Trabalho e do Lazer. Isto é de importância, considerando que a relação trabalho-lazer nos tratos com a disciplina recreação e Lazer, só veio aparecer a partir do final dos anos 80 e anos 90, possibilitando, deste modo, outros aportes epistemológicos de caráter crítico com base nos teóricos marxistas. Penso ser instigante, realizar este tipo de reflexão, para além da recreação e do “joguinho” em si, sobretudo, se levarmos em conta que grande parte da classe trabalhadora vive em condições de miséria, desemprego e subemprego. Este dado nos faz pensar uma nova postura frente aos conteúdos ministrados na disciplina recreação e lazer, de um lado, problematizando o trabalho em geral (trabalho abstrato) e, de outro, anunciando elementos ontológicos do trabalho concreto, visando uma nova compreensão dos sentidos atribuídos á promessa neoliberal de tempo livre no capitalismo.

Antes de entendermos o lazer precisamos saber um pouco sobre o significado de trabalho. A palavra *trabalho* é o exemplo mais cabal e quase perfeito da falsificação das consciências humanas. O homem sempre se expressou através de sua atividade vital (o que é a vida, senão atividade), visando à satisfação de suas necessidades. Contudo o capital universalizará essa forma de exploração, vinculando-a através do salário. Atualmente, essa é a única possibilidade de sobrevivência para a maioria das pessoas, a única maneira de existir do proletariado. Assim, o trabalho tornou-se a atividade central do homem.

Para a realização da produção e reprodução da existência humana, os indivíduos iniciam um ato laborativo básico, desenvolvido por meio do processo de trabalho. É a partir do trabalho, em sua realização cotidiana, que o ser social distingue-se de todas as formas pré-humanas. Conforme a fala do professor da universidade 1, *É o tempo que se destina para produzir (grifo meu)*.

Ao pensar e refletir, ao externar sua consciência, o ser social se humaniza e se diferencia das formas anteriores do ser social. O trabalho é o ponto de partida para a humanização do ser social. *Trabalho é a obrigação é a produção cultural profissional (grifo meu)*. *Acho que você caracteriza bem, é a profissão vinculada a um contrato, há uma obrigação, é uma profissão (grifos meus)*. (professor da universidade 3)

Conforme Antunes (1999) o criador de valores de uso, como trabalhador útil, é o trabalho, por isso, há uma condição de existência do homem, independentemente de todas as

formas de sociedade, a eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza, a vida humana. *Há de se remeter as **questões históricas** (grifo meu), então inicialmente o trabalho é uma ação inerente humana, que serve para a **transformação da natureza**. (grifo meu) (professor da universidade 2)*

Outro elemento importante, quando se estuda trabalho, é a distinção feita por Marx entre trabalho concreto e trabalho abstrato, conforme explicação abaixo.

[...] todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor das mercadorias. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil, produz valores de uso. (MARX, 1983, apud ANTUNES, 2004, p.228)

Pode-se entender melhor sobre trabalho abstrato e trabalho concreto a seguir [...] *dentro da evolução histórica do homem que chamamos de trabalho concreto e também nós temos o trabalho que foi transformado de acordo com as superações históricas, que denomina **trabalho abstrato** (grifo meu). (professor da universidade 2)*

Neste contexto, o “trabalho abstrato” está simbolicamente, ligado ao valor das mercadorias, ou seja, a substância do valor é o trabalho humano abstrato. Trata-se, portanto, de uma *produção voltada para o mundo das mercadorias e da valorização do capital*. O trabalho encontra-se envolto em “relações capitalistas” de exploração da força humana de trabalho (mão de obra barata) que altera em grande medida seu sentido histórico original.

Concordo com MARX (1985, p.129) [...] quando diz que “o fim de cada ciclo individual, em que a compra se realiza para venda, constitui, portanto, por si mesmo o início de novo ciclo. A circulação simples de mercadorias – a venda para a compra – serve de meio para um objetivo final que está fora da circulação, à apropriação de valores de uso, a satisfação de necessidades”. A circulação do dinheiro como capital é, pelo contrário, uma finalidade em si mesma, pois a valorização do valor só existe dentro desse movimento sempre renovado. Por isso o movimento do capital é insaciável.

A força do trabalho é a única mercadoria que o consumo do seu valor de uso produz valor (mais valia). O algodão não produz valor, máquina não produz valor, portanto, não produz mais valia, não produz capital. Em Marx, entende-se por força de trabalho “o conjunto das faculdades físicas e espirituais que existem na corporalidade, personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento toda vez que produz valores de uso de qualquer espécie” MARX (1985, p.139).

[...] o conceito de trabalho correspondente são de fato incompatíveis com todas as formações sociais anteriores da história humana, porque nestas o trabalho, seu produto e a apropriação deste ainda aparecem essencialmente em sua forma concreta, direta, sensível: como “valores de uso”, na linguagem da economia política. Ainda que o trabalho, como labor no sentido antigo, como estafa e moléstia, ocupasse completamente o horizonte da vida das pessoas, isso acontecia devido ao grau de desenvolvimento relativamente baixo das forças produtivas [...] (KURZ, 1992, p.25).

O capitalismo não compra o trabalhador, apenas à força de trabalho. A primeira condição para que o capitalismo se transforme em trabalho é: ele precisa defrontar no mercado com o proprietário de uma mercadoria. A relação que se estabelece entre os dois é igual, o dono do dinheiro e o proprietário das mercadorias. A segunda condição deve ser livre, comprar e vender a força de trabalho. O valor da força é o quantum socialmente necessário para produzir energia humana e, para produzir energia, o ser humano precisa viver. [...] “a força de trabalho como mercadoria só pode aparecer no mercado à medida que e porque ela é oferecida à venda ou é vendida como mercadoria por seu próprio possuidor, pela pessoa da qual ela é à força de trabalho”. MARX (1985, p 139). Para que seu possuidor venda-a como mercadoria, ele deve poder dispor dela, ser, portanto, livre proprietário de sua capacidade de trabalho, de sua pessoa.

A imensa maioria de autores que discute sobre trabalho vai buscar a compreensão de trabalho no capítulo V do “O Capital”, esta compreensão que Marx faz de trabalho na forma de capital é insuficiente. Ele fala de trabalho em geral, a uma forma social genérica (ou trabalho em abstrato).

Para MARX (1985, p.149) “a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho a consome ao fazer trabalhar o vendedor dela. Para representar seu trabalho em mercadorias, ele tem de representá-lo, sobretudo, em valores de uso, em coisas que sirvam para satisfazer a necessidades de alguma espécie”.

A produção social da vida é a união entre os meios de produção e a força de trabalho. Pode-se considerar o trabalho como um momento fundante da sociabilidade humana, como ponto de partida do processo e da evolução da humanidade. Sendo que na sociedade capitalista o trabalho torna-se assalariado, assumindo a forma de trabalho alienado. Aquilo que era uma finalidade básica do ser social – a busca de sua realização produtiva e reprodutiva no e pelo trabalho – transfigura-se e transforma-se. O processo de trabalho se converte em meio de subsistência, sendo que a força de trabalho torna-se, como tudo, uma

mercadoria especial, cuja finalidade vem a ser a criação de novas mercadorias objetivando a valorização do capital. Antunes (1999).

Para ANTUNES (apud SILVA, 2003), o enorme contingente de homens e mulheres, exercendo trabalhos temporários, entre outras formas de informalização do trabalho, que proliferam em todas as partes do mundo, ente eles citamos alguns como: os trabalhos degradados dos imigrantes, a exclusão dos jovens e os idosos a procura de trabalho, esses exemplos são de pessoas excluídas do mundo do trabalho.

O trabalho é a expressão alienada da atividade humana; a manifestação da vida como estranhamento e perda da vida. O caráter alienado do trabalho aparece de diferentes maneiras. Em primeiro lugar, através do objeto produzido. Este, de fato, não pertence ao proletário. Obrigado a vender a única mercadoria que lhe pertence, sua força de trabalho, e a alienar sua atividade na mercadoria que produz, o proletário constata que sua vida não lhe pertence mais. O estranhamento de si não é através do trabalho que decorre, e sim da necessidade, para o proletário, de vender sua força de trabalho para produzir uma mercadoria que lhe é totalmente estranha.

Desse processo de trabalho na sociedade capitalista tem-se como resultante a desrealização do ser social. O resultado do processo de trabalho, o produto, aparece ao trabalhador como um ser alheio e estranho ao produtor. O trabalhador não encontra qualquer satisfação no resultado do seu trabalho. Mesmo quando o objeto criado é de seu interesse imediato, o trabalhador não pode utilizá-lo. O absurdo de tal situação aparece, em toda a sua cruel dimensão, no seguinte exemplo. Um grupo de operários trabalha numa fábrica, cuja temperatura ambiente é superior a 35 graus. Esses operários sufocam de calor, enquanto produzem aparelhos de ar condicionado e ventiladores. Esse processo de alienação do trabalho (que Marx também denomina estranhamento) não se efetiva apenas no resultado – a perda do objeto-, mas abrange também o próprio ato de produção, que é o efeito da atividade produtiva já alienada.

Conforme Antunes (1999) o proletariado não se aliena somente no produto de sua atividade, mas em sua própria atividade. Sua atividade produtiva já não lhe pertence. De fato, o trabalho é exterior ao trabalhador, mas sendo a única atividade que lhe permite obter seus meios de sobrevivência no sistema capitalista, ele se vê obrigado a exercê-la. O trabalho é, pois, a atividade não-livre no mais alto grau. Escravidão assalariada, o trabalho só pode ser constrangido e forçado. “O caráter alienado do trabalho aparece claramente no fato de que, desde que não exista um constrangimento físico ou qualquer outro, foge dele como se fosse à peste” (FINOCCHIO, 1993, p.4).

Buscamos na história entender o sentido de lazer antes de se chamar lazer e concordamos com Mascarenhas (2001), quando chama atenção para o fato de que, em várias abordagens, a definição de lazer acaba por ser confundida com ócio. Isto parece acontecer, fundamentalmente, quando se acredita que o lazer tem sua ocorrência histórica datada da antiguidade clássica, sendo que para aquela época, seria mais correto falar apenas em ócio. Não estamos querendo dizer com isso que ao conceber o lazer como um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, não possamos também buscar na história menos recente elementos para a compreensão de sua manifestação enquanto prática social significativa para o modo de vida contemporâneo. Se for certo que o passado nos ajuda a escrever o presente, conhecer os sentidos atribuídos ao conceito de ócio no decurso da história, o que não implica tomá-lo como sinônimo de lazer, parece ser bom caminho para a correta aproximação à problemática polarização “lazer x trabalho” percebida em nossa realidade contextual.

Toda a crítica que Lafargue (1983), desfere contra a moderna manifestação do trabalho, visto como o verdadeiro “credo da burguesia”, dirige-se, essencialmente, para tal concepção, pois é esta que fornece grande parte do arsenal ideológico que justifica a presença do hoje predominante trabalho alienado em nossa sociedade. “[...] todos os que vendem seu labor e sua indústria, pois quem entrega seu trabalho por dinheiro vende a si mesmo e se coloca ao nível dos escravos”. (LAFARGUE, 1983, p.56)

O advento da chamada Revolução Industrial erroneamente nos induz a pensar no automático aumento do tempo livre. Paradoxalmente, o novo modo de produção fabril, tecnologicamente incrementado pela máquina e contando com complexos processos de organização, impõem ao operariado recente a necessidade do cumprimento de extensivas e exaustivas jornadas de trabalho. O surto de “febre da produção”, aliado ao “dogma do trabalho”, parece afetar o empresariado capitalista que, por sua vez, incorpora os princípios de super valorização do trabalho – não o seu próprio, obviamente, o alheio - como fonte exclusiva de lucros para si. Mas esta situação tende a mudanças. As péssimas condições de vida nas cidades, que se somavam à experiência da exploração, não demoram a forjar uma consciência de classe entre a população trabalhador-operária, desencadeando movimentos de

reivindicação pela redução da jornada de trabalho. É neste cenário de intensas lutas sociais que se desenrola um lento processo que culmina com a regulamentação do tempo livre.

Os séculos XVIII e XIX foram importantes para o significado do tempo de trabalho e do tempo de não trabalho, pois o desenvolvimento das indústrias nesse período altera os “usos” do tempo. A partir da chamada Revolução Industrial, exige-se maior sincronização e controle do tempo, tanto no trabalho como fora dele. Antes das sociedades industriais, o limite entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho era tênue, uma vez que os homens eram mais autônomos em relação ao tempo (Padilha, 2000).

Destaca-se aqui que, no momento que sucede o surgimento do capitalismo, o tempo livre de trabalho limitava-se ao tempo de descanso necessário para a recuperação das forças físicas do trabalhador. Desta maneira, o tempo livre, tal como o conhecemos hoje, revela-se como uma conquista dos trabalhadores organizados. Somente assim, por meio de manifestações, revoltas, greves e muitas lutas os trabalhadores conseguem assegurar o almejado direito à preguiça.

Por outro lado, se o tempo livre passa a ser uma realidade entre a população trabalhadora, seria preciso inaugurar estratégias de controle deste mesmo tempo, definindo a forma para seu emprego. Entretanto, por mais que se tentasse ocupar o tempo livre dos trabalhadores com atividades condignas como o ideário dominante, o ócio e suas negativas manifestações sobreviviam, subvertendo e corrompendo a ordem socialmente estabelecida. Nasce então o lazer, a vacina eficiente contra os hábitos doentios ainda presentes na ociosidade. Em substituição ao ócio, estendendo para toda a população o modo de vida presente nas formas de entretenimento, diversão e descanso à burguesia, o lazer triunfa sobre o mal. Surge regrando e ditando aquilo que é lícito – ou seja, *licere* – e permitido fazer no nosso escasso *tempo livre*.

O lazer é um fenômeno social que, no Brasil, vem sendo incluído muito recentemente nos debates, nas reflexões e nas pesquisas acadêmicas. As publicações nacionais de artigos e livros que envolvem o tema do lazer ainda são escassas diante da sua complexidade e do leque de possibilidades que ele abre. Muitas vezes desorganizadas as reflexões teóricas em torno do lazer, do tempo livre, recreação, demonstram um fazer pelo fazer, uma carência do

embasamento teórico, acabam revelando uma forte influência das concepções teórico-metodológicas inspiradas no funcionalismo (PADILHA, 2000).

A necessidade de problematizar o lazer, a educação, a sociedade, a existência dos sujeitos, suas ações e reflexões, aponta caminhos para a superação da ótica funcionalista que o lazer ainda predomina nas instituições e nas políticas públicas.

No âmbito da reflexão científica, um contingente significativo de pesquisadores tem se debruçado sobre os estudos do lazer¹². Em simultaneidade, os pressupostos teóricos que implícita ou explicitamente os orientam, o debate sobre as opções temáticas e metodológicas em tais investigações, as convergências e divergências entre os agentes e instituições que buscam legitimidade para sua atividade, a disputa por autoridade e prestígio junto aos círculos e espaços de difusão, os diferentes interesses, os limites e possibilidades postos pelo conhecimento produzido, destacam-se dentre os componentes que conferem contorno e formato para este campo em construção¹³.

Observamos nas falas dos entrevistados os diferentes pontos de vista sobre o que é lazer?

*São as **ocupações** (grifo meu) que você realiza no seu **tempo livre** (grifo meu), pode ser caracterizado como atividades espontâneas, **criativas** (grifo meu), trabalho, sociabilização e integração. Fora do tempo de trabalho. (professor da universidade 1)*

*É uma **manifestação histórica social** (grifos meus), todas às vezes que se fala em Lazer, hoje, existe **interesse político e econômico** (grifos meus) atrelado aos valores históricos que foram se formando no decorrer da história. Então, atualmente, lazer são as **atividades** (grifo meu) que são feitas dentro do **tempo humano** (grifo meu), seja dentro do **tempo de lazer** (grifo meu). Trabalho um tempo das divisões que o homem coloca dentro do mês das 24 horas ou dentro do mês ou do ano que serve para dividir esse tempo. (professor da universidade 2)*

Eu parto do conceito do Marcellino. Todo entendimento que eu tenho de lazer é Marcellino. Entendo-o como uma cultura no sentido mais amplo praticada, fluida ou conhecido no tempo disponível e tem como traço definidor o processo de vivência. E a questão do prazer é no momento que as pessoas praticam, assistem ou então fazem algo com conhecimento por prazer e satisfação. (professor da universidade 3)

¹²Conforme consulta realizada junto à base de dados da Plataforma Lattes/CNPq, sistemas eletrônicos de informações das agências de fomento à pesquisa do País, existem 67 grupos, congregando 213 pesquisadores, cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa, que realizam algum tipo de pesquisa referente à problemática do lazer no Brasil. No sistema de Currículo Lattes, foi possível identificar 2.162 registros de pesquisadores que já tenham publicado ou produzido trabalhos relativos ao assunto. Disponível em: Acesso em 20 de novembro, 2005.

¹³ Sobre o processo de constituição do lazer como campo de estudo, ver Sant' Anna (1994) e Werneck (2000).

Configura-se a partir deste movimento uma teoria que, embora exerça a sua influência sobre a forma como as pessoas se apropriam do lazer, bem como sobre o nosso esforço de compreensão não representa, em si mesma, sobre este fenômeno, pois nem sempre mantém correspondência com a realidade. Queremos dizer com isto que o par dialético para a avaliação das pretensões colocadas pela teoria do lazer constitui-se de sua própria prática social, sempre em interação causal com o universo da práxis humana. Todavia, ainda que algumas pistas para a formulação de um conceito para o lazer e a recreação possam ser encontradas a partir do obrigatório diálogo com a bibliografia que trata da questão, estas alternativas também nos revela muitos conceitos a respeito que vêm sendo produzidas. Vejamos então quais as origens e principais desdobramentos decorrentes das concepções e tendências que cercam e orientam as investigações no campo.

Podemos constatar que para Mascarenhas (2005) o debate sobre o lazer tem restringido a discussões e pelos aspectos tempo ou atitude. Em que pese à referência e atenção dedicada a um ou outro aspecto, tal dualismo parece ser paradigmático. Quando da abordagem em que se privilegia o aspecto temporal, o lazer tende a ser explicado a partir das informações resultantes da observação empírica dos comportamentos objetivamente empreendidos no tempo livre. Enquanto que o enfoque ligado ao aspecto atitude, valoriza a interpretação dos sentidos que as pessoas atribuem e que orientam sua ação na experiência vivida de lazer.

Todavia, como uma necessidade criada no interior do capitalismo, o conteúdo do lazer possui um valor de uso programável, pois o capital pré-determina o que deve ser valor de uso para a sociedade, isto é, o que deve ser consumido pela sociedade de acordo com seus interesses. Assim, ainda que o lazer tenha se convertido em uma necessidade, seu valor de uso, para o capitalismo, não possui nenhum valor em si mesmo, mas somente quando justifica um valor de troca circulável. Isto quer dizer que se o objetivo central da produção capitalista é a acumulação, torna-se necessário que as pessoas produzam e consumam, incessantemente, novas mercadorias. O melhor valor de uso do lazer parece ser então aquele que é o mais conveniente à maior lucratividade. Por conseguinte, como objeto a ser vendido e comprado, seu valor de uso coloca-se em relação subordinada ao seu correspondente valor de troca. Estamos diante do fetiche da mercadoria. Em uma realidade onde, cada vez mais, ganham força a indústria cultural, a indústria da moda e do turismo, a indústria do esporte e do entretenimento, não custa entender o predomínio do simulacro, da descontinuidade e da fragmentação nas práticas e consumo do lazer.

Apresentado como uma forma de liberdade (tempo livre), pelo contrário, constitui um mecanismo de reforço da exploração, indispensável à produção e reprodução. Padilha (2000).

Dessa forma, o sistema capitalista conforme Iubel (2005) molda este tempo livre e oferece à sociedade um lazer como oferece qualquer outra mercadoria. Para produzir sua existência, o indivíduo deverá garantir sua subsistência, porém deverá compreender que vive em cadeias de interdependência, relacionando-se com outros de maneira diversificada, envolto num processo necessariamente não planejado, imprevisível e inevitável. Significa dizer que o lazer como norma social acaba por instaurar uma obediência à imposição das necessidades e das satisfações, e ao conformismo de que a autonomia é um privilégio das classes abastadas. Com isso, vê-se a necessidade de designar a liberdade do tempo livre podendo haver escolha em liberdade do trabalho e liberdade de consumir.

O que se observa no cotidiano da sociedade atual, sob as formas mais variadas é o exercício da negligência, da discriminação, da exploração, da violência, da crueldade e da opressão. O discurso oficial não é acompanhado pela ação política. Viabilizado principalmente pelos meios de comunicação de massa, o lazer predomina como uma tendência comercial inculcada na sociedade, onde os indivíduos atuam no plano passivo, ou seja, ir ao *shopping center*, assistir à TV ou torcer por um clube ou alguém. Essa tendência tem como suporte as atuais mudanças provocadas pela chamada revolução científica e tecnológica, muito debatida pela sociedade. “O lazer não é mais a Festa ou a recompensa do labor, também não é ainda a atividade livre que se exerce para si mesma. É o espetáculo generalizado: televisão, cinema, turismo.” (LEFEVBRE, 1991, p.62,).

O capital apodera-se do processo de trabalho, transformando parte do progresso científico em instrumento de dominação. Quanto mais a tecnologia cria as condições para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, mais a mente e o corpo do homem são organizados contra essa alternativa. É a contradição interna do modo de produção capitalista: o elemento irracional de sua racionalidade.

Sendo assim, sobre os aspectos que foram definidos como categorias Oliveira (2005) na sua pesquisa, (inseridos como parte do processo reificador que o capital nos engendra mesmo), aborda, de forma mais abrangente, o lazer articulado com o trabalho. Para tal, se faz necessário refletir também, sobre o tempo em que ambos são praticados. *Areladas essas questões históricas fazem com que entenda lazer ligado aos interesses dessa sociedade que é capitalista, então o lazer traz essa concepção de interesse voltado ao mercado de trabalho, mercado produtivo (grifo meu) à realidade produtiva da humanidade, não há como, pelo*

menos para mim, dissociar o entendimento de lazer a sociedade capitalista [...] (professor da universidade 2).

O tempo livre, se considerado antagônico ao trabalho, e aliado às questões funcionalistas de lazer, acaba tornando-se a grande promessa para a classe trabalhadora, justamente no momento em que a produção científica no âmbito da sociologia do trabalho e do lazer traz discussões críticas sobre o conceito de lazer, trazendo à tona, algumas questões sobre *incompatibilidade entre tempo livre e capitalismo*¹⁴.

Nesse sentido, considero relevante trazer as idéias de Manacorda (1991) em relação a *tempo livre*, afirmando que “se o tempo profissional é desumano, também aparece como desumano o tempo livre”, e que, “a alienação atua hoje não apenas no trabalho, mas também no tempo livre e poderá ser superada apenas numa diferente estrutura da produção”. Assim, o tempo livre também está condicionado aos imperativos do capital.

O lazer, enquanto ação realizada no tempo livre, “está de forma imbricada ligado ao tempo de trabalho, sobretudo no que diz respeito ao tempo destinado às jornadas de trabalho e ao conseqüente preenchimento do tempo liberado com o consumo de mercadorias”. (SILVA, 2003, p.185). O autor ainda prossegue afirmando que o lazer, então, se constrói por necessidades derivadas do próprio processo de produção capitalista, que termina por gerar mais uma forma de alienação para a classe que vive do trabalho. O lazer se consolida como mais uma opção de antagonizar todos os esforços que o trabalho abstrato engendra no meio social.

Na tese de doutorado de Souza (2002) o lazer é considerado uma necessidade, segunda as respostas dos trabalhadores entrevistados, o lazer como uma produção histórica, circunscrito ao mundo subjetivo da pessoa e faz parte do campo das necessidades não-materiais. Não significa uma necessidade de luxo, mas sim de uma questão básica, essencial para a continuidade e produção da vida. “[...] trabalho, sob o ponto de vista de que na sociedade capitalista o trabalho não ultrapassará a condição de aniquilamento humano e quanto mais se trabalha, mais a pessoa produz a sua miséria”. (SOUZA, 2002, p.140).

Souza (2002) constatou ainda que a confusão conceitual sobre o lazer encontrada na produção acadêmica parece advir da própria materialidade. Os limites apreendidos na realidade pesquisada são originados dessas relações, e seria necessário atingir a consciência social dessas pessoas sob outro ponto de vista. O sentido seria o de compreendermos que, para realizar atividades de lazer, temos de ter disponibilidade de tempo fora do trabalho. As

¹⁴ Autores que tratam do assunto: Padilha, Valquíria (2000) *Tempo Livre e Capitalismo: Um par imperfeito*. Campinas: Alinea; Antunes, Ricardo (1999). *O sentido do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação*.

atividades sendo preenchidas com o lúdico poderiam inutilizar o sentido de produtividade comum na produção de mercadorias.

Diante de toda a diversidade de compreensões e ações entendidas como de lazer, a conscientização sobre diferenças entre atividades de lazer e trabalho realmente se faz necessária, pois essa distinção pode permitir a compreensão mais crítica de um direito que se efetivaria para atender a uma necessidade humana.

Conforme Padilha (2000), o ser humano vive no espaço, no tempo e é na relação dessas categorias que ele estabelece suas relações sociais. A história da humanidade é marcada pela história do tempo e das maneiras de medir o tempo. E assim vivemos em função do tempo, do relógio, dia, semana, mês, calendário e quanto maior o desenvolvimento da sociedade, mais indispensáveis são os instrumentos tecnológicos. A compreensão do tempo livre, visto como um dos tempos sociais, sempre esteve vinculado aos significados do trabalho e do tempo de trabalho e, dessa maneira, seu sentido principal prevalece sendo o de um tempo de não-trabalho. *É o tempo que você tem disponível para fazer atividade espontânea (grifo meu) disponível após o trabalho, trabalho de casa, tarefas. “Eu tenho”. É assistir um filme, ler, atualizar, dar uma caminhada, fazer atividades, brincar com as crianças. Você tem que ter tempo disponível. (professor da universidade1)*

O cotidiano se compõe de repetições: gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças e de dispositivos, rotação, vaivens), horas, dias, semanas, meses, anos; repetições lineares e repetições cíclicas, tempo de natureza e tempo da racionalidade etc. (LEFEVBRE, 1991, p. 24).

É após a Revolução Industrial já citado anteriormente, que o trabalho nas fábricas modifica o tempo dos camponeses que trabalhavam no campo, e seguiam a hora do sol, quando o galo cantava, não possuíam o tempo de trabalho diferenciado com o tempo de trabalho, agora deveriam seguir o tempo das máquinas.

Nesse processo de trabalho, percebe-se a alienação que se processa no trabalhador, resultante de um trabalho no qual não identifica o seu aspecto de humanização, expande-se também sobre o tempo livre. A prática de um trabalho dividido conduz a um homem unilateral, excluído da possibilidade do prazer e do consumo dos bens materiais e espirituais que produz. Outro sim, é impedido a utilização do tempo disponível para o lazer impossibilitando o seu emprego na forma de humanização do homem, em que está a sua corporeidade e a satisfação de seus prazeres.

Todas essas áreas elas se relacionam. Porque são esferas de atuação humana presentes na nossa vida. Eu tenho meu trabalho. As características desse trabalho influenciam no lazer. O mesmo lazer envolve trabalho. O lazer também envolve tempo livre. Essas três categorias elas se interrelacionam, elas tem características próprias. Mas elas se interrelacionam porque o trabalho interfere no meu lazer e vice-versa, e assim o meu tempo livre também interfere no lazer. (professor da universidade3)

Para o professor acima essas as categorias lazer, trabalho e tempo livre se interrelacionam, estão presentes na vida do indivíduo, todas tem a sua devida importância, mas nem sempre é isso que acontece. Pois no antagonismo que se processa entre o tempo de trabalho e o de lazer, no modo de produção em análise, o tempo livre reveste-se de um valor imensurável. Ainda que implicados na mesma alienação, o tempo de trabalho dedicado à necessidade e o tempo livre, dedicado à liberdade, pela própria ocupação, levam às contradições de seu questionamento. Equacionando-o, o trabalhador tem a possibilidade de exercer a sua posse e empregá-lo no atendimento daquelas coisas que vêm a ser as suas necessidades de homem integral. “Valores que foram sendo formados na humanidade que tornaram as relações nessas categorias trabalho, tempo livre e lazer como **moldadas aos interesses atuais da sociedade humana**” (grifo meu) (professor da universidade 2).

Todo o tempo do trabalhador é objeto de posse do capital como forma de expansão do tempo de trabalho. Desse modo, a obtenção do tempo livre, como um tempo que possa ser plenamente empregado pelo trabalhador em seu proveito, pela educação, pelo lazer, pela sua humanização, enfim, pela sua liberdade, é também uma questão de luta diária pela superação de suas condições adversas, pela superação da exploração do trabalho humano.

Quando se pensa na palavra “livre” para qualificar um tempo, o que está sendo pensado como seu oposto, o que precisa ser liberado? Quais seriam as oposições à liberdade? O trabalho é visto – sobretudo no capitalismo – como a principal obrigação, a principal oposição à liberdade, a qual só poderia ser vivenciada pelo trabalhador num tempo fora do trabalho.

*Nas sociedades tradicionais as **atividades humanas** (grifo meu) se misturam se confundem. Na sociedade moderna de uma maneira geral, a vida da gente é dividida em: **tempo de trabalho**, em **tempo livre** (grifo meu) ou em **tempo de não trabalho**. (grifo meu) E dentro desse tempo livre temos várias obrigações desde **religiosas, educacionais**, (grifo meu) nosso filho, por necessidade tem que ir ao mercado, fazer minhas necessidades básicas, obrigações políticas, as obrigações sociais de ir num enterro, participar de uma reunião e assim por diante, e se a gente for inteligente consegue reservar tempo dentro desse*

tempo disponível e aí pode optar pelo que fazer dentro desse tempo disponível. (professor da universidade 3)

Contra-pondo-se ao capital, que procura converter esse tempo em tempo de consumo produtivo, o trabalhador procura obter a posse de seu tempo livre. Para Padilha (2000) o tempo livre pode ser um tempo de alienação e consumismo, mas também pode ser um tempo de reflexão e práxis. Dessa forma, esse tempo assume fundamental importância na luta dos trabalhadores na medida em que cria a sua base pela subtração do tempo de trabalho ao trabalho desumano. Se as lutas travadas pelos operários são tidas como lutas quantitativas, no sentido da redução da jornada de trabalho, elas revelar-se-ão como lutas qualitativas, à medida que produzam uma mudança na qualidade das relações de classe e mesmo no acesso às riquezas materiais e intelectuais.

4.4 A disciplina recreação e lazer investigado em algumas instituições de ensino superior do Paraná: em busca da superação do senso-comum

Um aspecto que gostaria de destacar é o da nomenclatura das disciplinas apresentadas nas diferentes instituições pesquisadas como: Recreação, Teorias do Lazer, Lazer e Recreação. Sendo importante salientar que as palavras lazer e recreação são utilizadas separadamente e misturam-se no contexto destas disciplinas. Por isso, entendo que é importante compreender o significado de recreação e lazer presentes nos programas de disciplina analisadas.

Isayama apresenta a partir de duas posições diferentes:

A primeira, proposta por MARINHO et. al. (1952), aponta que a palavra recreação foi proveniente do latim *recreare* (que representa recreio, divertimento), sendo derivada do vocábulo *recreare*, como sentido de reproduzir, restabelecer, recuperar. Nesse âmbito, destaca-se a idéia de que o objetivo da recreação era a renovação/recuperação para o trabalho. A segunda posição expressa pelo “Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa” e por alguns estudiosos do assunto (BRÊTAS, 1997; MARCELLINO, 1990), relaciona a origem etimológica do termo recreação com *recreare* – que significa recreio, divertimento, mas com outro sentido dos destacados acima. Nessa ótica, a recreação pode estar ligada à possibilidade de “recriar, criar de novo, dar novo vigor” (ISAYAMA, 2002, p.60).

São visíveis em uma das propostas de disciplinas ofertadas nos cursos de graduação em Educação Física analisadas. Muitas vezes evidencia-se, portanto, uma prática sem

reflexão, com ênfase na reprodução de atividades diversas, mediante o ensino de uma variedade de jogos e brincadeiras. Pode-se observar esse enfoque, conforme o exemplo abaixo, mas com certeza depende como o professor trabalha esses conceitos e qual o direcionamento que tomará os conteúdos, não podemos julgar apenas por aquilo que está aqui exposto:

Histórico de recreação; conceitos, recreação de acordo com as faixas etárias. Jogos: conceito, valor educativo, classificação, diferença entre jogos e brincadeiras. Ritmo: histórico, conceitos, música, brinquedo cantado. Atividades culturais: histórico, conceito, teatro, fantoches. Recreação livre, orientada, dirigida, supervisionada. Atividades de massa: lazer, histórico, situação no Brasil, macro e micro ginástica. Aplicação prática em todos os conteúdos. (conteúdos ministrados universidade 1)

As atividades práticas desenvolvidas atuam no intuito de que os alunos tornem-se meros executores de atividades e tenham como objetivo aprender tais atividades, para que seja possível facilitar a vivência do público-alvo de sua ação, conforme Isayama, (2002).

Já nas outras duas Universidades os conteúdos são trabalhados de forma mesclada teórica e prática, ação-reflexão-ação, como se observa nos conteúdos abaixo:

Significado do lazer (grifo meu), tempo livre, trabalho, entendimento do lazer na sociedade capitalista e na cultura contemporânea (grifo meu); Lazer, Educação Física e estilo de vida; formação profissional; análise de situação problema pela pesquisa/intervenção; aplicabilidade dos estudos em lazer ao cotidiano acadêmico profissional; tecnologia alternativa, brincadeiras cantadas, vivências lúdicas no contexto acadêmico e comunitário; relação trabalho/lazer/educação/visão funcionalista; estágios curriculares na área de lazer e da recreação. (conteúdos ministrados na universidade 2)

Abordagens conceituais (grifo meu) sobre lúdico, lazer, recreação e tempo livre; fundamentação pedagógica do lazer (grifo meu), conteúdos culturais, gêneros, níveis, valores com ênfase nos físico-esportivos (grifo meu) atuação do professor de educação física enquanto profissional do lazer e recreação no âmbito escolar e universitário, planejamento, atuação crítica e criativa (grifo meu) nas atividades, o duplo aspecto educativo do lazer, interdisciplinaridade; subsídios para Administração e gerenciamento do Lazer em instituições Educacionais: planejamento, organização, execução e avaliação das atividades. (conteúdos ministrados na universidade 3)

Assim, percebe-se que os profissionais que ministram a disciplina, não estão mais com a visão de receituário, superando a tradição da prática, apenas com dificuldades de sistematização dos conhecimentos teórico-práticos, a questões mais problemáticas enfrentada pelos professores é dos alunos que, quando entram na Universidade, esperam a disciplina

puramente prática. “A questão é o senso-comum que é tão presente, você mudar esse senso-comum não é fácil, depende do indivíduo, porque o **conhecimento** (grifo meu) é uma **construção coletiva**” (grifo meu) (professor universidade 3).

*É um processo que está acontecendo. É muito mais difícil trabalhar dessa forma do que com as atividades recreativas, dar **joguinhos ou receita** (grifo meu), ou você passar sua experiência. Quando aquela pessoa olha assim, você joga essa atividade, daí você enche o profissional de **dicas e técnicas** (grifo meu) que ele sabe. Se respeitar o que você quer, se torna bom e valorizado no mercado e atende justamente o que o trabalho abstrato tira dele. É a questão da autonomia, da liberdade. Daí você passa essa **sensação ilusória** (grifo meu) quando está brincando de que ele se sente livre e autônomo, de que pode decidir brincar disso ou daquilo, isso são ilusões meramente técnicas de tornar um cidadão conformado. **Alienado** (grifo meu). (professor da universidade 2).*

Mas ainda se tem a idéia de que para ser recreador é necessário um compromisso real, e essa visão nem todos têm o poder do saber recrear (Pinto, 1995 apud Isayama 2002). Apesar disto acredito que hoje as universidades com outra visão da recreação, estão mudando essa questão da reprodução, baseada na produção teórica sobre o tema e também no estudo e desenvolvimento do lazer conquanto uma disciplina integrante do currículo dos cursos de graduação em Educação Física.

Apesar das críticas efetuadas sobre a tradicional visão de recreação, ressalto a importância de diferentes práticas culturais disseminadas até mesmo nessa perspectiva para a compreensão de seu processo de construção. E essas mudanças se dão graças aos pesquisadores e estudiosos que mudaram o entendimento de recreação.

Pode-se analisar ainda a idéia principal de recreação do programa da instituição 1 associada ao conhecimento técnico-operacional, que é instrumentalizar o futuro profissional para que ele possa planejar, organizar e acima de tudo, ser um animador de atividade, conforme apresentado nos objetivos da instituição. Enquanto que as instituições 2 e 3 preparam para a formação profissional e a formação humana, planejar, organizar projetos e, além disso, tornar um ser pensante, reflexivo daquilo que está fazendo, sobre os significados do lazer, recreação, tempo livre e trabalho na sociedade capitalista.

A seguir apresento os objetivos de cada instituição:

Conhecimento teórico/prático dos aspectos pedagógico; vivenciar a recreação; desempenhar a função de recreador; relação interdisciplinar entre a educação física e outras áreas; execução das atividades que envolvam a ginástica, a dança e jogos. (objetivos da instituição 1)

Estimular as análises entre lazer, trabalho e educação, fazer a diferenciação entre os significados do lazer na sociedade capitalista; análise e articulação do lazer com classes, gêneros e geração, relacionando: lúdico, tempo livre, comunidade, políticas públicas e natureza; promover estudos, debates, encontros e estágios, crescimento intelectual e profissional do acadêmico (objetivos da instituição 2).

Contribuir entendimento lúdico, recreação e lazer no âmbito da escola e suas implicações com o processo educativo de ser humano; atuação profissional, na construção de propostas lúdico-recreativas em instituições educacionais públicas e privadas. Proporcionar experiências no planejamento, organização, execução e avaliação de atividade e projetos na comunidade escolar. (objetivo da instituição 3)

Sendo importante perceber o que está proposto nos objetivos, e o que será trabalhado na disciplina, pois assim saberemos qual a formação que o acadêmico terá na área da recreação, se será apenas um mero repassador de joguinhos, ou um questionador da sociedade em que vive e não aceitando tudo o que lhe é imposto e sim propondo uma discussão um diálogo com o outro.

Muitos programas das disciplinas dos cursos de graduação em Educação Física, que se preocupam com a discussão do lazer, têm utilizado Dumazedier e Marcellino para fundamentar os seus cursos entre outros estudiosos do lazer que fizeram com que a área tornasse mais importante e respeitada, além dos dois já citados temos, como: Leila Mirtes Magalhães Pinto, Antonio Carlos Bramante, Luiz Octávio Camargo entre outros. É importante ressaltar a contribuição para a mudança que vem ocorrendo desde a década de 90, quando seus trabalhos começaram a ter inserção na área da Educação Física. Podemos perceber a mudança do trabalho feito pela professora Márcia Chaves Valente nas universidades do Nordeste do Brasil, um estudo dos currículos da disciplina de recreação em (1997) destacando três categorias que puderam ser encontradas na produção teóricas analisadas – livros, dissertações e teses – a saber: *matriz conceitual* (conceitos básicos utilizados para teorizar sobre o assunto); *contexto curricular* (espaço onde a prática pedagógica intermedeia o conhecimento e as ações humanas); e *princípios metodológicos* (procedimentos teórico-metodológicos que transladam princípios filosóficos para a prática pedagógica), depois os estudos do professor Hélder Isayama no doutorado, sobre a disciplina lazer e recreação nos currículos das universidades de Educação Física no Brasil em (2002), e agora este trabalho que vem fazer um estudo específico nas universidades do Paraná.

O que é ressaltado é a função da disciplina como momento de lazer para os alunos e, conseqüentemente, o lazer é visto como válvula de escape e fator de compensação do desgaste

decorrente do trabalho escolar, excludente e alienante que vem predominando em nossa sociedade como afirma Padilha (2000) e Marcellino (1987).

Nos programas analisados, as disciplinas sobre recreação e lazer são ministradas em diferentes períodos do curso, na instituição 1 é ministrada na 2º ano, que as vivências podem ser desenvolvidas na disciplina como potencial integrador entre os alunos, pois estão numa nova etapa. Na instituição 2 é ministrado no 4º ano, o professor relata ser difícil sair do senso-comum, mas ao mesmo tempo de fácil compreensão, pois os alunos já tiveram diversas disciplinas anteriores que foram trabalhados conceitos sobre a educação física. *“Fundamentos a Educação Física I no 1º ano, Fundamentos da Educação Física no 2º ano”. Que trabalham essas questões filosóficas também do tempo livre e da formação histórica da humanidade e daí entram as teorias do lazer no 3º ano, então já há uma sustentação (professor universidade 2).* Na instituição 3 é ministrada no 3º ano onde os alunos estão fazendo os estágios e a monografia, eles estão colocando na prática seus conhecimentos teóricos, sem realmente ter passado pela disciplina, conforme relata a dificuldade pelo professor da instituição 3: *A maior problemática é a disciplina na grade curricular da forma como ela está colocada, porque é um momento que eles estão preocupados com a monografia e o estágio e deveriam ter passado antes pela disciplina da recreação [...].*

Uma das críticas que faço, é a falta de conhecimento dos profissionais dos conteúdos a serem trabalhado, podendo ser ocultada através de atividades lúdicas e diversas metodologias para mudar a rotina do dia-a-dia da aula, esquecendo do comprometimento com o trabalho e as discussões dos conteúdos propostos.

A bibliografia utilizada e indicada pelo professor torna-se um elemento fundamental para a superação do conhecimento do senso-comum apresentado pelos alunos. Assim, os alunos terão acesso também aos receituários de jogos e atividades tão esperados pelos mesmos, como aos livros básicos e necessários para a fundamentação teórica do lazer e recreação. São claro que os professores e os alunos irão definir como essas bibliografias serão utilizadas.

Foi identificado que os docentes de cada universidade utilizam as bibliografias conforme a sua linha de pensamento adquirida no mestrado. Podemos observar na análise das bibliografias que a instituição 1 é mais voltada aos autores voltados as atividades práticas, na instituição 2 são totalmente voltados aos críticos do lazer/trabalho/tempo livre, até faltando os voltados às práticas. Na instituição 3 a bibliografia, com diversos autores, mas predomínio de autores críticos.

[...] percebo a preocupação com o aprofundamento de estudos sobre as relações entre a recreação e o lazer e o contexto sócio cultural mais amplo, especificamente o mercado de trabalho, tendo em vista a unicidade entre teoria e prática e a reflexão/ação/reflexão. O mercado considera a Universidade como muita acadêmica e, por outro lado, algumas IES julgam o mercado como excessivamente pragmático, encarando o presente e esquecendo-se do futuro. (ISAYAMA, 2002, p.84)

Conforme Silva (1995) a universidade, enquanto produtora e difusora do conhecimento devem ter os currículos de graduação no sentido de incentivar o potencial científico de seus alunos, proporcionando-lhes, elementos teórico-práticos para a iniciação e produção científica inovadora, visando à transformação das pesquisas nas universidades, para a articulação entre as políticas científicas na perspectiva de um currículo ampliado, a reflexão-ação “na” e “sobre” a realidade. Sendo uma prática de produção/divulgação do conhecimento, compreendendo enquanto retorno à instituição por professores, alunos e funcionários.

Após cinco anos de atuação no curso de graduação em Educação Física da Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu UNIGUAÇU/FAESI constata-se uma grande dificuldade, porém não generalizada, por parte dos alunos, no sentido da necessidade da pesquisa e fundamentalmente no campo do lazer e da recreação. “Tais dificuldades para um entendimento da necessidade de inserção da pesquisa no âmbito da Recreação se dão sobretudo pelos seguintes equívocos ainda permeados no senso comum dos cursos de formação de professores de Educação Física”. (SILVA, 1995, p.8)

Silva cita dificuldades encontradas na docência no ensino superior em (1995) e hoje, em 2006, ainda percebemos essas dificuldades nas instituições investigadas:

1. Nos estudos do lazer ainda predominam os valores do mundo do trabalho capitalista.
2. Uma tendência imediatista e consumista da Recreação apenas enquanto atividade para ser reproduzida na prática da Educação Física escolar, nesse contexto sendo apenas para crianças.
3. Entendimento do lazer direcionado para adultos e a recreação reduzidas apenas para aulas, eventos e atividades infantis.
4. Uma redução dos conteúdos culturais do lazer limitando-os, enquanto recreativos, aos “interesses físicos do lazer”.

Os projetos de pesquisa de natureza exploratória apresentam-se como importantes contribuições para a universidade, tentando romper com o discurso do ensino, da pesquisa à extensão, passando da teoria à prática, enquanto eixos norteadores do currículo para uma formação profissional e humana. “Admitindo-se que cabe ao ensino superior a formação de

quadros intelectuais que se tornou a parcela intermediária da sociedade (dirigentes e formadores de opinião), num movimento de dupla influência (pessoal e profissional), e que sobre esta sociedade também atua o Estado [...]” (Pires, 2000, p.80) Podemos destacar ainda que a Universidade possa representar um espaço de resistência e construção da contra-hegemonia, provocando mudanças sociais profundas.

A pesquisa em nível de graduação tem como objetivo o cotidiano, na teoria e na prática, e muitas outras dificuldades enfrentadas na Educação em geral e na Educação Física, bem como as reflexões metodológicas do ato de pesquisa, pode abordar vários autores que falam da importância da produção do conhecimento, que façam o aluno perceber, pensar, avaliar, organizar e recriar processos tenha a curiosidade de aprender coisas novas, além do que se exige nos currículos.

À frente, vários anos, desta disciplina na formação de professores em Educação Física, na tentativa de um entendimento mais amplo do fenômeno Lazer/Recreação/Trabalho/Tempo Livre nas sociedades capitalistas, muitos professores vem caracterizando como aula de joguinhos, onde os alunos podem criar, relaxar, sentir prazer, ser alegres, ou a disciplina é reduzida como “coisa de criança”, jogos alegres, animar festas, eventos ou para aqueles que têm pouco talento esportivo, cujo pano de fundo é a teoria funcionalista.

Assim, aqui buscamos mostrar outros caminhos teóricos de compreensão do Lazer e da Recreação, tendo outras dimensões na prática pedagógica escolar e no cotidiano das instituições públicas. E isto se afirma na fala do professor da instituição 2.

*Eu acho que a disciplina tem uma importância muito grande, embora ela ainda resista há vários preconceitos como se fosse **improdutivo** (grifo meu), como se fosse algo sem importância. Eu penso assim, que se nós trabalharmos com seriedade essa disciplina, com os alunos, eles vão sair mais capacitados para entender o lazer e a recreação, como coisas importantes para o desenvolvimento integral do cidadão e não apenas como diversão, e também no sentido deles terem mais subsídios para **planejar** ou **administrar** (grifo meu) atividades de programas de lazer.*

Vou aqui destacar alguns autores que foram citados na referência das universidades investigadas, fazendo alguns comentários a respeito das obras. Uma das que mais aparece como sendo utilizadas nas universidades é: Lazer e Educação de Nelson Carvalho Marcellino (1987), que tem como objetivo básico verificar quais as relações existentes entre o lazer, a escola e o processo educativo, e de que forma essas possíveis relações podem ser consideradas, tendo em vista a formulação de uma alternativa pedagógica – pedagogia da

animação. Analisando a importância do papel da escola, quando se considera o lazer, quer como instrumento, quer como objeto de educação. Na consideração do lazer como cultura vivenciada no “tempo disponível”, combinando os aspectos *tempo e atitude*, como instrumento de mudança social, e na crítica à visão funcionalista do lazer, a concepção utilitarista da educação, a desescolarização e elementos para uma pedagogia da animação. Nelson Marcellino que partiu de experiências concretas de trabalho de animação cultural, não coloca apenas questionamentos, mas sugere questões práticas, e nos faz repensarmos o trabalho pedagógico que é desenvolvido em nossas escolas.

Outro livro citado é o de Marlene Guerra, *Recreação e Lazer* (1996), é um livro constituído de pouca teoria sobre lazer e recreação. Ele é quase toda uma coletânea de jogos de campo e de salão, com objetivos específicos e classificados conforme a faixa etária da clientela escolar a que se destina. As atividades lúdicas preconizadas pela recreação, quando orientadas, dão condições de ensinar a matemática, a linguagem e outras disciplinas por meio de um jogo, isto é, o professor cria outras brincadeiras e faz a criança aprender melhor o conteúdo.

Vinicius Ricardo Cavallari e Vany Zacharias em: *Trabalhando com recreação* (2004); auxiliam profissionais que tem incertezas quanto à sua atuação em detalhes específicos da rotina de um recreacionista. Abordam os conceitos fundamentais, embasando o trabalho prático, depois tratam das áreas específicas de atuação, mostrando a amplitude do campo de trabalho e a melhor forma de nele atuar, em seguida fazem a estruturação e elaboração de atividades práticas, onde mostram como montar programas de atividades recreativas e, por último, atividades práticas para o mercado de trabalho.

Como foi analisado as referências bibliográficas utilizadas pelos professores na disciplina lazer e recreação nas universidades. Citam-se acima algumas das obras encontradas em mais de uma referência utilizada pelos professores nas universidades. E agora vamos citar alguns autores que dão diferenciais dos programas analisados que considero como importante.

Christianne Werneck em: *Lazer, Trabalho e educação* (2000), abordando o lazer pela via da reflexão. A autora procura encontrar espaços para a vivência de ações lúdicas, autônomas, críticas e criativas. O texto instiga-nos a que nos coloquemos conscientemente diante do que chamamos de lazer, de trabalho e de educação, identificamos como e sob que formas estes se relacionam. A constituição histórica do lazer como construção que se faz da sociedade greco-romana à pós-moderna, um caminhar histórico, significados e relações construídos na realidade brasileira, e as relações entre o lazer e recreação.

Valquíria Padilha em: *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito* (2000) visualiza uma sociedade para além do capital, caminha na contracorrente e dialoga criticamente com a literatura, especialmente francesa, que discute as categorias tempo, tempo livre, lazer, ócio, jornada e tempo de trabalho. Mostra como a transformação do tempo de não-trabalho em ampliação de liberdade, criatividade, realização e de felicidade, acaba sendo uma impossibilidade na sociedade contemporânea, onde o capitalismo consegue ampliar o domínio também para o espaço de não-trabalho. A autora ainda discute a vida auto-determinada e cheia de sentido, tanto no trabalho, como fora dele, e que não temos um tempo verdadeiramente livre.

4.5 - Para que serve a disciplina recreação e lazer nas aulas de Educação Física?

Já que estamos estudando lazer e recreação nos cursos de licenciatura, torna-se importante discutir qual a importância da mesma nas escolas.

Discutimos a problemática Lazer-Trabalho-Tempo Livre-Recreação, com base na Sociologia do Trabalho e do Lazer/Tempo Livre, que possui uma dimensão multidimensional e interdisciplinar, apresentando-se como um desafio para os professores que atuam nestas disciplinas nas universidades investigadas e nas demais instituições de ensino superior no Brasil. Pensando desta maneira e refletindo sobre o processo investigativo empírico-teórico, além das minhas próprias experiências como professora na disciplina Recreação e Lazer, percebo que nas entrelinhas do senso-comum das categorias trabalho, lazer, tempo livre e Recreação, estão subjacentes outras categorias, não menos importantes, como: lúdico, cultura lúdica, criança, brinquedo e o brincar, jogo e aprendizagem, criatividade, distração/divertimento, alegria, animação cultural e dinâmicas de grupos.

Desvendar o mito das “aulas de recreação” – existe aula de recreação ou as aulas de educação física se utilizam de conteúdos culturais do lazer – no sentido de proporcionar uma aprendizagem social para o lazer e também de conteúdos do trabalho de forma crítica – sobre a aprendizagem social para além do “trabalho abstrato/alienado ou do “trabalho que dignifica o homem”

Sem desconhecer a procedência das críticas dirigidas à escola e com cuidado de não sugerir fórmulas milagrosas, Marcellino (1997) fundamenta sua “pedagogia da animação” entendendo a escola como centro de cultura popular e explicitando seu conceito de lazer como “cultura vivenciada no tempo disponível”. O autor reconhece, assim, a relação lazer-

escola/processo-educativo enquanto espaço/organização apropriados para mudanças que se produzem na dialética individual-social.

Então, vamos tentar descobrir o que é lúdico segundo alguns autores. Para Huizinga (1980), a realização do lúdico se dá no Jogo, que tem sua essência no divertimento (prazer, agrado, alegria) “uma atividade livre, conscientemente tomada como ‘não séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total”. (ibidem, p.25) Outra possibilidade para a manifestação do lúdico é o domínio da festa. Eles têm elementos comuns como: suspensão da vida cotidiana, predomínio da alegria, combinação de regras com liberdade. Assim também, verifica-se o uso das expressões brinquedo e brincadeira, tendo várias tentativas de diferenciação dos termos, a questão conceitual do lúdico (brinquedo, festa, jogo, brincadeira etc.) Marcellino aborda como um componente da cultura historicamente situada. Entendendo como “cultura em sentido amplo, consistindo num conjunto global de modos de fazer, ser interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve” (ibidem, p.28).

O processo educativo é voltado quase que exclusivamente para a vida produtiva, por isso Marcellino coloca como sendo romântica a proposta a ser desenvolvida em termos de esperança, não é um projeto irrealizável ou pura fantasia sem fundamento, mas contendo a idéia de dever humano, projetando possibilidades de mudança, embasado em dados reais, porém sem aceitação passiva dessa realidade, apostando na criação, na recreação, imaginação e na criatividade. Sendo a escola um espaço privilegiado, ainda que não único para a manifestação do componente lúdico da cultura, contribuindo para a denúncia da contradição prazer/realidade, para a superação da criticidade pela criatividade e geração de novos valores.

Para que a escola possa contribuir para recuperar e conviver com o lúdico, é necessário mudança nas ideologias dos educadores. É preciso considerar que não existe uma criança, mas várias e de diferentes vivências e culturas, contudo, a negação do lúdico na escola está relacionada com a negação que a Escola faz da criança, ou seu desrespeito, ou ainda desrespeito a sua cultura, e o lúdico é um dos traços distintivos da cultura. Esse direito ao respeito não significa a aceitação, recusando-se assim a interferência do adulto no processo de educação, o autoritarismo que impera, deixando que elas sejam crianças.

A aprendizagem direcionada para o domínio de uma matéria determinada, pode ser adequada apenas se os adultos participam do processo, não para a criança, abrindo suas portas para a conquista de um saber estabelecido como meta, pelo adulto todo-poderoso, a Escola está fechando as portas para o saber da criança. Para Marcellino a criança e a sua cultura,

precisam ser levadas em conta no processo de aprendizagem. Em apenas alguns momentos as atividades lúdicas é considerada pela escola, e quando isso ocorre, as propostas são educativas e perdem as possibilidades de realização do brinqueado, a alegria e espontaneidade da festa, tornando o lazer obrigatório, como as festas etc. Ou nos recreios, as filas de lanche, banheiro etc. dificultam e restringem o tempo de brincar, pois quando começam a brincar já termina o recreio e todos devem voltar às salas e seus deveres.

Um dos problemas é estar sempre pensando ou se preparando para um futuro, que ninguém sabe o que será uma realidade distante, acelera-se o presente em busca de um futuro determinado.

Concordo com RUBENS ALVES (apud MARCELLINO, 1997, p.86) quando diz que “Não é para isto que se organizam as escolas, para que as crianças se esqueçam dos seus próprios corpos e aprendam o mundo que os adultos lhes impõem”?

Entende-se que para a escola possuir um tempo lúdico, de modo efetivo com a transformação, só se dará através de uma prática escolar que respeite os alunos, no seu tempo, seu mundo, respeitando a cultura das crianças. Perrotti (1990) faz essa relação da criança com a cultura, “ficando claro porque as visões que enfocam a criança enquanto ser culturalmente passivo está ajustado à ótica do sistema. É que ativo é somente aquele que produz para o sistema [...]”. (ibidem, p.20).

A educação tem sido marcada, por razões relevantes como a valorização das brincadeiras, obtendo bons resultados na educação escolar, nas possibilidades de beneficiar o processo ensino/aprendizagem, ainda mais quando se educa para o amanhã imprevisível de uma sociedade em mudanças, a perspectiva de vida e lhes dificulta a adaptação a um mundo de trabalho em constante mutação. “É preciso que as crianças se tornem aptas a optar pelas suas perspectivas de vida, não se adaptando, pura e simplesmente, à estreiteza de horizontes já dada” (ibidem, p.95).

A escola se apresenta como espaço de questionamento, de crise, de ruptura com os elementos significativos com as quais as crianças estão familiarizadas, não cabendo a escola apenas repassar os conteúdos, e sim o desenvolvimento das estruturas de consciência de crianças das mais diferentes classes sociais.

A vivência do lúdico leva ao entendimento da gratuidade, da alegria, e não pela organização, disciplina e rotina da escola. A alegria, prazer, esforço, não significa ausência de autoridade. O processo de busca ou de incorporação do prazer no processo educativo deve ser trilhado tendo em vista a procura de pontos de equilíbrio, da descoberta do novo, da superação

dos desafios. A educação pode ser encarada como uma proposta e vivida como uma grande aventura.

5. QUASE FINALIZANDO...

*A atitude crítica
 É para muitos não frutíferos
 Isto porque com sua crítica
 Nada conseguem do Estado.
 Mas o que neste caso é atitude infrutífera
 É apenas uma atitude fraca.
 Pela crítica armada Estados podem ser esmagados.
 A canalização de um rio
 O enxerto de uma árvore
 A educação de uma pessoa
 A transformação de um Estado
 Esses são exemplos de crítica frutífera.
 E são também exemplos de arte.
 (Berthold Brecht)*

O processo de construção deste estudo, devido a minha própria inserção no fenômeno da recreação e do lazer, como professora desta disciplina numa universidade do estado do Paraná, se constituiu numa trajetória de suma importância para a minha própria formação como professora e pesquisadora, assim como para os estudantes e para as instituições investigadas. Devo destacar que, *analisar os pressupostos teórico-metodológicos e político-pedagógica subjacentes às ações desenvolvidas na disciplina Recreação e Lazer no âmbito do currículo da Licenciatura em Educação Física em Universidades Estaduais do Paraná*, revelou de um lado, a necessidade em estudar permanentemente o currículo na forma de pesquisa e, de outro lado, a complexidade, os problemas, limites e possibilidades que um estudo de uma disciplina como está e outras, poderão significar para um contínuo em torno desse tipo de investigação. Neste sentido, penso que os achados e resultados encontrados, se colocam na perspectiva de um final inacabado e provisório. Sendo assim, justifico a metáfora emprestada à expressão usual no final das pesquisas para indicar as “conclusões finais”.

Colocadas essas reflexões, acredito, a partir de agora, ser essencial resgatar o problema de pesquisa e as questões que guiaram esta pesquisa, a fim de possibilitar possíveis sínteses e respostas provisórias. A partir da seguinte “pergunta de partida” ou “pergunta-hipótese central”: *Quais os tratos teórico-metodológicos, dedicados à disciplina Recreação e Lazer no contexto do currículo de formação de professores de Educação Física, em algumas Instituições Estaduais do Ensino Superior do Paraná?*

A partir desta questão de partida (hipótese central), emergiram algumas *questões de pesquisa* (hipóteses subjacentes), as quais se aliam as outras que surgiram durante o processo de construção do trabalho investigativo, a saber:

- *Quais as concepções de lazer e recreação presentes nos programas e planos de ensino das disciplinas das universidades estaduais?*
- *Quais os entendimentos e os tratos pedagógicos sustentados nos programas e planos de ensino relativos às “atividades/práticas recreativas”?*
- *Que tipo de conteúdo(s) a(s) disciplina(s) da área de recreação e lazer está disseminando na formação de professores da Educação Física?*
- *A partir das entrevistas realizadas, quais as concepções sustentadas pelos professores da disciplina lazer e recreação das instituições investigadas, acerca dos conceitos lazer, recreação, tempo livre e trabalho?*
- *Quais os entendimentos sobre “atividades/práticas recreativas” presente nos depoimentos (entrevistas) dos professores/professoras da disciplina lazer e recreação das universidades estaduais do Paraná?*

Acredito que, assim como essas questões, as respostas foram se constituindo durante o processo de escrita, coleta de dados junto aos professores, situações estas, as quais foram de fundamental importância para as análises e reflexões teóricas. Este caminhar se fez desafiador, principalmente por estar pesquisando as universidades públicas com maior representatividade no Estado do Paraná.

Propus-me levantar questões que vinham sendo debatidas nos congressos científicos e nas pesquisas produzidas, como a tese de Doutorado do Hélder Isayama numa grande maioria das instituições de Educação Física no Brasil e a dissertação de mestrado de Márcia Valente realizada no Nordeste. Além disso, tomei também como referência os estudos de Elza Peixoto acerca da disciplina Lazer e Recreação na Universidade Estadual de Londrina.

Em linhas gerais, quando se trata dos resultados da pesquisa, isto é, do confronto das categorias teóricas e as empíricas, o que vêm à tona são representações carregadas de ciência e senso-comum, conceitos, idéias, achados, descobertas, limites e possibilidades de superação. Todo esse caminho percorrido pode indicar pistas de superação do senso-comum, considerando a natureza deste estudo, ou seja, buscar elementos teórico-metodológicos para transgredir e subverter as práticas pedagógicas em torno dos conteúdos da disciplina “Recreação e Lazer” nas universidades estaduais do Paraná.

Seguindo a trilha do processo de construção da pesquisa e considerando algumas categorias empírico-teóricas, as primeiras reflexões que surgem, dizem respeito, respectivamente, aos conceitos de “currículo”, “formação de professores”, “formação de educadores”, “formação de professores de Educação Física”.

Ao investigar os tratos para com a disciplina “Recreação e Lazer”, surgiu como reflexão fundamental a concepção de currículo, com base nas lutas e demandas sociais, cujo foco deve questionar valores e saberes, provocando, assim, reflexões epistemológicas acerca dos conhecimentos, conceitos e teorias produzidas no âmbito da teoria e prática do currículo. Neste sentido, o currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos, ele sempre é parte de uma seletiva, resultado da seleção de alguém. É o produto de que organiza ou desorganiza um povo. Nesta linha de raciocínio, parto do pressuposto de que o saber sistematizado, elaborado, e produzido socialmente é apreendido pela universidade, em currículos compostos por disciplinas, transformando-se em saber reproduzidos depois pelos acadêmicos na comunidade científica. O currículo se constitui hoje num alvo privilegiado da atenção de autoridades, políticos, professores e especialistas. Sua centralidade no panorama educacional brasileiro contemporâneo pode ser atestada pelas constantes reformulações dos currículos dos diversos graus de ensino, bem como pelo incremento da produção teórica do campo. O currículo constitui significativo instrumento utilizado por diferentes sociedades, tanto para desenvolver os processos de conservação e renovação dos conhecimentos historicamente acumulados, como para socializar os indivíduos segundo valores tidos como desejáveis.

Essas reflexões supracitadas foram fundamentais, visando compreender os tratos com o conhecimento “Recreação e Lazer” nos currículos das universidades estaduais do Paraná, sobretudo, porque o currículo possui uma dimensão histórica, cultural e epistemológica, se constitui numa práxis e não num objeto estático, enfim, uma maneira de pensar a educação, a cultura, a história e a política vinculada a formas e contingentes de organização social e política (APPLE, 1982; MOREIRA, 1995).

Isto posto, ficou claro para mim, a necessidade de realizar estudos permanentes acerca da disciplina “Recreação e Lazer” nos currículos das universidades do Paraná e, em especial na universidade onde atuo em razão da necessidade em se realizar, permanentemente o exercício de reflexão investigativa sobre os conteúdos e tratos veiculados nos currículos. Esse esforço e compromisso social são muito importantes, pois, afinal, a atividade fundamental da ciência é a pesquisa e, conseqüentemente, as universidades são os espaços privilegiados da produção de conhecimento crítico e criativo, visando à superação dados problemas de relevância pública, de natureza econômica, cultural, ética, estética, científica, enfim social, que está a exigir soluções radicais na sociedade, principalmente, quando se tratam de construtos teóricos complexos e interdisciplinares como o Lazer e a Recreação.

Nesta forma de pensar, a meu ver, o currículo, o processo de formação humana de professores e professoras de Educação Física e os tratos com o Lazer e a Recreação, o papel das universidades, assim como dos demais problemas sociais e disciplina curriculares, deveria levar em conta a dimensão da *atitude crítica*, subjacente à epígrafe supracitada de Berthold Brecht. Isto implicaria em práticas político-pedagógicas no âmbito da disciplina em estudo, um processo de formação de educadores calcada na crítica e na criatividade, cuja concepção de Educação traria em seu bojo a dimensão da transgressão, da rebeldia e da resistência sócio-política, ou seja, uma formação de educadores percebida como uma atividade exercida contra as forças dominantes da instituição e do sistema capitalista.

Quando se fala em educação em seu sentido mais amplo e crítico e quando está em jogo o processo de formação humana; quando se pretende desconstruir o senso-comum da disciplina acadêmica Recreação e Lazer nas universidades, comumente, tratada, confundindo-a como “atividades” de caráter funcionalista, portanto, compensatório, utilitarista, romântico e moralista – necessário se faz rever o conceito de Educação, sobretudo no que se refere à relação dialética entre Educação-Trabalho-Lazer.

Nesta investigação, quando trato do debate acerca do conceito de educação no ponto de vista formação humana, sou da opinião que esta perspectiva deve ser extrapolada os limites para além da formação “meramente profissional”, posição muito comum no âmbito dos professores de Recreação e Lazer das universidades, salvo algumas exceções. Neste sentido, educar para o lazer na perspectiva dos cursos de Educação Física, implica romper com o senso-comum conservador, buscando elementos de caráter crítico em relação aos conceitos de lazer, trabalho, lúdico e, sobretudo, de *animador* ou mero *recreador*, conceitos estes, normalmente, ainda tratados na teoria e prática da disciplina em estudo, de maneira à - crítica, sem levar em consideração a polissemia dos sentidos e a dialética contida nesses conceitos. E por que isto? Porque a idéia de formação humana de educadores deve trazer implícita outra idéia de “animação”, não apenas no seu sentido sócio-cultural, mas político, pedagógico, artístico, estético e ético. Então, pensando deste modo, a formação humana de educadores para a recreação e o lazer, enfim, das práticas corporais, deve alcançar a dimensão da *animação*, enquanto fundamento crítico e revolucionário na perspectiva da “formação de militantes culturais”. Este tipo de formação para a militância cultural e política, em relação ao papel do Lazer, pode ser compreendida como a formação do novo homem necessário à luta pela superação do capital (D’AGOSTINI et alii, 2006 p.9-23). Todo esse esforço teórico-metodológico, implicaria, por exemplo, em. “Trabalhar a *criatividade*, o *senso crítico* (grifo meu), *saber o porquê está fazendo aquilo*”. (professor da universidade 1)

Durante toda a trajetória da pesquisa, tanto na perspectiva da descoberta de categorias teóricas, quanto empíricas, tive a oportunidade de me colocar como pesquisadora e, ao mesmo tempo, como professora da disciplina Recreação e Lazer. Este fato possibilitou-me descobrir novas abordagens e pistas historiográficas sobre os significados dos termos e conceitos de forma crítica, acerca das relações entre recreação, tempo livre e trabalho, para, finalmente, possibilitar superações na minha prática pedagógica, levando-se em conta a minha identificação com o senso-comum – ainda presentes em uma das três universidades investigadas.

Ao lidar, cotidianamente, com a disciplina Recreação e Lazer e com os dados das universidades estaduais do Paraná, noto que ainda predomina uma visão simplista (senso-comum) sobre esses conceitos e suas aplicações na prática pedagógica no âmbito dos currículos de Educação Física da universidade 1, como se pode observar no seguinte depoimento do professor da universidade 1: são as *atividades* (grifo meu) *propriamente ditas que você realiza dentro do tempo de lazer*. Essas constatações dizem respeito à visão ainda cristalizada do entendimento da “recreação”, de um lado, tratada numa visão utilitarista de joguinhos e brincadeiras para “animar” ou “motivar” as aulas de Educação Física e, de outro, salvo algumas exceções, a tentativa do trato do conceito de recreação, articulado às reflexões epistemológicas no âmbito das relações lazer-trabalho-tempo livre. Quanto a esse respeito, sou da opinião que, mais do que propor “alternativas práticas” para superar as chamadas “abordagens funcionalistas do lazer”, tão usuais no âmbito formal (escola), quanto no não-formal (comunidades, movimentos sociais etc.); é a indagação filosófica, política e pedagógica acerca dos sentidos/significados dos usos dos tempos (de trabalho e de lazer) – concebendo-se como estratégia político-pedagógica de aprendizagem social para o chamado tempo de lazer ou “tempo livre”. Há, portanto, nesta investigação um caráter propositivo, no sentido de avançar a área do lazer, nas políticas públicas e nas intervenções da universidade em escolas, movimentos sociais, sindicatos e instituições diversas. Nestes termos, a associação entre os termos recreação e lazer não pode ser realizada sem uma clareza de seus significados sócio-culturais e políticos como se houvesse entre eles uma mesma construção histórico-social. Portanto, significa dizer que, este entendimento pode ser questionado a partir da análise do processo de constituição histórico-social e cultural da recreação e do lazer, observando a origem etimológica e epistemológica dos termos; considerando que as trajetórias percorridas pela recreação e pelo lazer são distintas e nem sempre coincidem conforme os estudos mencionados no Capítulo 3.

De acordo com o exposto, penso que, para realizar o exercício teórico-metodológico de superação dos limites epistemológicos e etimológicos da dinâmica Recreação e Lazer na perspectiva de superação dos currículos das universidades estaduais paranaenses, talvez seja necessário: redimensionar os programas e ementas da disciplina, transformando-a em duas, a *primeira* disciplina trataria de questões teórico-práticas e teórico-metodológicas da *recreação* (gênese, crítica dos conceitos, as relações entre corpo e festa, corpo e lúdico, relações entre para o usufruto da cultura lúdica e aspectos geracionais (infância, juventude, maturidade e velhice) – a segunda disciplina poderia, no âmbito da simbiose entre Sociologia do Trabalho e Sociologia do Lazer/Tempo Livre, tratar dos estudos críticos acerca do tempo de lazer e de trabalho no capitalismo, levando-se em conta a mediação entre a “educação” e a “recreação” e o advento da chamada “indústria do Entretenimento” ou “indústria do Lazer”. Além de outras atividades de ensino, ações de pesquisa e extensão, formação continuada. Estas propostas provisórias de superação poderão dar o “ponta pé” inicial, visando transpor a idéia utilitarista da recreação como um “conteúdo do lazer” vista como uma forma de instrumentalização, de aproveitamento e de utilidade do tempo livre – enquanto controle do tempo-espaço e disciplinarização das massas (MARCASSA, 2002; WERNECK, 2000). Para, além disto, o lazer não pode ser mais concebido, sem a dimensão crítica da sua imbricada relação com o mundo do trabalho, como um tempo-espaço vazio de sentido ou *tempo livre e disponível* (para o capital), que deve ser preenchido com formas de *recreação orientada* (eventos culturais e esportivos, ginástica laboral). Estas questões são de fundamental importância para os professores da disciplina em questão, uma vez que tenta problematizar o tempo de trabalho (jornadas de trabalho), a exploração do trabalho e a dominação sobre o *tempo livre* dos trabalhadores. Este processo precisa ser problematizado nos cursos de Educação Física, tanto no ponto de vista escolar e não-escolar.

Um destaque nos resultados, aponta para o fato de que, ao refletir o desenvolvimento da disciplina nas três universidades pesquisadas, constatei que duas, refletem acerca o seu significado não apenas como recuperação da força de trabalho, mas também como reprodução de práticas culturais. “Na terceira universidade, há ainda a idéia reducionista da recreação como “coisa de criança” ou brincadeira de criança” – sem levar em conta as questões multidimensionais (macro e micro-sociais), interdisciplinares, culturais, econômicas e sociais na perspectiva do usufruto do tempo para a vivência da “recreação”.

Grosso modo, percebi, em relação às abordagens do lazer e recreação, salvo nas universidades 2 e 3, através das ementas e planos de ensino, bem como as entrevistas, que as

práticas pedagógicas desta disciplina estão baseadas nas abordagens funcionalistas do lazer (Marcellino, 1990): romântica, moralista, utilitarista e compensatória.

Destaca-se aqui que, no capitalismo, o tempo livre de trabalho limita-se ainda ao tempo de descanso necessário para a recuperação das forças físicas do trabalhador. Desta maneira, o *tempo livre*, tal como o conhecemos hoje, vem se revelando, através das lutas anti-capitalismo (anti-globalização), como uma conquista dos trabalhadores organizados, dos sindicatos e movimentos sociais, no que diz respeito à *diminuição das jornadas de trabalho*. É, portanto, desta maneira, isto é, por meio de manifestações, revoltas, greves e muitas lutas os trabalhadores conseguem assegurar o almejado *direito à preguiça*. Essas considerações constam nos conteúdos da disciplina recreação e lazer das universidades.

Para a realização desta tarefa, os professores da disciplina recreação e lazer, poderiam levar em conta: a) “O lazer não é mais a Festa ou a recompensa do labor, também não é ainda a atividade livre que se exerce para si mesma. É o espetáculo generalizado: televisão, cinema, turismo.” (LEFEVBRE, 1991, p.62.); b) O tempo livre, se considerado antagônico ao trabalho, e aliado às questões funcionalistas de lazer, acaba tornando-se a grande promessa para a classe trabalhadora, justamente no momento em que a produção científica no âmbito da sociologia do trabalho e do lazer traz discussões críticas sobre o conceito de lazer, trazendo à tona, algumas questões sobre *incompatibilidade entre tempo livre e capitalismo*¹⁵; c) O lazer, enquanto ação realizada no tempo livre, “está de forma imbricada ligado ao tempo de trabalho, sobretudo no que diz respeito ao tempo destinado às jornadas de trabalho e ao conseqüente preenchimento do tempo liberado com o consumo de mercadorias”. (SILVA, 2003, p.185).

Penso que a disciplina Recreação e Lazer nas universidades, às vezes, também tem a função com momentos de lazer para os alunos e, conseqüentemente, o lazer é visto como válvula de escape e fator de compensação do desgaste decorrente do trabalho escolar/acadêmico alienante, que predomina nas escolas e universidades. Quanto a essa questão, percebo que, a universidade, enquanto produtora e difusora do conhecimento devem ter os currículos de graduação no sentido de incentivar o potencial científico de seus alunos, proporcionando-lhes, elementos teórico-práticos para a iniciação e produção científica inovadora, visando à transformação das pesquisas nas universidades, para a articulação entre as políticas científicas na perspectiva de um currículo ampliado, a reflexão-ação “na” e “sobre” a realidade. Sendo uma prática de produção/divulgação do conhecimento,

¹⁵ Autores que tratam do assunto: Padilha, Valquíria (2000) Tempo Livre e Capitalismo: Um par imperfeito. Campinas: Alínea; Antunes, Ricardo (1999). O sentido do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação.

compreendendo enquanto retorno à instituição por professores, alunos e funcionários (SILVA, 1995).

A seguir mostro os conteúdos das disciplinas lazer e recreação que estão sendo disseminadas na formação de professores da Educação Física, nas universidades investigadas.

Em linhas gerais, os resultados indicam que a universidade 1 está voltada para a recreação, para o conhecimento teórico/prático dos aspectos pedagógicos da recreação e atendimento a comunidade; percebe-se uma preparação para o mercado de trabalho.

A universidade 2 dá maior relevância aos aspectos históricos e políticos do lazer e do tempo livre, analisando a importância do lazer e sua relação com o mundo do trabalho, frente ao mercado liberal e as práticas profissionais em lazer e recreação, resolução de problemas pela pesquisa/intervenção universidade e comunidade. Faz a relação do lazer com a natureza, brincadeiras, vivência lúdica, faz crítica à visão funcionalista do lazer e também possui estágio curricular na área de lazer e da recreação para por em prática a teoria.

Já a universidade 3 traz o entendimento do lúdico, da recreação e do lazer nas suas relações com a Educação Física, com o processo educativo do ser humano, na atuação profissional enquanto animador sócio-cultural, na construção de propostas lúdicas, no planejamento, na organização, na execução e avaliação de programas e na fundamentação pedagógica do lazer.

Com esta investigação, identifiquei alguns dos problemas e especificidades que se estabeleceram ao longo de nossa história, na diferenciação dos conceitos de Recreação e Lazer, acreditando que esta será uma contribuição para refletir sobre o momento atual e, assim, sanar possíveis problemas conceituais e históricos que ainda hoje aflige a práxis cotidiana.

A formação não pode esquecer as demandas imediatas da profissão, mas deve ser muito maior do que isso. Deve ser inclusive, uma oportunidade para que o aluno possa aprender a interferir no mercado e na ordem social, na formação profissional e na formação humana do indivíduo. Nesta ótica, as experiências são fundamentais no processo da reflexão e de consolidação das consciências, sob o risco de termos belos discursos vazios e de consistência incoerentes acerca da realidade.

As disciplinas ligadas às Teorias do Lazer e Recreação no âmbito do curso de graduação (licenciatura) de Educação Física, não devem se furtar de abordar conteúdos clássicos dos estudos do lazer e da recreação, mas fazer críticas ao modelo de disciplina, que se resume no oferecimento de jogos e brincadeiras, não significa eliminar a “parte prática”,

mas sim reconceituá-la e implementá-la de forma articulada com a compreensão teórica. Por isso, mais do que dominar categoricamente certos conceitos, os acadêmicos deveriam compreender os princípios básicos que caracterizam a atuação no âmbito do lazer.

O estudante universitário deve poder compreender e problematizar os conceitos ligados às estratégias de intervenção na dinâmica “Recreação e Lazer”, refletindo as ações, ele deve ter o acesso a uma gama de conteúdos e manifestações que podem funcionar como forte elemento de sensibilização para atuação na prática pedagógica, levando-se em conta a formação humana. Esta posição procura compreender o sujeito como agente de mudanças e transformações sociais. Afinal, ele faz parte da sociedade capitalista e exploradora e, por isso mesmo, a universidade deve ensinar a crítica, a criatividade, a transgressão e a resistência, para além da lógica da mera “profissionalização” e do mercado.

Nos programas que foram analisados, percebi uma mudança substancial em relação ao tratamento dos conteúdos teóricos da disciplina lazer e recreação com maior ênfase do que as atividades práticas. Em duas instituições analisadas não prevalecem mais os jogos e as brincadeiras. Isto significa que nas Instituições de Ensino Superior do Paraná, os estudos do Lazer e recreação tiveram um avanço muito grande. Acredito que isto aconteceu devido às especializações dos profissionais atuantes na disciplina ministrada nas universidades, a participação nos eventos científicos, grupos de estudos, publicações e leituras e ao tempo de serviço na área do lazer e recreação.

Esse avanço qualitativo do Lazer na Educação Física, nos cursos de graduação deve-se ao comprometimento dos profissionais que estão trabalhando, integrando o conhecimento com as vivências pedagógicas, e relacionando a prática com a teoria. Houve, neste sentido, uma diferenciação da análise feita por Isayama nos cursos de graduação de Educação Física no Brasil e, neste caso, percebi em duas universidades, um avanço conceitual e de percepção em relação ao que se costuma chamar de “práticas recreativas”.

Assim, devemos repensar na constituição dos currículos não apenas por disciplinas, mas por experiências pedagógicas, repensar a inserção e o papel político-pedagógico da recreação, enquanto disciplina nos currículos dos cursos de Educação Física no Brasil.

Concordo com Isayama (2002) de que os programas e os currículos não devem se render à lógica do mercado, e sim fazer uma análise maior, a fim de poder compreendê-lo, buscar alternativas criativas para estabelecer mudanças com uma sociedade mais justa. Para que isso aconteça é necessário estabelecer projetos que possibilitem a experimentação e a reflexão sobre a sua intervenção.

Esse tipo de ação proporciona profissionais críticos, por meio da prática reflexiva sobre a intervenção profissional e a busca de solução dos problemas cotidianos. Articulando a reflexão e ação, uma ação que possibilite a construção de vivências pedagógicas fundamentadas, coerentes e refletidas.

As concepções sustentadas pelos professores da disciplina lazer e recreação nas instituições investigadas são: o professor da universidade 1 tem uma visão no senso-comum do lazer, como fora do trabalho e a recreação como atividade que realiza dentro do tempo de lazer, já o trabalho se destina para a produção, enquanto que o tempo livre serve para fazer uma atividade espontânea, disponível após o trabalho.

Sobre *o Tempo Livre*, o professor parte do princípio de que se nas sociedades tradicionais as atividades humanas se misturam, se confundem, na sociedade moderna, de uma maneira geral, a vida da gente é dividida em tempo de trabalho, em tempo livre ou em tempo de não trabalho. E, dentro desse tempo livre, temos várias obrigações, desde religiosas, educacionais, nossos filhos, por necessidade tenho que ir ao mercado, fazer minhas necessidades básicas, obrigações políticas, as obrigações sociais de ir num enterro, participar de uma reunião e assim por diante.

Apesar de tudo que foi problematizado neste trabalho, penso que há muito que fazer, avançar e interrogar. Assim, termino, provisoriamente, esta etapa da minha formação acadêmica, levantando algumas interrogações colocadas por Marcassa (2004, p. 202):

Até que ponto é possível recuperar o sentido lúdico e criativo contido nas origens etimológicas do termo recreação? Seria possível superar o enfoque técnico-instrumental que incide sobre a atividade recreativa em si, mesmo sabendo que toda atividade (e a recreação não foge à regra) promove e denota valores, concepções e interesses político-sociais? E ainda que comprometida com uma orientação político-ideológica crítica, em que medida é possível construir novas referências ou metodologias que levem em conta a experiência e a apropriação de práticas culturais de modo articulado aos saberes teórico-práticos que as fundamentam?

Essas indagações de Marcassa apontam para a reflexão de que forma a recreação deve ser tratada entre nós da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo, indica quais as possibilidades que temos de construir novas e ricas experiências pedagógicas envolvendo a recreação.

Dito isto, fica aqui o desafio colocado na epígrafe inicial destas conclusões provisórias, no sentido de encontrar os rumos para a realização de uma *atitude crítica* (Brecht) e, no caso desta dissertação de uma *atitude autocrítica*. Assim, penso que saio deste processo

investigativo, com maior conhecimento, repleta de elementos teórico-metodológicos, visando com tudo isso, reverem anos de experiência à luz das demandas sociais e problemas de relevância pública no campo do trabalho-lazer-tempo livre e recreação.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Muguél G. *Ciclos do desenvolvimento humano e formação de professores*. Educação & sociedade, Campinas, n. 68, p. 143-162, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus para o trabalho? Ensaio nas metamorfoses e a central do mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1999.
- _____. *Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a declaração e a negação do trabalho*. São Paulo: Boi tempo, 1999.
- APPLE, Michael. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BAGGIO, Isabel Cristina. BAECKER, Ingrid Marianne. *A prática curricular do CEFD/UFSM e as competências para a promoção da autonomia*. XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE – Caxambu, 2001. CD-ROM.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, s/d.
- BETTI, Mauro. Por uma teoria da prática. *Motus corporis*, v.3, n.2, p. 73-127, 1996.
- BUFFA, E. ARROYO, M. NOSELLA, P. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* São Paulo: Cortez, 1995.
- BOGDAN, Robert. E BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução para a teoria e os métodos*. Porto, Portugal: Editora Porto, 1994.
- BRACHT, Valter. Educação Física/Ciência do Esporte: que Ciência é essa? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 14(3), p.111-117, 1993.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRUHNS, Heloísa Turini (org). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.
- CARDOSO: Carlos Luiz, *concepções de aulas abertas*. IN: KUNZ, elenor (org.) *Didática da educação física 1*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- CAVALLARI, Vinícius Ricardo e ZACHARIAS, Vany. *Trabalhando com recreação*. São Paulo: Ícone, 2004.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- D'AGOSTINI, Adriana et alii. Formação de militantes culturais e alternativas de desenvolvimento da cultura corporal, esporte e lazer em áreas de reforma agrária. *Revista Licere*. V.9, nº 1, 2006.

FINOCCHIO, Jose. L. O trabalho e o tempo livre: liberação e humanização. IN: Encontro de História da educação física e do Esporte, 1, 1993, Campinas. *Anais*. Campinas, UNICAMP, 1993. p.53-57.

FRANÇA, Tereza Luiza. Formação e atuação do profissional de lazer: saberes necessários para qualificar sua práxis. IN: XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - COMBRACE – Caxambu, 2001. CD-ROM.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas S. A, 1996.

GHILARDI, Reginaldo. *Formação profissional em Educação Física a relação teórica prática*. Monografia no curso de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu (SP). Motriz- v.4, n1, junho/1998. Disponível em: <<http://www.google.com.br>> Acesso em: 01 agosto. 2006.

GOMES, Christianne L *Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926 – 1964)*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação Física da UFMG, 2003.

GUERRA, Marlene. *Recreação e lazer*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzato, 1996.

HISTÓRICOS DAS UNIVERSIDADES, Dados acessados na internet nas devidas Universidades www.uem.br, www.uepg.br, www.unioeste.br, 16/10/2006, às 20h00min h.

HUIZINGA, Johan, *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ISAYAMA, Hélder F. *Recreação e lazer como integrantes de currículos dos cursos de graduação em Educação Física*. Campinas Faculdades de Educação Física, 2002 (Tese de doutorado).

_____. *Ética e Lazer: e a animação sociocultural*. Palestra proferida. In: XVII Encontro nacional de Recreação e Lazer Campo Grande/MS. ENAREL CD-ROM, 2005.

IUBEL, Simone C. *O lazer fruto do capitalismo, que lazer é esse?* In: XVII Encontro nacional de Recreação e Lazer Campo Grande/MS. ENAREL CD-ROM, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko M(org.) *O Brincar e suas Teorias*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KUNZ, Elenor. *Transformação Didático-pedagógica do Esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

_____. A relação Teoria/Prática no ensino/pesquisa da Educação Física. IN: *Motrivivência Educação Física Teoria&prática*, ano 07 – n 8 – Dezembro 1995.

KURZ, Roberto. *A modernização do colapso*. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *A ditadura do tempo abstrato*. In: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

LAFARGUE, Paul. *O direito para a preguiça*. São Paulo: Kairós, 1983.

LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean. *A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre. UFMG. 1999.

LEFEBVRE, Henry. *A vida diária no mundo moderno*. São Paulo, Ática, 1991.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MANACORDA, Mário Alighiero. *Marx e a Pedagogia Moderna*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

MARCASSA, Luciana. *A invenção do lazer*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP: Faculdade de Educação Física, 2002 (Dissertação de mestrado).

_____. *Recreação*. In: Christianne Luce Gomes. (org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntico, 2004, v.1, p. 196-203.

_____. *Do ócio ao lazer: uma (re) significação dos usos do tempo livre na cidade de São Paulo (1888 – 1935)*. *Anais do Combrace*, Caxambu, 2001 CD-ROM.

MARCELLINO, Nelson. C. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.

_____. *Pedagogia da animação*. Campinas: Papirus. 1990.

_____. *Lazer e Humanização*. Campinas, SP: Papirus, 1983.

MARINHO, Vitor. *Consenso e conflito, educação física brasileira*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MARX, Karl. *O Capital: o crítico da economia política*. São Paulo: Cultura Nova, 1985.

MASCARENHAS, Fernando. *Lazer e grupos sociais: concepções e método*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – Unicamp: Faculdade de Educação Física, 2000 (Dissertação de mestrado).

_____. *Lazer e trabalho: liberdade ainda que tardia*. In; Seminário O Lazer em Debate, 2, 2001. Belo Horizonte, Coletânea UFMG/DEF/CELAR. 2001, p.81-93. 2000.

_____. *Os estudos do lazer: entre a objetividade e a subjetividade*. In: XVII Encontro nacional de Recreação e Lazer Campo Grande/MS. *ENAREL* CD-ROM, 2005

MELO, Victor Andrade de. Animação do futuro animador: uma preocupação na formação do profissional de Lazer. IN: XV Encontro nacional de Recreação e Lazer Santo André/SP *ENAREL* CD-ROM, 2003.

_____. *Lazer e educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis – um enfoque na questão da formação.* IN: Lazer, Recreação e educação física. Belo Horizonte, 2003.

MÉSZÁROS, István. *Marx: a teoria da alienação.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MILLS, Wright C. *A imaginação sociológica.* Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.* São Paulo: Hucitec, 2004.

MONTENEGRO, Patrícia Cavalcanti Ayres, RESENDE, Hélder Guerra. As representações sociais e o processo de formação dos professores de Educação Física: uma reflexão sobre o processo de formação profissional em Educação Física no Brasil. XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte -*COMBRACE* – Caxambu, 2001. CD-ROM.

MOREIRA, Antonio Flavio (org.) *Currículo: Políticas e práticas.* Campinas, SP: Papirus, 1999.

_____. *Currículo: Questões atuais.* Campinas, SP: Papirus, 1997.

MOREIRA, A.F.B. & SILVA, Tomás Tadeu da. *Currículo, cultura e sociedade.* São Paulo, 1995.

NÓVOA, Antonio (org.) *Os professores e a sua formação.* Instituto de Inovação Educacional e autores, Lisboa, 1992.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Aventuras e enigmas da informatização dos brinquedos. *Motrivivência*, O Jogo e o brinquedo na Educação Física, Ano VII – n 09 – Dezembro/1996.

PACHECO, José Augusto. *O pensamento e a ação do professor.* Porto editora Ltda. 1995.

PADILHA, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito.* CAMPINAS: SP, 2000.

PEREIRA, Eliene Lacerda. Formação de educadores na escola superior de educação física de Goiás: impacto do currículo instituído em 1994, orientado para o contexto escolar. XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - *CONBRACE* – Caxambu, 2001, CD-ROM.

PEIXOTO, Elza Margarida de M., BARLETTA, Eurídia R. Notas sobre a recreação e Lazer no âmbito dos cursos de graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina. IN: Encontro nacional de Recreação e Lazer XII, *ENAREL*, Balneário Camboriú. Coletânea/universidade do Vale do Itajaí, 2000, p. 113-127.

PIRES, Roberto Gondim. Lazer e Formação Profissional na Bahia: pensando seus limites e suas possibilidades. IN: Encontro Nacional de Recreação e Lazer XII, *ENAREL*. Balneário Camboriú: 2000, p. 128-137.

PERROTTI, Edmir. *A criança e a produção cultural*. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *A produção cultural para criança*. 4 ed. Porto Alegre: mercado Aberto, 1990.

SACRISTÁN, J. Gimeno *O currículo: uma reflexão na prática*. trad. Ernani. De F. Rosa-Porto alegre: Arte. Méd, 1998.

_____. *Currículo, Cultura e sociedade*. Tradução de Maria Aparecida Baptista. São Paulo: Cortez, 1995.

SADER, Emir. *Trabalho, desemprego e tempo livre*. In: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

SOUSA, Iracema Soares de. *Tempo livre com lazer do trabalhador e a promessa de felicidade*. São Paulo, 2002. (Tese – Doutorado)

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Mauricio Roberto da. *Iniciação para a pesquisa em Lazer no âmbito da Recreação de disciplina*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, CCBS/Depto. De educação física, 1993.

_____. (org.) *Pesquisando a recreação na perspectiva da graduação em educação física de UFSC*. Florianópolis: Ed. de UFSC, 1995.

_____. *Trama doce-amarga: (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica*. São Paulo: Hucitec, 2003.

SILVA, Paulo da Trindade Nerys, *A formação do professor de Educação Física no Brasil avanços e retrocessos*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP: Faculdade de Educação, 2002 (Tese de doutorado). Biblioteca digital da UNICAMP. Disponível em: <<http://www.google.com.br>> Acesso em: 01 agosto. 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. A pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas S. A. 1987.

VALENTE, Márcia Chaves. *Lazer e Recreação no Currículo de educação física*. MACEIÓ: EDUFAL, 1997.

_____ (coletânea). *Lazer e Recreação no Currículo de educação física*. 2. Ed. ver. E ampère. MACEIÓ: EDUFAL, 2003.

ZITKOSKI, Jaime José; MELLO, Reynaldo Irapuã Camargo. *Formação de professores: desafio para a universidade no contexto da educação*. Pesquisa e formação de professores, Cruz Alta: UNICRUZ, 2002.

WERNECK, Christianne. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões Contemporâneas*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

VAGO, Tarcísio M. *Da rua para a escola: a escolarização de práticas corporais lúdicas em Belo Horizonte (1897- 1930)*. Revista Motrivivência, Florianópolis, n. 9, p. 269-178, 1996.

WERNECK, Christianne; YSAYAMA, Hélder F. *Comunicações orais: aprofundamento em lazer nos currículos dos cursos de graduação em educação física no Brasil: alguns apontamentos*. Em: Coleção 12 (ENAREL) –I Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Balneário Camboriú: Roca, 2000, p.92 – p.103.

_____ (orgs) *Lazer, Recreação e educação física*. In Artigo: Melo, Victor Andrade. *Lazer e educação Física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis – um enfoque na questão da formação*. Belo Horizonte, 2003.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo de. *Currículo e conhecimento para a formação profissional em Educação Física*. XII CONBRACE, Caxambu, 2001. CD-ROM.

COX, Harvey. *A festa dos foliões, um ensaio teológico sobre festividade e fantasia*. Trad. Edmundo Binder. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1974.

BONECA JR, W. E. *Currículo: uma perspectiva pós-moderna*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BERKENBROK, Volney J. *Jogos e diversões em grupo*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. MEC/SEF. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. 3 v. il. Brasília, 1998.

COSTA, M. V. (org.) *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

GÓMEZ, Angel Pérez. *O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo*. In: Os professores e a sua formação. Instituto de Inovação Educacional e autores, Lisboa, 1992.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MARCELLINO, Nelson. (org.) *Lúdico, educação e educação física*. IN: OLIVIER, Giovanina Gomes de Freitas. *Lúdico e escola: entre a obrigação e o Prazer* Ijuí; Unijuí, 2003 (Coleção educação física).

MORGADO, José Carlos. *Currículos e Profissionalidade*. Porto - Portugal, 2005.

MUNNÉ, Frederic. *Psicosociologia del tiempo libre: un enfoque crítico*. Cidade de México: Telas, 1980.

OLIVEIRA, Rogério Massarotto de. Algumas reflexões sobre Trabalho e o “Limitado Lazer”. IN: XVII Encontro nacional de Recreação e Lazer Campo Grande *ENAREL/MS*, 2005. CD-ROM.

PACHECO, José Augusto. *O pensamento e a ação do professor*. Porto editora Ltda. 1995.

SANTOS, W. do. *Currículo e avaliação na educação física: do mergulho para a intervenção*. Vitória; Proteoria, 2005.

SARMENTO, Manuel & PINTO, Manuel. *As crianças e a Infância: definindo conceitos, delimitando o campo*. Portugal: Centro de estudos das crianças/Universidade do Minho, 1997.

TUMOLO, Paulo Sergio. *Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação, Educação e sociedade*. Campinas, vol.24, n82, p.159-178, abril 2003.

_____. *O trabalho na forma social do capital e o trabalho como começo educacional: uma possível articulação?* Revista de Ciência da Educação, Educação e Sociedade, Campinas, vol.26, n.90, p.239-265, jan./abril 2005.

VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

VERENGUER, Rita de Cássia Garcia. *Dimensões profissionais e acadêmicas da Educação Física no Brasil: uma síntese das discussões*. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, 11(2): 164-75 jul./dez. 1997. Disponível em: <http: www.google.com.br> Acesso em: 01 agosto. 2006.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

Florianópolis, 08 de março de 2006.

Prezado Coordenador:

Meu projeto de dissertação, desenvolvido junto ao programa de Pós-graduação, no nível de Mestrado, da Faculdade de Educação Física, da UFSC, vincula-se à área da Teoria e prática pedagógica, sob a orientação do Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva. Esta pesquisa tem como objetivo analisar os planos de ensino e ementas da disciplina Lazer e Recreação, no âmbito dos currículos de formação em Educação Física no estado do Paraná, visando captar os conceitos de Lazer e Recreação, bem como as práticas pedagógicas desenvolvidas nesta disciplina. Tenho como interesse realizar uma investigação, inicialmente, por meio da análise dos programas e ementas das disciplinas, bem como as práticas pedagógicas que são desenvolvidas nas três Universidades Estaduais do Paraná.

Para tanto, é fundamental, em primeiro lugar, o conhecimento do currículo como um todo com o tema Recreação e Lazer, do ponto de vista da minha pesquisa.

Portanto, para em seguida estabelecer relações com a disciplina Lazer e Recreação, objeto de estudo desta pesquisa, venho solicitar vossa contribuição através do envio das **ementas e programas (objetivos, conteúdos, bibliografia e período de oferta)** das disciplinas que são ministradas no curso de Educação Física da Instituição que V. S^o dirige, visando a construção do trabalho de campo.

Este material pode ser enviado por e-mail para o seguinte endereço: liacascavel@hotmail.com. ou por carta Liamara schwarz, Localidade: Picada Benjamim – Céu Azul – Paraná, CEP 85840-000.

Agradeço desde já a sua colaboração, que muito irá contribuir para o desenvolvimento do meu estudo e, conseqüentemente, para um melhor entendimento sobre a significação da Recreação e Lazer no contexto da formação humana em Educação Física.

Saudações universitárias

Liamara Schwarz
CDS/UFSC

Ao

Coordenador do Curso de Educação Física/Chefe de departamento

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS



Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física

Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792 - E-MAIL mestrado@cds.ufsc.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Informações Gerais

A professora **Liamara Schwarz** encontra-se regularmente matriculado no curso de mestrado em Educação Física da UFSC. Para implementação da dissertação de mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva, tornou-se necessária à realização da investigação **“O significado da disciplina “Lazer e recreação” no âmbito do currículo da licenciatura em Educação Física nas universidades estaduais do Paraná”**. No âmbito da justificativa e delimitação do problema é importante destacar que grande parte dos currículos em Educação Física no Brasil traz em seus pressupostos o conceito funcionalista e utilitarista do lazer e da idéia da prática pedagógica recreativo apenas como mero repasse de jogos e brincadeiras e ou aprendizagem de jogos para ocupar os alunos em dias de chuva na escola. A realização desta pesquisa justifica-se relevância acadêmica e social do conhecimento produzido na perspectiva dos “Estudos do Lazer” em especial para o Estado do Paraná, esta pesquisa pretende cobrir uma lacuna existente na produção do conhecimento que leve em conta as demandas das universidades locais. Assim sendo, penso ser de suma importância realizar esta pesquisa, considerando que há poucos estudos desenvolvidos no Paraná, na área de Recreação e Lazer. O objetivo central desta pesquisa é analisar os programas de ensino e ementas da disciplina Lazer e Recreação, no âmbito dos currículos de formação em Educação Física do Estado do Paraná, visando captar os conceitos de lazer e recreação, bem como os pressupostos teórico-metodológicos subjacentes às práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina Recreação e Lazer.

Aproveitamos a oportunidade para informar que os procedimentos de investigação não afetarão o docente na atuação profissional. A coleta de dados será realizada de acordo com os contatos mantidos previamente com os docentes. Além disso, fica assegurado que os participantes desse estudo não sofrerão nenhum risco e desconforto. Os dados obtidos serão mantidos em absoluto sigilo e utilizados somente para fins de pesquisa. Sua participação NÃO É OBRIGATÓRIA. O Sr.(a) tem total liberdade de, a qualquer momento, desistir do projeto. Certos de contarmos com a colaboração necessária para a concretização desta investigação, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos Liamara Schwarz.

E-mail: liascavel@hotmail.com Telefone: (45) 9961 1044.

Maurício Roberto da Silva

E-mail: mauran@uol.com.br telefone: (48) 338 4510

Assinaturas: _____
Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva Prof. Liamara Schwarz
Pesquisador responsável Pesquisador principal

CONSENTIMENTO (escreva o nome completo e legível)

Eu, _____, declaro que fui esclarecido sobre o estudo “**O significado da disciplina “Lazer e recreação” no âmbito do currículo da licenciatura em Educação Física nas universidades estaduais do Paraná**”, e concordo de modo voluntário a fazer parte da pesquisa e que os meus dados sejam utilizados no estudo.

Atesto também, o recebimento de informações, necessárias a minha compreensão do estudo.

_____ de _____ de 2006.

Assinatura: _____ RG: _____

UNIVERSIDADE 1
PROGRAMA DE DISCIPLINA

Disciplina: RECREAÇÃO	Código:
Carga Horária: 68 aulas	Turmas: 2.º ano
Ano Letivo: 2006	
Professor (a):	
Curso: EDUCAÇÃO FÍSICA – Licenciatura	

EMENTA

Evolução histórica da recreação; o recreacionista (lideranças, espírito recreativo); atividades rítmicas (danças, brinquedo cantado); recreação supervisionada; recreação ocupacional (desenho, recorte, pintura); atividades culturais; jogos; atividades de massa; lazer; trabalhos escolares (atendimento à comunidade).

OBJETIVOS

Capacitar o acadêmico para o conhecimento teórico/prático dos aspectos pedagógicos da Recreação; conscientizar o acadêmico do valor, finalidade e características da Recreação; vivenciar a Recreação para seus diversos níveis de interesse, avaliando o significado da experiência recreativa na promoção do professor de Educação Física; desempenhar a função de recreador na orientação e execução dos programas de recreação escolar e comunitária; possibilitar uma relação interdisciplinar entre Educação Física e outras áreas; despertar interesses na execução das atividades que envolvam a ginástica, dança, jogos resgatando o lúdico nas brincadeiras.

Objetivos específicos

Analisar a evolução histórica da Recreação; estimular o gosto pela atividade recreativa; identificar diversas formas de atividades aplicadas à Recreação; explorar a criatividade do aluno, oportunizando as expressões individuais e movimentos criativos; identificar a importância da história, teatro e dramatização na Recreação; propor atividades ocupacionais como desenho, recorte, pintura, etc.; vivenciar noções rítmicas através de atividades recreativas; explorar possibilidades de movimentos através da ginástica, dança e jogos.

Conteúdo Programático

Históricos: recreação através dos tempos – ontem/hoje/amanhã; Conceito: finalidade, objetivos e formas da recreação; recreação de acordo com faixas etárias, pré-infância, adolescência, adulto e 3º idade; liderança em recreação; recreacionista: personalidade, espírito recreativo; aplicação prática deste estudo.

JOGOS: conceito, histórico, objetivo, vantagens, desvantagens, valor educativo; classificação de jogos quanto as dificuldades, funções gerais e específicas sua organização e tipos de jogos, diferença entre jogos e brincadeiras, jogos de salão, livre, grupo, individual, jogos, pré-desportivos e como explorar o material de sucata; aplicação prática deste estudo.

RITMO: Histórico – conceitos – objetivos – classificação; música – canto – dança – folclore – cantiga de roda; brinquedo cantado – valor educativo – procedência, processo pedagógico – bandinha, aplicação prática deste estudo.

ATIVIDADES CULTURAIS: história, conceito, objetivo, finalidade da história em recreação

valor educativo da história; teatro, fantoches, marionetes, cinemas, pantominas; aplicação prática deste estudo.

RECREAÇÃO LIVRE, ORIENTADA, DIRIGIDA, SUPERVISIONADA: parques, ruas de recreio, colônia de férias, gincanas, visitas com atividades recreativas em Asilos, creches, etc.; acampamento e acantonamento; recreação ocupacional, pintura, recorte, colagem, desenho, dobraduras, modelagem, aplicação prática deste estudo.

ATIVIDADES DE MASSA: lazer – recreação – comunidade; histórico, conceitos, objetivos, diferença, importância, necessidade, situação do lazer no Brasil; micro e macro ginástica, atividades formais e não formais, diferenças entre esporte de alto nível e de massa; aplicação prática deste estudo.

Avaliação

Processo de avaliação. A avaliação será uma durante todo o processo ensino-aprendizagem da primeira a última aula do período letivo. O professor observará as reações e desempenho dos alunos frente às proposições, se a tarefa é ou não adequada e se apresenta nível de dificuldade que leve o aluno à construção de novos mecanismos para a superação de problemas. Cabe lembrar ao professor que mais importante do que medir é elaborar uma proposta para o aluno com o maior número de experiências e que os parâmetros são variáveis segundo o tipo de prática e o histórico pessoal dos alunos. O problema da aprendizagem está em detectar: o limite de aprendizagem (o que esperar dos alunos, que limite para cada um); qual a tolerância que devemos ter com relação aos erros (lembrar que erro é algo imposto culturalmente) quantos erros será tolerável até que aconteça o acerto; os níveis de dificuldade estabelecidos até que se adquira um novo platô (reequilíbrio). Tanto professor como aluno, nessa concepção terão uma visão crítica de seu trabalho conjunto e a oportunidade de rever (realimentar) o processo, oportunizando a toda a apropriação e ampliação do saber científico sistematizado, através de diálogo, observação, auto-avaliação, testes, avaliação, testes, avaliação em grupo, etc.

SISTEMA DE AVALIAÇÃO

1º SEMESTRE

Verificação dos conhecimentos aprendidos, tanto teóricos como práticos através de exercícios; participação e assiduidade nas atividades com apresentações coerentes e fundamentadas; utilizar de criatividade e diversificação nas técnicas didáticas (0 a 10); elaborar um dossiê com todos os documentos dos assuntos pesquisados e as atividades práticas realizadas; efetuar a leitura de 2 autores indicados pelo professor completando com uma resenha crítica dos mesmos.

2º SEMESTRE

Verificação dos conhecimentos aprendidos, tanto teóricos como práticos através de exercícios; participação e assiduidade nas atividades com apresentações coerentes e fundamentadas; utilizar de criatividade e diversificação nas técnicas didáticas; elaborar um dossiê com todos os documentos dos assuntos pesquisados e as atividades práticas realizadas; efetuar a leitura de 2 autores indicados pelo professor completando com uma resenha crítica dos mesmos.

Bibliografia complementar

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação lúdica: técnica e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1987.

- AMARAL, Cleusa do Nascimento. Subsídios para educação física de 1 a 4 séries do 1º grau. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CAVALCANTI, Kátia Brandão. Esporte para todos. São Paulo: Ibrasa, 1984.
- CAVALLARI, Vinícius R. e ZACHARIAS, Vany. **Trabalhando Com Recreação**. 5ª ed., São Paulo, SP: Ícone, 2001.
- COSTA, Lamartine Pereira. Teoria e prática do esporte comunitário e da massa. Rio de Janeiro: Palestra, 1981.
- CUTRERA, Juan Carlos. **Técnicas de Recreación**. Argentina: Stadium, 1985.
- DIEM, Liselott. Os primeiros anos são decisivos. Rio de Janeiro: Ediouro, p.123, 1980.
- FERREIRA, Vera L.C. Prática da educação física no 1º grau. São Paulo; Ibrasa, 1989.
- GUERRA, Marlene. Recreação e lazer, 6 ed. Porto Alegre: Sagra, 1982.
- KRAMES, Sonia. Infância e Educação Infantil. Campinas/SP: Papyrus, 1999.
- MAC GREGOR, Cyntia. 150 jogos não – competitivos para crianças/Todo mundo gauba. Ed. Madras. São Paulo.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Educação. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- _____.(org.). Lúdico, Educação e Educação Física. Ijuí -RS, Unijuí, 1999.
- MARINHO, Inezil Penna. Educação Física recreativa e jogos. 2 ed. São Paulo: Cia. Brasil, 1971.
- MELO, Veríssimo de. Folclore infantil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.
- MIRANDA, Nicanor. Organização das atividades da recreação. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

UNIVERSIDADE 2

PROGRAMA DE DISCIPLINA

Disciplina: TEORIAS DO LAZER	Código:
Carga Horária: 102 aulas	Turmas: 3.º ano
Ano Letivo:	
Professor (a):	
Curso: EDUCAÇÃO FÍSICA – Licenciatura e Graduado/Bacharelado	

EMENTA

Significado e entendimento de lazer na sociedade capitalista, assim como suas relações com as categorias trabalho e educação.

OBJETIVOS

Estimular as análises entre lazer, trabalho e educação, trazendo às discussões, o entendimento de lúdico e o significado de tempo na vida humana;

Propiciar meios para a análise da diferenciação entre os significados do lazer na sociedade capitalista e as necessidades unilaterais do ser humano;

Oferecer opções para análise e articulação do lazer com classes, gêneros e geração, relacionando com os seguintes temas: lúdico, tempo livre, comunidade, políticas públicas e natureza;

Promover estudos, debates, encontros e estágios que possam contribuir para o crescimento intelectual e profissional do acadêmico.

PROGRAMA

- Relevância dos aspectos históricos e políticos do lazer e do tempo livre
- Fundamentos teóricos do lazer
- Aspectos históricos do tempo livre
- “Teorias” do lazer: funções, conceitos e classificações.
- Análise da importância do lazer e sua relação com o mundo do trabalho
- Estudo das relações entre os significados e entendimento do lazer na sociedade capitalista e na cultura contemporânea
- Lazer, Educação Física e estilo de vida.
- A realidade escolar frente ao mercado liberal e as práticas profissionais em lazer e recreação.
- A formação profissional
- Práxis (teoria/prática) em lazer
- Análise de situação e resolução de problemas pela pesquisa/intervenção
- Aplicabilidade dos estudos em lazer ao cotidiano acadêmico/profissional
- Noções básicas sobre as gerações e suas relações com o lazer e com a recreação
- Jogo – Funções, importância, criação e classificações.
- Liderança Recreacional
- Tecnologia Alternativa
- Brincadeiras Cantadas
- Noções básicas sobre a relação entre lazer e natureza
- Vivências lúdicas no contexto acadêmico e comunitário: Atividades circenses, Empapelamento, Origami, Brinquedos populares e outros.
- Noções sobre a utilização de recursos existentes para a prática do lazer e suas relações com a política pública.

- Discussões atuais sobre os estudos do lazer e suas relações com o mundo do trabalho e educação.
- Produção do conhecimento no lazer/Educação Física no Brasil
- Lazer em sociedade
- Visões funcionalistas
- Espaços e equipamentos
- O lazer no âmbito municipal
- Estágios curriculares na área de lazer e da recreação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

WAICHMAN, Pablo. (1997). **Tempo Livre e Recreação**: Um desafio Pedagógico.

Campinas: Papirus.

WERNECK, Christianne. (2000). **Lazer, Trabalho e Educação**: Relações Históricas, Questões Contemporâneas. Belo horizonte/MG: Ed. UFMG; CELAR-DEF/UFMG.

PADILHA, Valquíria (2003). Se o trabalho é doença, o lazer é remédio? In MÜLLER, Ademir e DACOSTA, Lamartine Pereira (Org.). **Lazer e Trabalho** – Um único ou múltiplos olhares? Santa Cruz do Sul/RS: Edunisc, 2003. p. 243-266.

SILVA, Maurício Roberto da. (2003). **Trama Doce-Amarga**: (exploração do) Trabalho Infantil e Cultura Lúdica. Ijuí: ED. Unijuí. São Paulo: Hucitec.

MARCELLINO, Néelson Carvalho. (1995). **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus.

PROGRAMA DE DISCIPLINA

Disciplina: LAZER E RECREAÇÃO	Código:
Carga Horária: 90 aulas	Turmas: 4.º ano
Ano Letivo: 2005	
Professor (a):	
Curso: EDUCAÇÃO FÍSICA – Licenciatura	

EMENTA

Estudos referentes ao Lazer e a Recreação a partir de abordagens filosóficas e sociológicas, privilegiando os conteúdos culturais físico-esportivos, buscando um entendimento interdisciplinar, na construção de propostas lúdicas na Educação Física formais e não formal junto à comunidade escolar.

OBJETIVOS

- Contribuir para o entendimento do lúdico, da recreação e do lazer nas suas relações com a Educação Física no âmbito escolar e suas implicações com o processo educativo do ser humano.
- Propiciar conhecimentos para a atuação do profissional da Educação Física enquanto animador sócio-cultural, na construção de propostas lúdico-recreativas no tempo de trabalho e de lazer no âmbito de instituições educacionais públicas e privadas;
- Proporcionar experiências no planejamento, organização, execução e avaliação de atividades, programas e projetos de lazer e recreação para a comunidade escolar e universitária.

Conteúdo Programático

- Abordagem conceitual sobre lúdico, recreação, tempo livre e lazer e suas relações com a Educação Física.
- Fundamentação pedagógica do lazer: conceitos, variáveis, características básicas, conteúdos culturais; gêneros, níveis; valores;
- Conteúdos Culturais de Lazer: artísticos, manuais, intelectuais, turísticos e sociais do lazer, com ênfase nos físico/esportivos.
- Atuação do professor de Educação Física enquanto profissional do lazer e da recreação no âmbito escolar e universitário:
 - A aula e a escola como espaço para o “jogo do saber com sabor:” relações existentes entre educação, lúdico, recreação e lazer;
 - A escola como espaço e equipamento não específico de lazer e recreação.
 - Aspectos e etapas que compõe o planejamento na recreação e no lazer;
 - Atuação pedagógica crítica e criativa nas atividades, programas e projetos de lazer.

- Pedagogia da animação: fundamentos para a ação e participação cultural na comunidade escolar;
- O duplo aspecto educativo do lazer e suas implicações com o processo educativo do ser humano;
- Subsídios para a Administração e Gerenciamento do Lazer em Instituições Educacionais:
 - Planejamento, organização, execução e avaliação de atividades, programas e projetos de recreação e lazer no âmbito escolar e universitário.

Metodologia

- Aulas expositivas a partir de temas problemas;
- Aulas expositivas a partir de leituras prévias;
- Seminário textual;
- Estudos em grupo na análise, reflexão e discussão de temáticas.
- Desenvolvimento e análise de atividades e programas lúdico-recreativos;
- Orientação e supervisão no planejamento, organização, execução e avaliação de programas de recreativos.

Avaliação

- 1º Bimestre:
- Atuação e participação nas aulas/Síntese de Texto/Trabalho.....Peso 50
 - Prova teóricaPeso 100;
 - Construção e apresentação individual de um Brinquedo Popular..... Peso 50;
- 2º Bimestre:
- Prova teórica.....Peso 100;
 - Planejamento, organização e desenvolvimento individual de duas brincadeiras ou jogos para um Programa de Lazer ou Recreação (a definir).....Peso 100;
- 3º Bimestre:
- Prova teórica.....Peso 100;
 - Planejamento, organização, execução e avaliação de um programa recreativo e de lazerPeso 50.
 - Atuação e participação nas aulas/Síntese de Texto/Trabalho.....Peso 50
- 4º Bimestre:
- Planejamento, organização, execução e avaliação de um programa recreativo (interno)Peso 50.
 - Atuação e participação nas aulas/Síntese de Texto/Trabalho.....Peso 50
- Observações:

- Todas as avaliações serão norteadas por critérios, os quais serão antecipadamente apresentados, analisados, e aprovados pelos alunos.
- As avaliações de cada bimestre serão somadas e divididas resultando a nota final de cada bimestre.

Bibliografia básica

- CAMARGO, Luiz O. de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, Nazaré C. Lúdico: sujeito proibido de entrar na escola. In: **Revista Motrivivência** – O Jogo e o Brinquedo na Educação Física. Santa Catarina; UFSC, Ano VIII, nº. 09, Dez. 1996.
- CAVALLARI, Vinícios R. e ZACHARIAS, Vany. **Trabalhando Com Recreação**. 5ª ed., São Paulo, SP: Ícone, 2001.
- CUTRERA, Juan Carlos. **Técnicas de Recreación**. Argentina: Stadium, 1985.
- MACHADO, Marina M. **O Brinquedo-sucata e a Criança: a importância do brincar, atividades e materiais**. São Paulo, Loyola, 1994.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- _____. **Lazer e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- _____. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas – SP: (Coleção Educação Física e Esportes), Autores Associados, 1996.
- _____. (org.). **Lúdico, Educação e Educação Física**. Ijuí -RS, Unijuí, 1999.
- _____. (org.). **Repertório de Atividades de Recreação e Lazer**. São Paulo: Papyrus, 2002.
- PARANÁ. Fundação de Esporte e Turismo. Diretoria de Esporte. Gerência de Esporte Participação. **Esporte Popular: Proposta de Programa para Órgãos Estaduais e Municipais**. Curitiba, PR: Imprensa Oficial, 1990.
- PIMENTEL, Giuliano G. de O Lazer: **Fundamentos, Estratégias e Atuação Profissional**. Maringá: Bertoni, 2002.
- SANTIN, Silvino. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. 2 Ed. Porto Alegre: Edições EST/ESEF – UFRGS, 1996.
- SCHWARTZ, Gisele M. (org). **Dinâmica Lúdica: Novos Olhares**. Barueri, SP: Manole, 2004.
- SCHWARTZ, Gisele M. (org). **Educação Física no Ensino Superior: Atividades Recreativas**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2004.
- MEC. **Caderno Pedagógico de Recreação**. Paraná, 1987.
- WERNECK, Christiane e ISAYAMA, Hélder F (orgs). **Lazer, Recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Bibliografia complementar

- BRUHNS, Heloisa Turini. Relações entre educação física e o lazer. In: **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas SP, UNICAMP, 1997.
- CAMARGO, Luiz O. de Lima. **Educação para o Lazer**. Editora Moderna.
- DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SELAZER/SESC, 1980.
- Coletânea de Autores. Encontro Nacional de Recreação e Lazer-ENAREL. 1999, 2000, 2001, 2002, 2003.
- MARCELLINO, Nelson C. (Org.). **Lazer: Formação e atuação profissional**. Campinas-SP: (Coleção Fazer/Lazer), Papyrus, 1995.
- Revista Licere. Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR. Belo Horizonte: Escola

de Educação Física da UFMG, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003.

WERNECK, Christiane. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte, MG: Ed.UFMG;CELAR-DEF/UFMG, 2000.

ENTREVISTAS

Universidade 1

1- *O que é lazer?*

São as ocupações que você realiza no seu tempo livre, pode ser caracterizados como atividades espontâneas, criativas, trabalho, sociabilização e integração. Fora do tempo de trabalho. São atividades que dão prazer.

2- *O que é recreação?*

São as atividades propriamente ditas que você realiza dentro do tempo de lazer. Eu separo tempo total da vida de uma pessoa, que é o tempo do trabalho, lazer, sono, alimento e dentro desse tempo livre pode acontecer o lazer. Eu vejo atividades para descontrair, alegrar, e a recreação seriam as atividades.

3- *O que é trabalho?*

É o tempo que se destina para **produzir**.

4- *O que é Tempo livre?*

É o tempo que você tem disponível para fazer **atividade espontânea**, disponível após o trabalho, trabalho de casa, tarefas. “Eu tenho”. É assistir um filme, ler, **atualizar**, dar uma caminhada, fazer atividades, brincar com as crianças no tempo que você tem disponível.

5- *Qual a importância da disciplina recreação e lazer no âmbito do **currículo** e da **formação humana** em relação às outras disciplinas?*

É através dela que você vai trabalhar atividades, trabalhar todo o **desenvolvimento** da criança: afetivo, cognitivo, social, sociabilidade, **integração**, relacionamento.

Outro diferencial da disciplina é pode trabalhar a atividade de forma **lúdica** e pode ajudar no processo **ensino-aprendizagem**.

6- *O que entende por “atividade/prática recreativa” e quais os objetivos destas para o processo de formação humana dos estudantes?*

Jogos, brincadeiras, o professor de educação vai trabalhar com as atividades recreativas em hotéis, lar de idosos, escolas.

São fundamentais, e se ele for profissional da recreação ele precisa saber os objetivos de cada atividade, não só aplicar, ter um embasamento teórico, saber por que está fazendo aquilo.

7- *O papel da Universidade em relação aos conceitos de lazer, tempo, livre, trabalho e recreação, seria na perspectiva da reprodução ou desconstrução do senso-comum?*

Desenvolver o processo **ensino-aprendizagem** sobre as atividades, sobre o que está fazendo, não que não seja importante o **lúdico**, o **divertimento** que as atividades proporcionam; os objetivos, mas você pode ligar as atividades com outros objetivos, trabalhar a **criatividade**, o **senso crítico**, saber o porquê está fazendo aquilo.

UNIVERSIDADE 2

1- *O que é lazer?*

É uma **manifestação histórica social**. Toda às vezes em que se fala em Lazer, hoje, existem **interesses políticos e econômicos** atrelado aos valores históricos que foram se formando no decorrer da história. Então, atualmente, lazer são as **atividades** que são feitas dentro do **tempo humano**, seja dentro do **tempo de lazer**. Trabalho um tempo das divisões que o homem coloca dentro do mês, das 24 horas, ou dentro do mês ou do ano que serve para dividir esse tempo.

E que, a partir disso, pode ser feito em qualquer instância, qualquer forma, porque essa sociedade atual, em que a gente vive ela traz essas concepções de lazer que vão se formando

no decorrer dos anos e que serviram para entender quando se fala de lazer sobre determinadas **regras** determinados, **valores** e determinados **paradigmas** inclusive.

Então, eu acredito que hoje, lazer é esse conjunto de relações políticas econômicas, atreladas a essas questões históricas fazem com que entenda lazer ligado aos interesses dessa sociedade que é capitalista. O lazer traz essa concepção de interesse voltado ao **mercado de trabalho, mercado produtivo**, a realidade produtiva da humanidade. Não há como, pelo menos para mim, dissociar o entendimento de lazer a sociedade capitalista. Então poderia estar colocando outra denominação para lazer, a denominação desse lazer da sociedade capitalista e outra que ainda não conseguiu alcançar. Então, só para entender o que poderia ser só fazendo com que essa sociedade seja superada. Daí pode, então, criar uma nova forma de entendimento de algo relacionado a esse lazer que a gente entende e que a sociedade capitalista entende como lazer após trabalho, e alguns autores utilizam como lazer em um **tempo** ou **sustentado pela atitude**, e que eu não acredito em nenhuma delas porque eu acredito que o lazer em todas as estâncias vai estar articulado pelos interesses capitalistas. Logo, não importa se é tempo, se é atitude, se é comportamento, se é psicoterapia, se é qualquer outro patamar de sustentação do lazer. Ele vai estar sempre **oprimido** pelas relações capitalistas.

2- O que é trabalho?

Quando se fala em trabalho há de se remeter as **questões históricas**, então inicialmente o trabalho é uma ação inerente humana, que serve para a **transformação da natureza**, na minha concepção. Baseado nisso a gente percebe que o trabalho também traz mudanças no decorrer da história na humanidade. Então é necessário entender o que é trabalho. Nós temos o trabalho humano dentro desse conceito histórico, dentro da evolução histórica do homem que chamamos de trabalho concreto. E também nós temos o trabalho que foi transformado de acordo com as superações históricas, que se denomina **trabalho abstratos**. Esses dois tipos de trabalho são sustentados pela história da humanidade; podemos defini-los bastante diferentes, como senão completamente antagônico. Hoje, percebe-se que o **trabalho concreto** não existe, até porque ele existia numa época em que a sociedade tinha determinados valores e paradigmas que foram quebrados, rompidos ou sustentados e fizeram com que o trabalho abstrato fosse adotado pela humanidade e, através deste decreto, num entendimento de trabalho, onde se entende trabalho ao trabalho assalariado, que o senso-comum até tem passos comuns, de pessoas mais críticas, também entendem trabalho dessa forma.

Quando se fala em trabalho, se fala em trabalho abstrato. Ele se tornou essa categoria, ele pertence há essa categoria, por causa dos interesses. A meu ver, eles transformaram também os valores do trabalho assim como do lazer.

3- Relacionando trabalho, lazer e tempo livre.

Uma relação bastante complexa, principalmente porque todos eles trazem valores. Os valores é que na verdade fazem-nos temer alguma coisa, sentir-se impelido de enfrentar alguma coisa, superar algo, então são esses valores que foram sendo formados na humanidade, que tornaram as relações nessas categorias: trabalho, tempo livre e lazer como **moldadas aos interesses atuais da sociedade humana**. Quem fez essa sociedade foram os próprios homens, então sendo ela que produz esses próprios valores, esses próprios entendimentos, inclusive essas próprias categorias que quando se fala dessas categorias, pode-se entender que elas não foram criadas pelos homens e sim apropriadas por eles nessa atual circunstância social. Assim, percebe-se que o entrelaçamento dessas categorias só vai ocorrer a partir do momento que a sociedade tiver os mesmos valores para os três, porque se ela tiver alguns valores **antagônicos**, uma vai negar a outra, uma vai fazer com que uma se distâncie

da outra. Então, o lazer passa a ser diferente do trabalho. Onde existe lazer não vai haver trabalho. E, baseado nisso, essa sociedade traz a conjunção desses três.

4- *O que é tempo livre?*

Tempo livre na verdade é um desdobramento das próprias **ações do trabalho abstrato**, então ele faz parte do **trabalho abstrato**. Mas é um trabalho que você não está efetuando no ato da ação da produtividade; o momento em que você está executando uma ação que não é produtiva direta, mas ela está sendo produtiva indiretamente, ou seja, durante esse tempo livre você está se refazendo para descansar, para que depois você continue o trabalho de produzir mercadorias, sejam elas quais forem eu vejo tempo livre nessa **categoria**, nesse âmbito.

RECUPERAÇÃO

De **recuperação** para o trabalho, veja bem o que eu falo dentro dos valores do trabalho abstrato, então assim, se for considerar o entendimento de tempo livre ele vai ser entendido ou compreendido dentro dos valores do trabalho abstrato. Se colocar trabalho concreto, por exemplo, tempo livre e lazer eles não existem, eles já não fazem parte desse rol de categorias que sustentam o trabalho abstrato. Então, dessa forma, quando se fala em tempo livre e lazer, em minha opinião, estão falando de trabalho abstrato é o pai dos dois, do lazer e tempo livre. A partir desse aí é que forma o entendimento e as ações humanas nesse tempo livre e nesse lazer, para daí se definir o que vai ser da vida humana.

5- *O que é recreação?*

Entra como mais um **subterfúgio da forma de distração** para a humanidade. Visto aí há onipresente carga de assolamento humano que o trabalho oferece no dia-a-dia para as pessoas. E, baseado nisso, há necessidade de criar, socialmente falando, um mecanismo que possa equilibrar todas essas nuances que eu disse. A partir disso, a própria humanidade começar a buscar caminho para essa atividade ao invés de ir contra o trabalho abstrato que a fazia cair em desequilíbrio. A humanidade começou a procurar algo que pudesse **equilibrar**, mas sem mexer com o trabalho abstrato e isso acabou de fortalecer ainda mais o trabalho abstrato. Os mecanismos, eles foram pensadamente propositadamente formados para fazer com que o homem fosse conformado com esse trabalho, com esse assolamento da sua vida.

A recreação ela acaba sendo esse **mecanismo** ideal, é como se fosse mais uma engrenagem perfeita para não se mexer na categoria abstrata ou nem sequer questioná-la, ou mal sequer entender, porque é entendendo que eu posso questionar, ou que eu posso mudar, só posso superar alguma coisa a partir do que eu conheço. A recreação, ela acaba se formando nesse sentido de tornar as **coisas submissas**.

6- *Qual a importância da disciplina recreação e lazer no âmbito do currículo e da formação humana em relação às outras disciplinas?*

Dois pontos básicos no **currículo** dizem respeito, principalmente numa **instituição de ensino superior**: à **formação profissional** e a **formação humana**. Claro que a formação profissional e a formação humana estão presentes em qualquer âmbito, principalmente superior, porque ao mesmo tempo em que nada mais é importante do que o homem que está sendo formado profissionalmente; como um espaço de tempo técnico para que esse humano possa continuar sendo humano para ser o profissional. Mas na verdade percebe-se que isso não ocorre, ou é um ou é outro, ou é a formação humana ou a profissional. Baseado nisso, vejo que a formação humana é o homem sendo formado no decorrer da sua história, na evolução humana. Toda parte histórica é o ser humano. E eu vejo que a formação profissional nega um pouco os valores humanos nessa sociedade formada, ela nega o homem e ela valoriza a coisa. Então, tudo o que se forma profissionalmente está sendo voltado na etapa trabalho, ou seja, o homem está sendo formado para tornar-se coisa. Então, a formação

profissional e a formação humana, nesse âmbito, se tornam opostas, antagônicas. Elas vão para caminhos opostos. É impossível, em minha opinião, formar homem e coisa ao mesmo tempo. Ou você forma um, ou você forma outro.

7-Formação humana e formação profissional?

Baseado nesse entendimento de formação humana e formação profissional que são antagônicos e opostos vêm instituições voltadas para estar formando o que se fala em **formar o homem**, mas esse homem voltado ao **mercado de trabalho**, ou então você vai para uma universidade, para o ensino superior com o objetivo de capacitar tecnicamente para atuar num mercado profissional. Você não vai num curso de medicina aprender sobre geneceria, por exemplo, é mais uma evidência de você vai para aprender conteúdos técnicos que você pretende trabalhar, ou seja, atuar no mercado de trabalho. Então a formação em determinados cursos, não de todos os cursos de graduação, é capacitar você para o mercado de trabalho. Sendo assim, a disciplina de recreação e lazer entra como mais um **formador**. Ela está formando o **educador físico** e entra como uma faceta dessa formação que é profissional, que ela tem esse entendimento contra o bom e ela acaba formando um **técnico que** possa se beneficiar dessa formação profissional na vida lá fora, ou seja, beneficiar-se é sobreviver onde ele vai encontrar o que ele gosta ou o que ele quer fazer para poder **sobreviver**, para ele poder **trocar sua força de trabalho** para os mecanismos de subsistência e sobrevivência. Então a disciplina entra nessa concepção. É a disciplina de recreação e lazer, só que ela deve formar profissionalmente ou humanamente. É impossível falar através da disciplina lazer e recreação. Eu acredito que essa seja a minha proposta atualmente, é tentar descobrir uma fórmula de diminuir o profissional e aumentar o humano. Mas é impossível, pois os alunos cobram muito disso diariamente. Para que eu quero ser? Para que estão fazendo a disciplina? É a primeira pergunta. Qual a expectativa de vocês? O que eles querem? Aí vão fazer o curso de educação física. Daí caiu na disciplina teorias do lazer ou de lazer e recreação, são aí que eles querem aprender **jogos e brincadeiras**. E eu percebi que a maioria no final do ano, quando você visa o humano eles reclamam, eles querem as **técnicas, jogos** e com razão, porque é o que vai os fazer sobreviverem lá fora. Só que há um esquecimento muito grande, ou a falta de conhecimento, de que o humano que está lá fora, a medida de que ele é mais humano, ele vai conseguir transgredir e, de repente confrontar muita coisa lá fora. Caso contrário, quanto mais ele profissionalmente se forma **acrítico**, mais eu vou ser, em minha opinião, porque o profissional enfatiza o mercado de trabalho, sabe que está ligado ao trabalho abstrato que anula o homem e faz o homem virar coisa.

MAS É O QUE ELES PROCURAM, ELES QUEREM SÓ BRINCADEIRAS?

Por isso eu busco a questão do **romper a linha da vida**, ela está num momento onde os **valores**, as **regras** que ele viveu, ele acredita que aconteça de uma forma e acredito que o ensino superior deva quebrar essa linha da vida, **torcer o galho** para que a árvore cresça em outra direção. Se o papel da Universidade, eu não vejo o objetivo de estar criando ensino superior, basta criar cursos técnicos como o SENAC, que vem fazendo ou o SESC vem fazendo, formando pessoas técnicas.

8-O papel da Universidade em relação aos conceitos de lazer, tempo, livre, trabalho e recreação, seria na perspectiva da reprodução ou desconstrução do senso-comum?

A linha da vida que eu pretendo fazer é quebrar, fazer a **desconstrução** total de valores e **quebrar paradigmas**. Se a universidade não tem esse papel ela cai num curso técnico e, às vezes, é preciso falar isso para os alunos. Eles vêm com a expectativa de manter a linha da vida e se esse momento não for quebrado no ensino superior, não vai mais ser quebrado em nenhuma outra, porque logo em seguida, quando ele sai do ensino superior, ele volta para o **mercado de trabalho**, que é um entendimento do **conformismo** da vida para que

haja manutenção do equilíbrio social atual, e daí ele não vai ter **ruptura** nenhuma, não vai ter nenhuma outra estância de desconstrução do ser social. É um único espaço para isso, e isso consiste em um novo entendimento e várias compreensões. Não adianta você criar um curso superior e dizer que ele tem **novas compreensões** de vida sendo que ele forma para o mercado de trabalho. Isso para mim não é romper visão nenhuma na sociedade, pelo contrário é fortalecer. Então, em minha opinião, se você quer romper alguma coisa você tem que ir **contra essa sociedade** que está aí, daí é romper, caso contrário não vai romper nada, vai ser um enlaço quando avança e fica se divertindo, indo prum lado e para outro, só que está sempre preso às regras sociais. Romper para mim diz respeito a ir contra ao que está atualmente.

9-O que entende por “atividade/prática recreativa” e quais os objetivos destas para o processo de formação humana dos estudantes?

Eu não utilizo muito esse termo, até porque eu tento diminuir ou reduzir a palavra recreativa, uma vez que o meu objetivo é formar o humano e **a recreação, ela forma a coisa**, em minha opinião. Eu vejo assim, o entender como atividade prática dentro dos conteúdos do lazer que me propus a trabalhar, por exemplo, a idéia dos conteúdos do lazer. Então essas atividades que considero dentro da disciplina que são atividades voltadas dentro da **formação humana e dentro da formação profissional**, como são diferentes, então, eu trabalham as atividades dentro da complementação.

Esses conteúdos, atividades para formação humana e a atividade profissional eu tento deixar bem claro para os alunos como ela acontece. Exemplos de atividades para a formação humana são aquelas que fazem ele entender esse **processo de ruptura**. Eu utilizo muito isso para **dinâmicas lúdicas**. Como dinâmicas lúdicas e as outras atividades recreativas por si só, que já conhecemos, dão possibilidade de atuação no mercado de trabalho; alguns **estágios** que eles executam na **comunidade** vão servir a esse propósito de **compensar** para que as pessoas vão lá e se divirtam e voltem para casa e continuem a realidade delas sem mudar nada, **sem nenhum contato crítico** com os conteúdos sociais. Algumas atividades voltadas ao **jogo/lúdico**, podem-se dizer assim dentro da ludicidade que o sistema exige, **bets, pular corda**, atividades que em princípio foram populares, dá **impossibilidade de transgressão**, mas que depois acabam caindo no mesmo e daí eles vão simplesmente para lá jogar vôlei. Atividades voltadas ao esporte de rendimento e toda uma preparação, para isso eu posso capacitar o meu aluno. Justamente para ele se tornar um expert nisso. Ele consegue fazer **eventos na praça**, ele faz atividades na praça para crianças, **eventos na escola**. Isso para mim são **práticas pedagógicas** do lazer e você pode chamar de atividades práticas recreativas e que vai fazer com que ele seja um sujeito pertencente a essa sociedade, porque ele vai atender justamente o que ela quer desse profissional coisa que ela quer formar. Ou seja, alguém que não questiona nada, mas simplesmente executa as atividades recreativas, tendo como atividades humanas as atividades que servem para contrariar isso e que não tem muito íbope, porque as pessoas, por exemplo, não querem assistir aos filmes com crítica ao próprio sistema. Elas não querem se reunir para discutir ou debater um tema, elas não querem, por exemplo, sentar e **discutir** os valores do esporte, porque ele foi criado, as concepções de homem inseridos no lazer, no tempo de não trabalho e do lazer, não querem discutir isso, porque isso diz respeito a quebrar valores, quando não estão nem preparados para quebrar esses valores. Pelos alunos, a necessidade de você estar lá no trabalho é muito intensa e daí entra a **carga horária da disciplina**. Se você tiver uma carga horária menor de 100 horas é praticamente impossível iniciar esse processo em minha opinião. Então é necessário você ter uma disciplina que tenha as **disciplinas auxiliares**, como no caso aqui na universidade tem Fundamentos a Educação Física I no 1º ano, Fundamentos da Educação Física no 2º ano que trabalham essas questões filosóficas também do tempo livre e da formação histórica da

humanidade, e daí entra **teorias do lazer** no 3º ano, então já há uma sustentação. O aluno chega com paradigmas que foram ameaçados ou iniciados a serem quebrados anteriormente e daí fica muito mais fácil romper com isso, na verdade com esse hímen que se encontra bastante sólido.

AS PESSOAS TÊM RESISTÊNCIA A MUDANÇA, TEM MEDO?

É porque elas estão querendo se formar profissionalmente, porque elas chegam à universidade com essa visão de continuar os valores e não quebrar os valores e quando você ameaça uma mudança, ela cria resistência, infelizmente.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA?

É um processo que está acontecendo muito, mas é difícil trabalhar dessa forma do que com as atividades recreativas, dar **joguinhos ou receitas** ou você passa sua experiência. Quando aquela pessoa olha assim, você joga essa atividade, daí você enche o profissional de **dicas e técnicas** que ele sabe o que você quer, se torna bom e valorizado no mercado e atende justamente o que o trabalho abstrato tira dele, é a questão da autonomia, da liberdade. Daí você passa essa **sensação ilusória** quando está brincando de que ele se sente livre e autônomo, de que pode decidir brincar disso ou daquilo, isso são ilusões meramente técnicas de tornar um cidadão conformado. ALIENADO.

UNIVERSIDADE 3

ENTREVISTA 3

1- O que é lazer?

Eu parto do conceito do Marcellino, todo entendimento que eu tenho de lazer é Marcellino. Entendo-o como uma **cultura** no sentido mais amplo praticada, fluida ou conhecido no tempo disponível e tem como traço definidor o processo de **vivência** e a questão do prazer, no momento que as pessoas praticam, assistem, ou então, fazem algo com conhecimento por **prazer e satisfação**.

MAS ESTÁ DENTRO OU FORA DO TRABALHO?

Fora do trabalho, tudo o que tiver todas as atividades que tiver relacionados às **obrigações familiares e profissionais** não se caracteriza lazer mesmo sendo elas recreativas e lúdicas, não se caracterizam lazer, elas são desvinculadas desde que elas não sejam vinculadas as obrigações, seja qual tipo que for.

2- O que é recreação?

Recreação, na verdade, são as **circunstâncias** que regem um determinado **jogo** ou **brincadeira** ou **esporte** que se caracteriza **criativo** com novo vigor, então, na verdade são as atividades.

Essas **atividades** podem acontecer no **tempo de trabalho** como no lazer.

Você está trabalhando na Educação Física, você utiliza das atividades recreativas dentro da Educação Física. Agora, no lazer, elas também são usadas só que elas têm o poder de optar e, na aula de Educação física não. Em princípio elas se caracterizam obrigatórias, elas fazem as pessoas **recriarem, reinventar**.

3- O que é trabalho?

Trabalho é a **obrigação** é a **produção cultural profissional**. Acho que você caracteriza bem. É a profissão **vinculada a um contrato**. Há uma **obrigação**. **É uma profissão**. No caso que eu dou aula é uma obrigação, ela pode ser **prazerosa**, pode ser **lúdico**, pode, mas em primeiro lugar, eu tenho obrigações profissionais em dar essa aula.

SEMPRE A GENTE DIZ QUE QUEM TRABALHA COM O LAZER É PRAZEROSO PARA OS OUTROS E NÃO É LAZER PARA NÓS

É pode ser **prazeroso**, mas é **obrigação**. Eu não tenho o poder de optar de não fazer ou fazer. Agora para quem vivência o lazer não, eles optam decorrente de uma **atitude** a opção favorável no tempo livre deles, pelo prazer e satisfação que promovem aquela atividade pelo processo.

4- *O que é tempo livre?*

Parto do princípio de que se nas sociedades tradicionais as **atividades humanas** se misturam, se confundem, na sociedade moderna, de uma maneira geral, a vida da gente é dividida em **tempo de trabalho**, em **tempo livre** ou em **tempo de não trabalho** e dentro desse tempo livre, temos várias obrigações desde **religiosas, educacionais**, nossos filhos, por necessidade tenho que ir ao mercado, fazer minhas necessidades básicas, obrigações políticas, as obrigações sociais de ir num enterro, participar de uma reunião e assim por diante. E se a gente for inteligente, consegue reservar dentro desse tempo disponível e aí pode optar **pelo ser** dentro desse tempo disponível.

5- *Qual a relação trabalho, lazer e tempo livre?*

Todas essas áreas se relacionam porque são esfera de atuação humana presente na nossa vida. Eu tenho meu trabalho. As características desse trabalho influenciam no lazer. O mesmo lazer envolve trabalho, também é o lazer que envolve o tempo livre. Essas três categorias se interrelacionam, elas tem características próprias. Mas ela se interrelaciona porque o trabalho interfere no meu lazer e vice-versa, e assim o meu tempo livre também.

UM DEPENDE DO OUTRO. TEM AUTORES QUE DIZEM É QUE NO TEMPO LIVRE VOCÊ TEM A RECUPERAÇÃO DO TRABALHO. CONCORDA COM ISSO OU NÃO?

A princípio esses autores eles têm uma visão **funcionalista** do lazer. Na verdade essa visão que é entendida pela maioria dos estudiosos de que, no **tempo livre** se **recupera se compensa o esforço do trabalho**, mas eu entendo que, lógico, essa não vai deixar de existir. No entanto, a gente deveria trabalhar com o lazer que está dentro do tempo livre, particularmente no tempo disponível, a visão mais crítica de que nesse momento o ser humano adquire maior **cidadania**; que ele seja mais feliz, não no sentido de **compensar a associação** do trabalho, porque se uma pessoa é feliz no trabalho, conseqüentemente o lazer dela é mais feliz e vice-versa.

Porque se teu trabalho é chato, tu estás muito descontente no trabalho, vai fazer com que o teu lazer também seja dessa forma. Nós somos um só e essas esferas de atuação humana elas são **interrelacionadas**, não dá para você ser maravilhoso no lazer e, no trabalho, ser infeliz; elas se interrelacionan.

6- *Qual a importância da disciplina recreação e lazer no âmbito do currículo e da formação humana em relação às outras disciplinas?*

Eu acho que ela tem uma importância muito grande, embora ainda resista a vários preconceitos como se fosse **improdutivo**, como se fosse algo sem importância. Eu penso assim: se nós trabalharmos com seriedade essa disciplina, com os alunos, eles vão sair mais capacitados para entender o lazer e a recreação, como coisas importantes, para o desenvolvimento integral do cidadão e não apenas como diversão, e também no sentido deles terem mais subsídios para **planejar** ou **administrar** atividades de programas de lazer.

A recreação, de qualquer forma, não tem critérios fundamentais, como para organizar um acampamento, vai da qualidade tanto no processo de vivência, quanto em produto para os indivíduos serem mais felizes e se desenvolverem atualmente.

MAS TU ACHAS QUE DÁ DIFERENÇA NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO, DELE COMO ALUNO?

Eu acredito que sim, porque essa disciplina, ela tem um particular, ela trabalha a **sensibilidade**, ela trabalha mais o **subjeto** do aluno.

Então ele se torna **mais humano**, ele no momento quanto aluno, ele não vê tanta importância, principalmente porque a Educação Física, as disciplinas que norteiam o eixo principal são as atividades de academia e o esporte de rendimento. Então, é difícil eles compreenderem que o lazer é recreação e ele está relacionado com atividades de academia e com o esporte. Aí eu me pergunto: O que faz as pessoas, num domingo à tarde, irem num estádio ou assistir uma partida de futebol em casa. O **eixo norteador é o lazer**, é o prazer em captar aquela atividade no seu tempo disponível. Aí você terá várias opções. Eu acho que a disciplina, embora a gente tenha várias restrições como carga horária pequena, a **não valorização** dentro da faculdade pelos teus pares, porque eles não têm o entendimento do lazer, que a gente tem, mas aos pouco, consegue-se através de trabalho dentro da faculdade, mostrando essa importância.

7- O que entende por “atividade/prática recreativa” e quais os objetivos destas para o processo de formação humana dos estudantes?

Na verdade eu a entendo como os **conteúdos culturais** trabalhados não só no **nível da práxis**, não só dar a prática, você ministra uma dinâmica de grupo situando ela, da importância dela, o que fazer, porque que são importantes as atividades. Agora, não só dá a atividade pela atividade.

Então, eu acho assim, quando o profissional trabalhar de forma efetiva os conteúdos e não apenas um rol de conteúdos, atividade pela atividade, a gente também vai valorizar a questão do lazer e da recreação.

OS ALUNOS ELES CHEGAM, ELES QUEREM APENAS AS BRINCADEIRAS, ATIVIDADES RECREATIVAS E COMO É QUE VOCÊ TRABALHA ISSO COM ELES?

Eu, geralmente parto da **ação, reflexão, ação**. Vamos dizer que eu tenho uma dinâmica de grupo, trabalho a dinâmica, trabalho o referencial teórico, ou em conjunto num outro momento, e volto de novo à dinâmica de grupo, refletindo sobre o que foi importante e o que não foi importante, se alcançamos os objetivos, o que é fundamental. Por exemplo: para um grupo de 3ª idade, o que é fundamental? Dá para desenvolver essa atividade? Então, na verdade, teríamos que trabalhar com os alunos a práxis do lazer e recreação, ou seja, ação/reflexão, ação.

POR QUE NA VERDADE O QUE O MERCADO DE TRABALHO ESPERA? ELES QUEREM ATIVIDADES, E É ISSO QUE OS ALUNOS EXIGEM DA GENTE.

Eles vão conseguir dar mais importância a sua profissão no momento que souberem se justificar da importância e ali se faz fundamental a reflexão sobre as ações. Elas até podem ser importantes, é só terem o conhecimento das atividades, mas para eles se destacarem, serem diferenciais eles têm que ter esse referencial teórico. Só com a teoria não se consegue e nem só com a prática. É só avaliando as ações, **INTERCALANDO, refletindo e avaliando**.

8- O papel da Universidade em relação aos conceitos de lazer, tempo, livre, trabalho e recreação, seria na perspectiva da reprodução ou desconstrução do senso-comum?

O que predomina é a reprodução, mas o papel dela seria a **desconstrução**.
DE QUE FORMA?

Desconstruindo conceitos através da **reflexão**, através não do bom senso e, pelo contrário, dizer que as coisas não são assim e questionar por que são assim.

ELES CHEGAM À FACULDADE COM UMA IDÉIA, UM PENSAMENTO. TEM GENTE QUE SAI DALI PENSANDO IGUAL.

A questão é o senso-comum que é tão presente, você mudar esse senso-comum não é fácil, depende do indivíduo, porque o **conhecimento** é uma **construção coletiva**.

Eu posso me preocupar com uma aula maravilhosa no sentido de **questionar, refletir**, atuar, mas se o indivíduo não quiser, ele vai ficar no senso-comum, ainda mais se só tiver o básico ali dentro, se ele não ler, não procurar ter suas **experiências na comunidade**: vou tentar, vou errar, ela vai ficar, a professor ta maluca. Por que **medo do diferente**? Ter conhecimento do senso-comum.

MUITO MAIS FÁCIL, TEU DIFERENCIAL, COMO VOCÊ TRABALHA TUA PRÁTICA PEDAGÓGICA, NO DIA A DIA.

Geralmente é nesse viés **ação, reflexão, ação**. Ou o contrário, abordo as teorias em cima de situações problemas, isso eu levei tempo, é tão mais fácil dar as **aulas diretivas**, é tão mais cômodo a gente montar aulas objetivas, a construção do conhecimento é bem mais complexa, você tem utilizado estratégias diferenciadas, **estratégias** que façam ele pensar, mas é possível porque concordo ou não concordo. Você estimula mais a participação do grupo, trazer para a universidade coisas do dia a dia, que são importantes, embora eles vivencie, eles têm uma caminhada nessa área. Eles esperam da gente tudo pronto. É o **assistencialismo**. A questão da **receita**. Quando você tenta **desconstruir** isso, partindo deles, das vivências deles que tragam as coisas de fora para dentro, aí se relaciona à teoria difundida pelos livros, de forma mais complexa.

E VOCÊ JOGA SITUAÇÃO PROBLEMA PARA ELES?

Sim. Por exemplo, agora eu trabalhei um texto sobre brinquedo tradicional, aí eu fiz algumas questões desse texto, mas antes questioneei da vida deles. Quantos brinquedos já construíram? O que é **brinquedo? Jogo? Esporte**? Eles estão no 4º ano. Por isso a base do texto 1. A questão do meu viés era **brinquedo tradicional**. Quantos brinquedos que eles construíram? Como construíram? Onde eles brincaram? Eles leram o texto, depois pontuei no quadro os principais problemas, os fatores que influenciam esses problemas e as soluções possíveis em relação aos dois, e aí cada grupo discutiu isso e depois expôs. Foi uma dinâmica bem legal. Eles conseguem trazer o conhecimento deles para sala de aula e juntar com a parte pedagógica. Eles conseguiram juntar a **teoria à vida cotidiana** deles nessa temática. Só que tem conteúdos que são mais complexos de fazer, outros são menos complexos.

FAZER COM QUE ELES PENSEM.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO HUMANA DELES.

Acredito que eles saem com um diferencial sim. Talvez no momento eles não se dão conta, principalmente no que se refere o lazer e recreação, mas depois que saem percebem. Assim, quando a gente os reencontra por aí, é que eles vêem que você foi importante. Eles começaram a ter uma **visão diferenciada** daquilo que eles tinham.

Eu achei legal quando um aluno meu, da parte do rendimento, foi para Florianópolis num evento, ele não valorizava minha disciplina e ele viu um tema que falava a questão da fisiologia e, como os adolescentes se eles rendiam melhor através do trabalho formal sistemático ou um trabalho recreativo visando caça-ao-tesouro, jogos recreativos.

Fiquei feliz porque foi num outro momento associar a disciplina a uma área que não é tão comum e trouxe o texto.

A minha maior **problemática** é a disciplina na grade curricular, da **forma** como ela está colocada, porque é um momento que eles estão preocupados com a monografia e o estágio e já deveriam ter esse conhecimento básico da recreação. Ta previsto projeto de extensão na escola e no bacharelado. Eles não têm entendimento nenhum do que é lazer, o que é recreação, muito menos dos elementos técnicos fundamentais para você planejar um programa, tanto na escola quanto com idosos e turmas especiais. Eu penso, agora com a **grade curricular** nova talvez melhore, mas afeta a disciplina a falta dos profissionais terem uma visão diferente. Por exemplo, quem trabalha com o futebol, o pessoal dessa área não consegue relacionar o futebol, enquanto conteúdo do lazer.

